

*Universidade Federal de Minas Gerais*  
*Departamento de Sociologia e Antropologia*

**Dissertação de Mestrado de Sociologia:**

***“Viver e Lutar no Sertão das Geraes - Mulheres Líderes num Contexto de Destradicionalização”***

**Orientadora: Profa. Dra. Neuma Figueiredo de Aguiar**

**Aluna – Elizabeth Maria Fleury Teixeira**

**2013**

***“Oh! Mana, deixa eu ir, Oh! Mana eu vou só, Oh! Mana, deixa eu ir para o sertão do Caicó”***( Heitor Villa Lobos Bachianas Brasileiras No. 4, III Aria).

## *Dedicatória*

*Dedico esse estudo à luta das mulheres brasileiras e latino-americanas.*

*Também dedico a meus pais, irmãos e irmãs, com quem compartilhei a vivência do sertão mineiro, com as memórias doces de frutas e afetos, a lembrança dura de certas formas de opressão e submissão que nos rodeava a todos, misturadas às angústias, lutas e surpresas que nos trouxeram ao presente.*

*E, não menos importante, dedico esse estudo a meu filho Francisco, herdeiro de memórias alegres, de outras menos alegres, herdeiro das fragmentações do presente, mas também das promessas onde se inscreve o futuro.*

## **Agradecimentos**

*Sempre teremos toda uma vida para agradecer os momentos importantes que nos empurraram para estar aqui e agora. Mas há pessoas e nomes e fatos que devemos referir para não deixar escapar esse momento e tudo o que ele nos traz de experiência, enriquecimento intelectual e possibilidade de crescimento. Então, estar presente na Universidade Federal de Minas Gerais, no Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas compartilhando com velhos amigos e novos mestres, memórias dos tempos duros da militância que se infiltravam em meio às discussões teóricas mais rigorosas nos trouxe momentos de indescritível emoção. Isso misturado à experiência de estar de certa forma aprendendo o novo e organizando pensamentos e saberes, vividos em quatro décadas de trabalho e leituras em diversas esferas da vida – em grupos de jovens na adolescência, na luta estudantil, na militância por democracia e pelos direitos das mulheres, no jornalismo, na literatura, em minha instituição de pesquisas onde estou há 25 anos, a Fiocruz. Ali pude (posso) usufruir e aprender com a experiência de uma casa que conjuga ensino, pesquisa e produção, além de intervenção social em comunidades de seu entorno. Uma esfera acadêmica de mestres das ciências biomédicas e sociais, onde assisti as primeiras defesas de mestrado e doutorado e conheci mais profundamente discussões e embates na descoberta dos caminhos da pesquisa nas ciências sociais. Nessa trajetória também houve a interessante vivência de estar com os colegas no mestrado, dez moças e rapazes, a maioria graduada em Ciências Sociais e na própria UFMG, que trazia o frescor dos vinte e poucos anos para perto de minha experiência e compreensão de mundo. É preciso referir ao apoio da direção do meu atual instituto de pesquisas, René Rachou ou Fiocruz Minas, onde obtive incentivo pessoal dos pesquisadores Rodrigo Oliveira (então diretor) e Zélia Profeta (vice de então e atual diretora), e apoio concreto para a realização dessa pesquisa na logística de transporte e diárias de viagem. Às minhas bolsistas de então em outro projeto, Simone Oliveira e Isabela Chimeli, pela solidariedade e escuta nos momentos difíceis. E um agradecimento muito merecido à paciência, clareza e à grande experiência como mestra e pesquisadora à minha orientadora, profa. Dra. Neuma Figueiredo de Aguiar. Também não posso esquecer a cessão tão gentil dos dados iniciais que esse estudo utiliza, feita pelo Nepem-UFMG, na figura de sua coordenadora, a profa. Dra. Marlise Matos. E, finalmente, um agradecimento muito caloroso às mulheres que doaram seu tempo e histórias para que essa pesquisa efetivamente acontecesse. E a uma certa gatinha chamada Luna, que não quis ficar de fora da história, posto que colocava sempre sua patinha atrás do notebook de trabalho constante, para que seu carinho não fosse esquecido.*

*Sumário –*

<i>. Dedicatória - .....</i>	<i>pág.03</i>
<i>. Agradecimentos - .....</i>	<i>pág. 04</i>
<i>. Capítulo 1 – Introdução e Bases Teóricas .....</i>	<i>pág. 06</i>
<i>. Capítulo 2 – Abordagem Metodológica .....</i>	<i>pág. 23</i>
<i>. Capítulo 3 – Uma Centena de Mulheres.....</i>	<i>pág. 38</i>
<i>. Capítulo 4 – Viver e Lutar no sertão das Geraes.....</i>	<i>pág.63</i>
<i>. Capítulo 5 – Conclusões .....</i>	<i>pág. 107</i>
<i>. Referências Bibliográficas -.....</i>	<i>pág. 112</i>
<i>. Anexos – .....</i>	<i>pág. 114</i>

# Capítulo 1

## Introdução e Bases Teóricas

## INTRODUÇÃO

Essa pesquisa foi proposta para analisar o fenômeno do surgimento da figura de mulheres líderes não nas grandes metrópoles, mas no interior do país, a partir das mudanças significativas que aconteceram no Brasil desde o início da década de 80, portanto há cerca de trinta anos. O pressuposto é que as consistentes transformações que se passam nesse momento no interior do país resultam dessa combinação do renascimento de lutas sociais significativas - a reorganização dos movimentos de trabalhadores, a ação de grupos mais à esquerda, e também de intelectuais, jornalistas e artistas no país, ao final dos anos 70, e a marcante atuação dos movimentos de mulheres e do movimento feminista brasileiro -, numa lenta retomada da democracia à sociedade brasileira, processo no qual as mulheres tiveram uma participação reconhecida. A partir das transformações produzidas pela redemocratização, vivida em diversos países da América Latina nas últimas décadas é que recortamos esse fenômeno do surgimento das mulheres líderes. Em termos jurídicos, há também o registro da Constituinte de 1988, que trouxe consistentes mudanças, construindo-se ali uma delimitação legal dos direitos das mulheres.

Essas transformações, que inicialmente se observam nas grandes metrópoles, ao longo das últimas quatro décadas chegaram de uma forma ou de outra às cidades de porte médio e às pequenas comunidades do interior do país. Funcionando como reflexo destas modificações, algumas estruturas governamentais começaram a surgir dedicadas a pensar políticas públicas na área da mulher - primeiro os estados e depois os municípios passaram a abrigar essas configurações estatais, que participam do processo e foram também a própria expressão dessas transformações. Os conselhos estaduais de direitos da mulher, inicialmente criados apenas em Minas e São Paulo (em 1983, no início dos governos Tancredo e Montoro)<sup>1</sup>, foram as primeiras estruturas a emergir desse quadro, sendo seguidas pela criação do Conselho Nacional de Direitos da Mulher (1985, gov. Sarney), e Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher (2002, gov. Lula), tornando-se depois Secretaria Especial de Políticas Para Mulheres (2003, gov. Lula) e Secretaria de Políticas Para Mulheres (2011, Gov. Dilma). Destinadas a pensar e agir sobre a realidade nacional, essas estruturas estatais expressaram as transformações que se inscreviam no quadro geral das mudanças trazidas pela redemocratização e pelos fenômenos próprios da modernidade, resultado de profundas modificações econômicas, sociais e culturais, que se deram em todo o mundo ao longo dos anos 70, 80 e 90.

Afirmamos com Brabo (2006:03)<sup>2</sup> que “o movimento feminista desvelou uma sociedade duramente hierárquica, autoritária e preconceituosa, na qual as relações sociais

---

<sup>1</sup> **BLAY, E. A.** . *Mulheres e Participação Política no Brasil*. **Boletim de Geografia Teorética**, v. 22, p. 313-317, 1992. **E ainda: DUARTE, CARMO & LUZ** in *Mulheres em Minas: Lutas e Conquistas*. Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais – 25 anos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 2008.

<sup>2</sup> **BRABO, T. A. M.**. *Movimento Feminista no Espaço Público: um exemplo de participação política*, **V Encontro Internacional Fazendo Gênero**. Florianópolis, Santa Catarina, 2002.

de gênero são desiguais. Reivindicando os direitos humanos e a cidadania, criou uma nova política, que foi exercida em todos os âmbitos da sociedade, inclusive na educação e nos partidos políticos”.

A contribuição das feministas ao fazer político é um dos aspectos importantes da luta das mulheres, conforme nos chamam atenção diversas autoras<sup>3</sup>. Aspecto também registrado por Brabo (2006)<sup>4</sup>: “*Através de formas novas e ousadas o movimento feminista tem desencadeado ações políticas que buscam a conquista e garantia de direitos e tem demonstrado que as mulheres exercem importante papel no espaço público, culturalmente destinado aos homens*”. Historiando a trajetória do movimento feminista e de mulheres, estas e outras autoras registram a entrada de novos atores no cenário político dos anos 80: o movimento de mulheres, o movimento negro e os movimentos sociais do campo, além do movimento dos povos indígenas, mostrando a existência de conflitos múltiplos, do preconceito e do aviltamento de seus direitos. Brabo (2006:02) chama atenção para uma característica política geralmente apontada como a mais importante contribuição do movimento feminista: mostrar a viabilidade de desenvolver práticas democráticas (conflito/diálogo) de ação. “Também trouxe à tona o modo como a sociedade brasileira vive suas representações e organiza as oportunidades sociais, segundo a desigualdade ideológica, simbólica”.

Como outros movimentos sociais, os movimentos de mulheres, de acordo com Soares (1998:38)<sup>5</sup>, são considerados movimentos não clássicos, na medida em que transcorrem nas esferas não-tradicionais de organização e ação política – “a novidade é que tornaram visíveis a prática e a percepção de amplos setores sociais que geralmente estavam marginalizados da análise da realidade social, iluminaram aspectos da vida e dos conflitos sociais em geral obscurecidos e ajudaram a questionar velhos paradigmas da ação política”. Na visão defendida por Soares (1998), uma das principais contribuições do movimento de mulheres foi o de evidenciar a complexidade da dinâmica social e da ação dos sujeitos sociais, e a existência de uma grande heterogeneidade de campos de conflito. Esta ação política transformadora das mulheres foi uma das forças que atuou no Brasil dos anos 60 até hoje, participando de um movimento geral que visava importantes transformações que só as gerações de hoje estão podendo de fato conhecer.

---

\_\_\_\_\_, T. A. M.. 2006. *A Pedagogia do Movimento Feminista na Luta contra o Preconceito e pelos Direitos das Mulheres*, in **Anais do VI Encontro Regional de História**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>3</sup> Ver: GARCIA DOS SANTOS, Y. 2006. *A Implementação dos órgãos governamentais de gênero no Brasil e o papel do movimento feminista: o caso do Conselho Estadual da Condição Feminina de São Paulo*. In: **Cadernos Pagu**, Unicamp, no. 27, Campinas, SP. E também: COSTA, A.A. 2005. O Movimento Feminista no Brasil: dinâmica de uma intervenção política. **Revista Gênero**, Niterói, UFF, v.5,n.2, p.9-35.; E ainda: PINTO, C.J. 1984. *Participação Política da mulher no Brasil: limites e perspectivas*. In: SAFFIOTI, H. **Mulher Brasileira é Assim**. Rio de Janeiro. Rosa dos Tempos: Brasília: Unicef.

<sup>4</sup> BRABO, T.A. M.. Op. citada, 2002.

<sup>5</sup> SOARES, V.. *Muitas Faces do Feminismo no Brasil*. In: **Mulher e Política - Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores**, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1998.

Como resultado de uma destas políticas públicas dedicadas às mulheres, tivemos a oportunidade de participar da criação de um curso dirigido a mulheres líderes, recentemente em 2008, a meses da realização de eleições municipais no país. O objetivo do curso, financiado pela esfera federal, aqui em Minas realizado pelo NEPEM-UFMG<sup>6</sup> com nossa colaboração, era melhor qualificar mulheres líderes, pré-candidatas indicadas por seus partidos, para a disputa eleitoral. Nesse episódio, pudemos entrar em contato com mulheres do interior que vivem estes processos de transformação, expressando com suas vivências a complexidade destes fenômenos nos quais estão profundamente envolvidas e não somente como seu resultado ou sua causa (conf. Giddens<sup>7</sup>, 1992; Bourdieu<sup>8</sup>, 1998; Perrot<sup>9</sup>, 2007). Ao encontrar mulheres que enfrentam conflitos e densidades que estes fenômenos implicam, pudemos vislumbrar os sinais de um processo de mudança social no qual estas mulheres líderes emergem trazendo uma carga de contradições, complexidades e revelações que interessa compreender melhor.

Por esta razão, retomei essa experiência produzindo uma pesquisa partindo de informações colhidas na base de dados de 2008<sup>10</sup>. Essa base de dados constitui um marco inicial de minha pesquisa, sendo o primeiro questionário aplicado a mulheres líderes do interior do Brasil de que se tem notícia<sup>11</sup>, que foi analisado e incorporado ao estudo atual. Em seguida, partimos para um trabalho de campo em uma das regiões onde esse curso foi realizado – a Região Leste de Minas. O objetivo foi tentar compreender mais ampla e profundamente este fenômeno - a emergência de mulheres líderes no interior de Minas - a partir da vivência de uma amostra selecionada constituída inicialmente de algumas ex-alunas do curso, e ainda de variados perfis de mulheres líderes que vivem e atuam nas pequenas comunidades daquela região leste, incluindo também donas de casa indicadas por elas, que levam uma vida mais no âmbito doméstico. Isto é, vivem uma experiência mais concentrada na vida privada, enquanto aquelas mesclam as duas experiências – vida pública e vida privada.

---

<sup>6</sup> Curso de Capacitação de Mulheres Líderes – I Lidfem, UFMG, 2008. O curso foi realizado em cinco cidades pólo de cinco regiões de Minas: Montes Claros, Região Norte; Governador Valadares, Região do Médio Rio Doce; Ipatinga, Vale do Aço; Belo Horizonte, capital, e Cataguases, Zona da Mata.

<sup>7</sup>GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo. Unesp, 1991. E ainda: GIDDENS, A. Entrevista in *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1992 – pág. 291 a 305.

<sup>8</sup> BOURDIEU, P. 1999. *A Dominação Masculina*. Editora Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

<sup>9</sup> PERROT, M. 2007. *Minha História das Mulheres*. Editora Contexto, São Paulo.

<sup>10</sup> Os dados foram levantados com a aplicação de um questionário estruturado junto a todas as 107 alunas do I Lidfem (I Curso Teórico-Feminista de Mulheres Líderes), cujas respostas constituíram uma pequena base de dados montada por bolsistas do NEPEM-UFMG (Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre a Mulher), responsável pela realização desse curso em cinco regiões de Minas.

<sup>11</sup> Mulheres líderes do interior de Minas, neste caso.

Partimos do pressuposto de que as comunidades inicialmente escolhidas - Sobrália<sup>12</sup> e a vizinha Governador Valadares<sup>13</sup>- poderiam apresentar diferenças de estágio de desenvolvimento, crescimento e diferenças culturais, de cuja análise comparada a pesquisa poderia se beneficiar. A partir das primeiras viagens realizadas no início dos trabalhos de campo<sup>14</sup>, concluímos que o sensato seria estender a pesquisa a outras localidades vizinhas a Valadares, não nos restringindo a apenas à pequenina Sobrália, visto que o fenômeno da liderança de mulheres se multiplicava pela região como um todo.

### **Conceitos de Liderança -**

Em nossa pesquisa adotamos uma visão do fenômeno da liderança a partir de uma abordagem antropológica desse processo. Conforme C. I. Barnard, (para quem liderança se refere a situações em que “indivíduos guiam pessoas ou suas atividades num esforço organizado”)<sup>15</sup>, qualquer situação concreta de liderança envolverá, naturalmente elementos de influência informal, domínio emocional e autoridade. Barnard registra que o conceito de liderança se aproxima, por um lado, de outros tipos informais de influência sem importância fundamental para o esforço coletivo; reforçando, por outro lado, que seu conceito de liderança se aproxima da dominação e da autoridade formal. Esse raciocínio nos remete aos conceitos de dominação desenvolvidos por Weber no clássico “*As Três Tipos Puros de Dominação Legítima*”, artigo em que apresenta sua célebre tipologia (dominação legal, dominação patriarcal/tradicional e dominação carismática) e onde as teorias organizacionais (além das ciências sociais e antropologia também) foram buscar muitas de suas referências para estudos contemporâneos.

De volta à discussão feita pela antropologia em torno desse conceito, liderança denota a ocupação de um status e o desempenho ativo de um papel que mobiliza um esforço coletivo e voluntário mais ou menos organizado para a obtenção de metas e objetivos comuns<sup>16</sup>. O que a teoria diz é que a liderança ocorre ou é inerente a um sistema social específico - a partir de um papel que é desempenhado por alguém. Em nosso caso o sistema social específico, que é o ponto de vista adotado por nós nesse estudo, está em

---

<sup>12</sup> Uma pequena cidade do Médio Rio Doce, em Minas, com população estimada em cerca de seis mil habitantes em 2004. É uma cidade entre montanhas e que na época da fundação tinha o formato da orquídea sobrália, de onde se originou seu nome. Há versões no entanto, de que seu nome é uma homenagem ao jurista Sobral Pinto. Sobrália tem quatro partidos políticos (PPS, PR, PSDB, e PMDB), contando com uma Câmara composta por nove vereadores, dos quais quatro são mulheres. Câmara que ainda depende financeiramente da prefeitura. Conta ainda com os Conselhos Municipais de Educação, Saúde, de Alimentação Escolar, Agricultura Sustentável, FUNDEB, em pleno funcionamento.

<sup>13</sup> Uma expressiva cidade de porte médio do Leste de Minas, da região do Médio Rio Doce, com mais de 600 mil habitantes.

<sup>14</sup> Indo várias vezes de Belo Horizonte para Governador Valadares e arredores usando veículo cedido pela Fiocruz-Minas, que apoiou todo o período de minha pesquisa de campo e análise de resultados.

<sup>15</sup> BARNARD, C. I. *Organization and management*. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1948. P. 83. Apud *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª. ed.1987. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

<sup>16</sup> Conf. *Dicionário de Ciências Sociais*. 2ª. ed.1987. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

mutação. Isto é, há mulheres que são líderes dentro de um sistema social em transformação [o patriarcado ainda em ação na vida contemporânea], conforme Patman<sup>17</sup>, Walby<sup>18</sup>, e a própria transformação da vida contemporânea em si. Neste caso, adotamos uma visão da complexidade de um sistema [a modernidade tardia] que por sua vez guarda características de outro sistema arcaico [o patriarcado] e que apresenta características que levam a outras transformações [a segunda modernidade ou a modernidade dentro da modernidade], conforme Beck, Giddens e Lash<sup>19</sup>.

Um resumo de estudos que tentam definir os traços pessoais de liderança conclui que ela é “uma relação que existe entre pessoas numa situação social e que pessoas que são líderes numa situação podem não o ser, forçosamente, em outras situações”<sup>20</sup>. Esse teórico, R. D. Stogdill (1948), definiu quatro elementos a que os autores estudados por ele dão ênfase em graus variados nessa conceituação de liderança, a saber: a) desempenho de um papel b) cuja influência é c) fundamental no que diz respeito à d) ação coletiva. A liderança é sempre *ação efetiva*, e não mero prestígio, talento ou competência, registraram H. D. Lasswell e A. Kaplan<sup>21</sup>. A liderança, além disso, envolve *interação social*. A manifestação do comportamento de liderança pode ser observada apenas em relação a outras pessoas que agem em resposta ao líder e que são chamadas coletivamente de seguidoras, conforme registra A. W. Gouldner<sup>22</sup>, considerando “o líder como qualquer indivíduo que estimula uma padronização do comportamento de um grupo” que constitui seus seguidores, mas não forçosamente o grupo como era constituído antes.

O terceiro elemento do uso do termo [liderança] é o requisito de que o *líder ocupa uma posição de centralidade* no sentido de que é o ponto focal da atividade do seu grupo. O líder frequentemente inicia a ação pelo grupo, sem esperar sugestões de seus seguidores. Um exemplo é a descoberta de W. F. Whyte, de que “um seguidor pode originar ação pelo líder num acontecimento dual (que ocorre entre duas pessoas), mas não origina ação pelo líder e outros seguidores ao mesmo tempo. Em outras palavras, não origina ação num acontecimento plural (para dois ou mais) que inclua o líder”<sup>23</sup>. No quarto tópico da discussão, os autores reforçam o pressuposto de que a *influência central da liderança* deve estar *relacionada* com a *ação coletiva*<sup>24</sup>. A proposição de H. D. Laswell e A. Kaplan, de que “os seguidores identificam-se com o líder e adotam suas

---

<sup>17</sup> PATEMAN, C. 1988; 1993. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

<sup>18</sup> WALBY, Sylvia. *Theorizing Pathriarchy*. Häftad. BLACKWELL PUBLISHERS. 1990. 1994.

<sup>19</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, 1995. Scott. *Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

<sup>20</sup> STOGDILL, R.M. *Personal factors associated with leardership: survey of the literature*. In: *The jornal of psychology*. 1948. V. XXV, p. 65.

<sup>21</sup> LASSWELL, H. D. e KAPLAN, A. *Power and society*. New Haven, Yale Univ. Press, 1950. p. 152.

<sup>22</sup> GOULDNER, A. W. *Studies in leadership*. New York, Harper, 1950. P.17.

<sup>23</sup> WHYTE, W. F. *Street corner society*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1943. P. 262.

<sup>24</sup> Grifos meus.

perspectivas”, fecha este último requisito, exemplificado aqui por essa perspectiva dos autores.

### ***Perguntas de pesquisa e estrutura dos capítulos -***

A decisão de pesquisar o tema da liderança de mulheres destas cidades do interior de Minas, localizadas no Médio Rio Doce, tem razões objetivas: naquelas pequenas comunidades organizadas em torno de atividades da vida rural e alguma atividade de serviços, traço próprio já da vida urbana, desenvolve-se há algumas décadas, em geral com apoio das comunidades eclesiais de base, lutas pelo protagonismo de grupos excluídos, crescendo a ação de mulheres líderes constituídas no interior mesmo deste processo<sup>25</sup>. A maior cidade da região (de porte médio), Valadares é uma cidade onde movimentos sociais e partidos políticos tiveram e têm um papel de relevo no avanço das estruturas democráticas<sup>26</sup>. Acreditamos, portanto, que foi oportuna a possibilidade de ampliar os estudos existentes sobre o tema, na medida em que Matos, Cypriano e Brito (2007)<sup>27</sup> registram que os “estudos sobre a participação política das mulheres são ainda pouco expressivos” e também mencionam a existência de “poucas referências teóricas e escassos estudos empíricos”. Desta forma, essa pesquisa poderá auxiliar na compreensão dos fenômenos [emergentes] em questão, lembrando que a dimensão de liderança à qual estamos nos referindo é anterior e posterior à dimensão exclusivamente político-partidária do tema. Em outras palavras, vemos liderança como um processo de construção sócio-política de protagonismo de grupos e sujeitos em busca de seu espaço na vida social e não um processo única e exclusivamente exercido dentro do espaço formal político-partidário.

Ao partir para a pesquisa de campo e, mais tarde, para a análise das duas amostras colhidas – a base de dados de 2008 e as entrevistas realizadas em 2012 no Leste de Minas – as perguntas de pesquisa que nortearam nossas preocupações foram:

- 1. Quem são estas mulheres líderes do interior?***
- 2. Em que circunstâncias surge esse fenômeno?***
- 3. Do ponto de vista de sua organização familiar e cultural, como cada mulher vive a situação de se tornar uma líder?***

---

25 Conforme relatos das próprias mulheres líderes rurais, em julho de 2008 em Governador Valadares, durante o I Curso de Capacitação Político Feminista de Mulheres Líderes, NEPEM-UFMG e patrocinado pela Secretaria Especial de Política para Mulheres. A autora dessa pesquisa colaborou na criação e coordenação desse curso.

26 Dez partidos políticos atuam em Governador Valadares - PT; PSDB; PTB; PNM; PDT; PSB; PRTB; DEM; PSDC e PV. A atual prefeita de Governador Valadares, ex-deputada estadual, é a engenheira civil Elisa Maria Costa, do PT. Foi eleita em 2008 com 49,09% dos votos válidos. Foi reeleita em 2012.

27 MATOS, CYPRIANO e BRITO. Cotas de Gênero para o reconhecimento das Mulheres na Política: Um estudo comparado de ações afirmativas no Brasil, Argentina e Peru, *in XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. 2007, UFPE, Recife (PE).

#### ***4. O que pensam e propõem estas líderes sobre algumas questões que envolvem a vida e o futuro das mulheres no Brasil?***

No **Capítulo 1**, fazemos a introdução ao problema de pesquisa, bem como apresentamos as bases teóricas da proposta. No **Capítulo 2**, fazemos uma discussão sobre métodos de pesquisa, dando um balanço na discussão teórica que se desenvolve nesse momento nas áreas acadêmicas e apresentamos argumentos para defender o método que achamos mais adequado ao nosso estudo. Fizemos um resumo da discussão teórica de metodologias integrativas traçada por Benz & Newman, descrição do *continuum interativo* – detalhes das escolhas metodológicas feitas e a justificativa disso, descrição de como foi sendo construída a metodologia para esta pesquisa especificamente. No **Capítulo 3**, é apresentada a análise da base de dados de 2008, construída a partir da aplicação de um questionário estruturado às alunas do I Curso LIDFEM. Nesse momento da análise da base de dados, tabelas foram construídas e seus resultados analisados nesse capítulo. Desta forma pudemos fazer a discussão do perfil socioeconômico das 107 mulheres consultadas, bem como de suas opiniões e propostas para o futuro das mulheres de sua região. No **Capítulo 4**, apresento a análise das entrevistas realizadas em 2012, na Região Leste, Médio Rio Doce, nas cidades de Governador Valadares, Sobrália, Engenheiro Caldas, Tumiritinga, assentamentos de reforma agrária e sítios da região. Fez parte disso a criação de tabelas “qualitativas” construídas no processo de análise das informações colhidas por nossa pesquisa nessas entrevistas. A partir do uso destas que estamos chamando de “tabelas de análise qualitativa” ou simplesmente “tabelas qualitativas” pudemos organizar e aprofundar a análise do perfil socioeconômico das 24 mulheres encontradas, bem como de suas opiniões e propostas para o futuro das mulheres das localidades onde vivem. E, finalmente no **Capítulo 5**, apresento as conclusões.

#### **Bases Teóricas**

Existem três vertentes explicativas que iremos recortar do grande universo das produções teóricas para nortear as discussões que nosso estudo propõe. A própria redemocratização da América Latina aparece no horizonte teórico que escolhemos, até pela experiência recente (em termos históricos) das ditaduras implantadas pelos regimes militares dos anos 60-70. Aqui os movimentos feministas e de mulheres, trazem as marcas dessa experiência política<sup>28</sup>. Por isso para nós, latino-americanos, o retorno às democracias aparece como uma matriz explicativa na discussão da emergência das mulheres líderes. Além da redemocratização, dois processos - a *permanência* e a *mudança* – estão na base da discussão teórica de nosso estudo. Dois fenômenos que aqui são discutidos respectivamente pela teoria feminista (a permanência do patriarcado nas estruturas modernas) e pelos teóricos da modernidade reflexiva (as mudanças que a “modernização da modernidade” ou “segunda modernidade” implicam nas estruturas que

---

<sup>28</sup> FLEURY-TEIXEIRA, E. M., 2007. *As Mulheres no Estado ou o estado das Mulheres*. Monografia de conclusão da Pós-Graduação em Ciência Política, Especialização em Políticas Públicas. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.

conhecemos até agora e nas microestruturas da convivência familiar e social). Portanto, ao falar da vida de mulheres líderes nas localidades mais distantes, no chamado “Brasil profundo” ou sertão, estaremos ao fim e ao cabo, fazendo a discussão do que faz o mundo permanecer como está ou do que faz com que ele mude.

### *Aquilo que muda -*

O fenômeno da “destraditionalização” é descrito no interior da teoria da modernidade reflexiva. O que Beck (1986)<sup>29</sup>, - e junto com ele, Giddens e Lash<sup>30</sup> - propõem é uma visão de continuidade da modernidade que se iniciou na transição do modelo feudal para o modelo capitalista e que na vida contemporânea se apresenta sob novas características. Seria uma “modernidade tardia”, diz Beck, uma sociedade do risco. Tudo isso em um modelo globalizado de produção da riqueza - que mantém a desigualdade, característica que funda a industrialização da primeira modernidade, ou seja, mantém a distribuição desigual da riqueza produzida em seu bojo e socializa os riscos. Beck (1986/2010:23) registra que faz uma discussão dos problemas que surgem na transição do modelo de produção da riqueza na sociedade da escassez para o modelo de distribuição de riscos na modernidade tardia.

Com modos de vida marcados por transformações, o conceito desta nova modernidade, conforme Giddens (1991) está baseado na separação entre tempo e espaço, que propicia meios de zoneamento preciso temporal e espacial, sendo pré-condição para o *desencaixe*. *Desencaixe* refere-se ao “*deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espaço*” (GIDDENS, 1991:29)<sup>31</sup>. A dinâmica que marca esta *segunda modernidade* estaria baseada também no desenvolvimento de mecanismos deste *desencaixe*, retirando a atividade social dos contextos localizados e reorganizando-a através de grandes distâncias tempo-espaciais (op. cit., 1991). O elemento fundamental da formação da comunidade, que é o sentimento de pertencer, “*desencaixa-se*” da localização geográfica e temporal e reforça-se a ideia de que as pessoas podem ter todo tipo de experiência comunitária, independente de estarem vivendo ou não próximas umas das outras. O que não implica na substituição de um tipo de relação (de proximidade), por outro (à distância), mas possibilita a co-existência de ambas as formas, sendo o sentido de ligação comum às duas. Baseia-se ainda, na apropriação reflexiva do conhecimento, onde a própria produção de conhecimento sistemático torna-se integrante da reprodução do sistema, deslocando a vida social para fora de padrões relacionados à tradição.

---

<sup>29</sup> Sistemáticamente a *produção social de riqueza* é acompanhada pela *produção social de riscos* nos diz Beck. Conseqüência disto: “(...) problemas e conflitos distributivos da sociedade da escassez sobrepõem-se aos problemas e conflitos surgidos a partir da produção, definição e distribuição de riscos científico-tecnologicamente produzidos”. *Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade*. Alemanha. 1986.

<sup>30</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, 1995. *Scott. Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

<sup>31</sup> GIDDENS, A. *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo. Unesp, 1991.

Haveria, conforme Beck (1986), duas condições que permitem reconhecer essa transição de um modo de produção para outro:

*Primeira condição- “Ela consoma-se (...) quando e na medida em que, através do nível alcançado pelas forças produtivas humanas e tecnológicas, assim como pelas garantias e regras jurídicas e do Estado Social, é objetivamente reduzida e socialmente isolada a autêntica carência material”. Segunda Condição – “(...) essa mudança categorial deve-se simultaneamente ao fato de que, a reboque das forças produtivas exponencialmente crescentes no processo de modernização, são desencadeados riscos e potenciais de auto-ameaça numa medida até então desconhecida”.*

Tendo em vista que sua análise registra a transição de um modelo a outro, o teórico adverte que as características de um modelo [da modernidade simples] se “sobrepõem” às características desta nova modernidade, argumentando que as relações com os riscos potenciais da modernidade tardia ou segunda modernidade ou modernidade reflexiva não são idênticos conforme o estágio de desenvolvimento e/ou escassez de determinadas regiões do mundo. Conforme Beck (1986)<sup>32</sup>, fases específicas [do processo de modernização] se relacionam sistematicamente com paradigmas da desigualdade social: a) a distribuição e os conflitos distributivos em torno da riqueza socialmente produzida ocuparão o primeiro plano enquanto em países e sociedades (“*atualmente, em grande parte do assim chamado Terceiro Mundo*”); b) o pensamento e a ação das pessoas forem dominados pela evidência da carência material, pela “*ditadura da escassez*”.

*“Em tais circunstâncias, na sociedade da escassez o processo de modernização encontra-se, consoma-se sob a pretensão de abrir com as chaves do desenvolvimento científico-tecnológico os portões que levam às recônditas fontes da riqueza social. Essas promessas de libertação da pobreza e da sujeição imerecida estão na base da ação, do pensamento e da investigação com as categorias da desigualdade social, abarcando, na verdade, desde a sociedade de classes, passando pela sociedade estratificada, até a sociedade individualizada”.*

Na modernidade simples, como analisavam Marx e Weber, as estruturas se construíram em torno dos conceitos de “indústria” ou de “sociedade de classes”, engendrando um tipo histórico de pensamento e ação em torno da questão de como a riqueza socialmente produzida pode ser distribuída de forma socialmente desigual e ao mesmo tempo “legítima”. Para Beck, na modernidade tardia, este processo é relativizado ou recoberto por outro, coincidindo com um novo paradigma, o da sociedade de risco, que se apoia fundamentalmente na solução de um problema similar e, no entanto, inteiramente distinto:

*“Como é possível que as ameaças e riscos sistematicamente co-produzidos no processo tardio de modernização sejam evitados, minimizados, dramatizados, canalizados e, quando vindos à luz sob a forma de “efeitos colaterais latentes”, isolados e redistribuídos de modo tal que não comprometam o processo de modernização e nem as fronteiras do que é (ecológica, medicinal, psicológica ou socialmente) “aceitável”? (BECK, 1986).*

---

<sup>32</sup> BECK, U. in *Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade*. Alemanha. 1986.

Para Marx, dois mecanismos garantiam [e garantem] aquele processo característico do capitalismo [a legitimação da distribuição desigual da riqueza produzida] e sobre isso muito já se escreveu. Porém, o fenômeno descrito por Marx no século XIX assemelha-se ao que Beck descreve para responder sua pergunta central. Isto é, Beck usa a mesma chave de Marx, que descreveu no passado os primeiros conflitos distributivos (que segundo Beck se mantêm, mas não são o risco maior desta vez e escondem os outros problemas não mais do passado, mas de um futuro próximo). Além da discussão que Beck faz desta segunda modernidade, ou modernidade tardia, com suas características de risco, o teórico se preocupa em descrever também o mecanismo de ocultação dos riscos produzidos pelo desenvolvimento tecnológico. Este mecanismo [que para Marx teria uma natureza ideológica e outra institucional] manteria o atual modelo de modernidade (do ponto de vista de sua dinâmica econômica) em amplo funcionamento.

Para Beck essa parece ser uma preocupação quase tão central quanto a de analisar as características desta nova modernidade e seus riscos semi-ocultos. A partir da pergunta fundadora da discussão que empreende, Beck tenta mostrar que o problema que Marx e Weber analisaram não é mais o mesmo [é mais complexo e potencialmente perigoso, mortal]. E que uma importante característica da segunda modernidade é desenvolver processos para garantir que os riscos sejam vistos como “efeitos colaterais latentes”, controláveis e previstos no processo:

*“Não se trata mais, portanto, ou não se trata mais exclusivamente de uma utilização econômica da natureza para libertar as pessoas de sujeições tradicionais, mas também e sobretudo de problemas decorrentes do próprio desenvolvimento técnico-econômico. O processo de modernização torna-se “reflexivo”, convertendo-se a si mesmo em tema e problema”* (Beck, 1986:24).

Há consenso nas ciências sociais sobre a ideia de que o mundo ocidental sofreu uma transformação profunda ao passar da sociedade feudal e agrária para a capitalista e industrial. Nasce aí o que se convencionou chamar de modernidade, que estabeleceu uma nova forma de produção e distribuição da riqueza e novas relações sociais, onde a produção estava associada à desigualdade. Para Beck esta “primeira modernidade” deu origem a uma sociedade [europeia] de Estados nacionais, dotada de estruturas coletivas, pleno emprego, rápida industrialização, exploração da natureza não “visível” [do subsolo]. Beck registra que o modelo da primeira modernidade - que denominou também de modernidade simples ou industrial - tem profundas raízes históricas. Afirmou-se na sociedade europeia, através de várias revoluções políticas e industriais, a partir do século XVIII.

*“Hoje, no fim do milênio, encontramos-nos diante daquilo que eu chamo de “modernização da modernização” ou “segunda modernidade”, ou também “modernidade reflexiva”. Trata-se de um processo no qual são postas em questão, tornando-se objeto de “reflexão”, as assunções fundamentais, as insuficiências e as antinomias<sup>33</sup> da primeira*

---

<sup>33</sup> Refere-se à categoria [antinomias/anomias] criada por Durkheim para descrever os problemas e conflitos próprios da sociedade que produz a divisão do trabalho social.

*modernidade. E com tudo isso estão vinculados problemas cruciais da política moderna. A modernidade iluminista deve enfrentar o desafio de cinco processos: a globalização, a individualização, o desemprego, o subemprego, a revolução dos gêneros e, last but not least, os riscos globais da crise ecológica e da turbulência dos mercados financeiros.<sup>34</sup> Penso que se estão consolidando um novo tipo de capitalismo e um novo estilo de vida, muito diferentes daqueles das fases anteriores do desenvolvimento social. E é por este motivo que necessitamos urgentemente de novos quadros de referência, seja no plano sociológico, seja naquele político” (Beck, 1997-98)<sup>35</sup>.*

A partir da existência da sociedade de risco, da opinião pública mais crítica e dos sistemas peritos (especialistas que primeiro passam a ter o papel de avalistas da sustentação política do modelo e depois são deixados de lado num segundo momento), a teoria desenvolvida por Beck e Giddens, da modernidade reflexiva, propõe uma discussão da participação política, da reconstrução das fronteiras dos Estados nacionais e de todo um arcabouço de reestruturações que vai da teoria mais geral econômica e política, chegando à análise microsociológica da inserção dos indivíduos nesse processo que é novo, está inserido em estruturas ainda antigas e que se autodissolve para se recriar.

Giddens (1992)<sup>36</sup> registra que situa a teoria da estruturação [na qual coloca a teoria da modernidade reflexiva] dentro de um movimento de transição geral de todas as tradições de filosofia e teoria social em direção ao abandono da primazia do sujeito ou do objeto, o que envolve certos movimentos de mudança na física também.

*“Trata-se de dar relevo à recursividade, às condições de reprodução da vida social que emergem dela mesma, sem qualquer centro real. Portanto, trabalho realmente com uma dialética entre o sujeito e o objeto. Mas isso me parece meio vago. É preciso ser mais preciso. Eu tentaria sugerir que é necessário teorizar o que é o sujeito, o que é a ação, pois isso não é óbvio”. (GIDDENS, 1992: 292)”.*

A modernização reflexiva proposta por esses teóricos é um processo contínuo pouco percebido e praticamente autônomo de mudanças que afeta as bases da sociedade industrial. O próprio capitalismo - que forjou esta sociedade industrial - é agente de sua transformação. Assim, diante de uma realidade que não para de se alterar, as pessoas tendem a valorizar as antigas certezas da sociedade industrial criando momentos em que é necessário decidir entre uma convicção do passado e uma realidade transformadora. Esse confronto entre as convicções herdadas e as novas formas sociais conferem à modernização um caráter reflexivo.

---

<sup>34</sup> Grifos meus.

<sup>35</sup> Texto disponível na Internet: SWIF (<http://lgxserver.uniba.it>) \_ Web italiano para a Filosofia - Copyright 1997-1998 . Tradução provisória portuguesa de ASSMANN, S. J.- Florianópolis - UFSC - Depto. de Filosofia - julho de 2000. Consulta feita em setembro. 2011.

<sup>36</sup> GIDDENS, A. Entrevista in *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1992 – pág. 291 a 305.

### *Aquilo que permanece*

Numa outra corrente explicativa, registra Aguiar (1997)<sup>37</sup>, a teoria feminista retomou o conceito de patriarcado para identificar e especificar como o poder tem sido exercido por homens em relação às mulheres.

*“De início houve um intenso debate sobre a aplicação de um conceito tão antigo a situações contemporâneas. Temia-se que ao falarmos de um patriarcado nas sociedades capitalistas contemporâneas, estaríamos nos referindo a situações imutáveis, pouco afetadas por amplas transformações sociais, econômicas e políticas. Porém, análises mais recentes demonstram que sistemas políticos liberais que se mostraram particularmente críticos sobre a analogia entre o poder monárquico e as relações familiares pararam suas transformações no meio do caminho quando deixaram de fora da análise das relações entre homens e mulheres o que diz respeito ao uso da sexualidade” (Pateman, 1988 apud AGUIAR, 1997).*

Nos sistemas patriarcais, conforme Aguiar (1997), as mulheres são obrigadas a manter relações conjugais mesmo contra a própria vontade, no âmbito do casamento, ante a noção de dever conjugal (na esfera societária mais ampla observa-se a existência de estupro). Outro conjunto de obrigações das mulheres em relação aos homens, em uma situação assimétrica de poder, permeava os casamentos.

*Aos poucos, vários desses privilégios foram sendo objeto de luta pelo movimento de mulheres que lograram sua transformação. Tal situação de poder que é exercido sobre a sexualidade vincula-se à saúde reprodutiva das mulheres. A literatura feminista é persuasiva sobre o poder exercido pelos homens na vida contemporânea, como representando relações patriarcais. (AGUIAR, 1997).*

Os estudiosos do contrato, fenômeno que marca a transição para a era moderna e a vitória da posição liberal com as revoluções burguesas dos séculos 18 e 19, costumam dizer que a queda do patriarcado é um fato ocorrido há pelo menos 300 anos. No entanto, teóricas feministas inauguram uma nova discussão deste tópico já no final dos anos 60, retomando a visão de que o Patriarcado apenas mudou de formato, sobrevivendo à transição para as sociedades da era do contrato social (PATEMAN, 1988:15-38)<sup>38</sup>. Desde que se iniciou a construção da esfera pública como a conhecemos, com a constituição dos Estados democráticos, regidos por parlamentos construídos pelas revoluções burguesas, também data desta época a chamada “*primeira onda*” do movimento feminista, manifestação inscrita dentro da legitimação da figura da mulher no espaço público e dentro da luta pelos assim chamados direitos civis. Em que pese o espaço percorrido até aqui, quando as mulheres saíram da posição de excluídas da vida civil, para lentamente surgirem na arena pública, ainda permanece a exclusão em várias esferas comuns à vida masculina, entre elas postos elevados na esfera do trabalho e visibilidade na arena política.

---

<sup>37</sup> AGUIAR, Neuma. “Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro”. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

<sup>38</sup> PATEMAN, Carole. 1988; 1993. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.

A igualdade na esfera pública foi precedida pelo reconhecimento jurídico-formal da igualdade na esfera privada, hoje garantida por meios legais, ainda que talvez não o seja completamente no espaço da vida real e, portanto, no espaço do simbólico, do cultural. A teórica Carole Pateman (1988) assim se refere ao problema da construção do modelo de sociedade moderna com a exclusão das mulheres:

*“A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história, que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato. A liberdade civil não é universal – é um atributo masculino e depende do direito patriarcal (...) “A construção da diferença entre os sexos enquanto diferença entre a liberdade e a sujeição não é fundamental apenas para uma célebre história política. A estrutura de nossa sociedade e de nossas vidas cotidianas incorpora a concepção patriarcal de diferença sexual. (PATEMAN, 1993: 16-17 e 22)”*

Conforme Walby (1991:177)<sup>39</sup>, há seis estruturas que compõem o patriarcado moderno, e entre estas, a violência masculina é um importante pilar de sustentação do sistema patriarcal. Quando todas as outras instâncias de exclusão da mulher deixam de funcionar, a violência entra então como um importante fator para coibir o avanço das mulheres no processo de libertação de sua submissão. Ela registra:

*“Eu queria sugerir que as diferentes formas são dependentes da interação de seis estruturas-chave do patriarcado. Estas são (1) o modo patriarcal de produção; (2) relações patriarcais no trabalho pago; (3) relações patriarcais no Estado; (4) violência masculina; (5) relações patriarcais na sexualidade; (6) e relações patriarcais em instituições da cultura, incluindo religiões, mídia, educação. Em diferentes tempos e lugares, algumas das estruturas são mais importantes que outras. A eliminação de uma não faz com que ceda o sistema em seu conjunto. Logicamente isto poderá ter muitas formas, desde que eu identifiquei seis estruturas do patriarcado e dois outros sistemas maiores com os quais tem toda a articulação. Eu estou querendo sugerir que em recente História do Ocidente existem duas formas maiores, uma delas pode usualmente ser subdividida em duas. O propósito de fazê-lo é para demonstrar que o patriarcado não é a-histórico, um conceito universalista. Na verdade, eu estou argumentando que os diferentes aspectos da desigualdade de gênero são suficientemente interrelacionados para serem compreendidos em termos de um sistema do patriarcado”. (WALBY, S. 1990/94: cap. 8)<sup>40</sup>*

É um sistema complexo, que mesmo quando não pode mais recusar o reconhecimento de sua autonomia, como assinalou Guzmán (2001)<sup>41</sup>, legitima no interior do Estado apenas as agendas que tratam a mulher simbolicamente como objeto de proteção diante de sua vulnerabilidade. Trata-se, portanto, de uma dupla ação: de um lado, a violência surge como fenômeno que busca inibir a movimentação das mulheres em sua

---

<sup>39</sup> WALBY, Sylvia. *Theorizing Pathriarchy*. Häftad. BLACKWELL PUBLISHERS. 1990. 1994.

<sup>40</sup> WALBY, Sylvia. op. citada. 1990.1994.

<sup>41</sup> GUZMÁN, V.. La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis, in *SERIE Mujer y desarrollo* N° 32. Publicación de las Naciones Unidas, marzo de 2001:06. Impreso en Naciones Unidas, Santiago de Chile, CEPAL. *E ainda*: GUZMÁN, V.; Mauro, A.. (1999) *La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis*. Apud GUZMÁN, 2001.

reação contra a sujeição; de outro lado, a estrutura estatal passa a denunciar a violência praticada contra mulheres e esse discurso torna-se por assim dizer, o álibi governamental de inclusão das mulheres como desprotegidas, vulneráveis, buscando a proteção do Estado. Tendo em vista este fenômeno, entendemos que Minas Gerais pode ser um laboratório interessante de experimentação destas discussões e estudos, visto que desde agosto de 1980 a questão da violência doméstica constituiu-se num importante item da agenda dos movimentos de mulheres, tendo começado em Belo Horizonte o movimento reconhecido nacionalmente como “Quem Ama Não Mata”, de denúncia contra o assassinato de mulheres por seus maridos “em nome da honra”<sup>42</sup>.

### **Mulheres no Brasil -**

No Brasil, o fenômeno do feminismo e as rupturas que este movimento ajudou a realizar também é um fenômeno social registrado por muitos autores que discutem as modificações observadas na sociedade brasileira contemporânea.

*“O feminismo aparece com força inusitada no Brasil no final da década de 60 e, sobretudo a partir de 1975, quando foi instituída pela ONU a Década da Mulher. Neste ano, nasce no Rio de Janeiro, o Centro da Mulher Brasileira, primeira organização feminista do país, que tinha como proposta a formação de grupos de reflexão, provocando várias ações no sentido de tornar visível a questão feminina e combater o papel de subalternidade da mulher na sociedade. Nasce também os jornais alternativos com os mesmos propósitos e periodicidade variada, aliás, como todos os nanicos: o Brasil Mulher, no Paraná (depois transferido para São Paulo e com sucursais em outras cidades) (...) e o Nós Mulheres, nascido e criado em São Paulo, cuja vida durou oito números”. (SCHUMAHER e VARGAS,1993:348)<sup>43</sup>.*

Parte importante do tempo das mulheres ativistas era consumida com as chamadas “questões de fundo”, temas que na verdade poderiam juntar ou dividir os grupos e que tanto eram colocados por elas mesmas, como poderiam ser questões impostas por grupos políticos com os quais se relacionavam. É o que relatam Schumacher e Vargas (1993: 349), quando registram as perguntas que circulavam nos grupos de então:

*“Feminismo ou feminino? Luta geral ou luta específica? Da salvação do povo ou da classe operária – dependendo da linha política – para a salvação das mulheres e a derrocada do patriarcado. Por onde começar, quais questões abordar, quais mulheres ‘salvar’? Todas? As mais oprimidas? E quem é o inimigo principal: o homem ou o capitalismo? E afinal quem somos? Cadê nossa identidade e o nosso prazer? O que fazer com nossa sexualidade? Onde colocamos nosso afetivo, nossos filhos, nossos homens? Seremos todas irmãs na luta pela igualdade? E a liberdade, aonde vamos encontrá-la?”*

As necessidades cotidianas e necessidades nascidas da utopia Feminista pautavam a agenda que surgia. Assim se construiu a luta por creche, luta contra o controle da natalidade, luta por salário igual para trabalho igual. Depois destas três, o aborto, a

---

<sup>42</sup> DUARTE, CARMO & LUZ in *Mulheres em Minas: Lutas e Conquistas*. Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais – 25 anos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 2008.

<sup>43</sup> SHUMAHER, Ma. A. e VARGAS, E. *Lugar no Governo: Álibi ou Conquista?* In: *Revista de Estudos Feministas*, vol. 1, nº 2/93. UFRJ. Ano 1, 2o. semestre de 1993, Rio de Janeiro.

sexualidade e a violência apareciam como temas de discussão, mas jamais como prioridade nas conclusões finais, (SCHUMAHER e VARGAS,1993: 350)<sup>44</sup>.

Estudiosa do tema, Vera Soares (1998:36)<sup>45</sup> chama atenção para o fato de que, para além do feminismo em si, a denominação “Movimento de Mulheres” abarcava todos os grupos que lutavam por agendas envolvendo o universo de referência das mulheres. Num momento em que os grupos de esquerda encontravam-se combalidos, a reação política partiu do lugar menos esperado: do movimento social liderado por mulheres.

*“As feministas, como expressão de uma das vertentes deste movimento, traduzem a rebeldia das mulheres na identificação de sua situação de subordinação e exclusão do poder e buscam construir uma proposta ideológica que reverta esta marginalidade e que se concretize a partir da construção de uma prática social que negue os mecanismos que impedem o desenvolvimento de sua consciência como seres autônomos e que supere a exclusão. (...) As feministas fazem do conhecimento e da eliminação das hierarquias sexuais seu objetivo central, e a partir daí se articulam com as outras vertentes do movimento de mulheres” (SOARES et alii, 1995: 39; apud SOARES, 1988).*

Vera Soares registra ainda que em fins dos anos 70 apareceram no Brasil pelo menos dois grandes movimentos sociais liderados por mulheres: o movimento contra a alta do custo de vida e o de luta por creches. Para ela, a participação nestes movimentos levou muitas mulheres a ter condições de questionar as relações de gênero, “suas relações não-iguais com seus maridos, famílias e comunidades”. Conforme Soares (1998:39, 40), parcelas dos movimentos de mulheres dos anos 70 e 80, nasceram de grupos de vizinhança nas periferias dos grandes centros urbanos.

*“As mulheres dos bairros populares construíram uma dinâmica política própria, por intermédio de seus papéis socialmente designados de esposas e mães, fizeram os primeiros protestos contra o regime militar. Lutaram contra o aumento de custo de vida, reivindicaram boas escolas, centros de saúde, água corrente, transportes, rede elétrica, moradia, legalização de terrenos e outras necessidades de infra-estrutura urbana, exigiram condições adequadas para cuidar de sua família, educar suas crianças (SAFFIOTI<sup>46</sup>, 1988; SARTI<sup>47</sup>, 1988;*

---

<sup>44</sup> SHUMAHER, Ma. A. e VARGAS, E. op.cit.,1993.

<sup>45</sup> SOARES, VERA. *Muitas Faces do Feminismo no Brasil*. In: **Mulher e Política - Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores**, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1998.

<sup>46</sup> SAFFIOTI, Heleieth. 1988. Movimentos sociais: face feminina. In: CARVALHO, N. V., org. A condição feminina. São Paulo, Vértice. Appud Soares, 1998.

<sup>47</sup> SARTI, Cíntia. 1988. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, nº 64, São Paulo, Fundação Carlos Chagas. Appud Soares, 1998.

*GOLDBERG<sup>48</sup>, 1989). Alvarez (1988)<sup>49</sup> utiliza o termo militant motherhood para caracterizar estes movimentos” (SOARES, Vera, 1998, p. 39, 40).*

Em fins dos anos 70 e durante a década de 80, o movimento se amplia e se diversifica, se disseminando por partidos políticos, sindicatos e associações comunitárias. Com a acumulação das discussões e das lutas, o Estado Brasileiro e os governos federal e estaduais reconhecem a especificidade da condição feminina, acolhendo propostas do movimento na Constituição Federal e na elaboração de políticas públicas voltadas para o enfrentamento e superação das privações, discriminações e opressões vivenciadas pelas mulheres. Como exemplo, destaca-se a criação de Conselhos dos Direitos da Mulher, das Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, de programas específicos de Saúde Integral e de prevenção no atendimento às vítimas da violência sexual e doméstica. Outra característica inseparável desses movimentos, registrada pela pesquisadora, é a forte presença da corrente progressista da Igreja Católica na vida dessas mulheres.

*“Como resultado das medidas repressivas do governo militar, principalmente de 1964 a 1974, apareceram novas estratégias das comunidades organizadas. A igreja Católica foi um dos poucos espaços que permitiram a articulação da resistência não-armada ao governo militar. A Igreja progressista ofereceu um guarda-chuva organizacional para a oposição ao regime e cobriu as atividades de oposição com um véu de legitimidade moral (ALVAREZ, 1988; apud SOARES, Vera, 1998:40). A vida concreta dessas mulheres se modificou parcialmente por meio de sua inserção nas comunidades, ‘o uso de seu tempo, a ampliação de seu espaço de circulação geográfico e social, suas trocas com outras mulheres, seu ativismo religioso e sua militância política transformaram seu cotidiano” (ROSADO-NUNES, <sup>50</sup> 1991: 274, apud SOARES, 1998).*

---

<sup>48</sup> GOLDBERG, A. 1988. *Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo bom para o Brasil. Relações sociais de sexo X Relações sociais de gênero*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Appud Soares, 1998.

<sup>49</sup> ALVAREZ, Sônia. 1988. Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia. In: STEPAN, A., ed. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Appud Soares. 1998.

<sup>50</sup> ROSADO-NUNES, M. J. F. De Mulheres e de Deuses. *Revista Estudos Feministas*, Rio de Janeiro, v. 0, p. 05-30, 1992.

# Capítulo 2

## Abordagem Metodológica

## Introdução -

Para a realização de uma pesquisa na abordagem proposta aqui, acreditamos que o modelo metodológico de integração entre as pesquisas qualitativa e quantitativa seria o ideal. Primeiro porque entendemos que os dois métodos devem ser vistos como complementares e não competindo entre si<sup>87</sup>. Desta forma, para compreender a dimensão do fenômeno que a emergência da liderança dessas mulheres parece expressar [de transição para a chamada segunda modernidade ou modernidade tardia]<sup>88</sup>, além de utilizarmos algumas ferramentas do modelo quantitativo na construção de tabelas e análise de dados com a base gerada em 2008, para a segunda etapa utilizamos as entrevistas em profundidade por acreditarmos ser este um formato interessante de pesquisa qualitativa que nos aproximam da experiência vivida pelo grupo analisado. Junto a isso, entrevistamos ainda mulheres ligadas a estas lideranças que se dedicam preferencialmente à vida doméstica, o que nos permitiu estabelecer algumas comparações para melhor compreender o processo emancipatório vivido pelas mulheres líderes. No pano de fundo de nossa busca do melhor método está a convicção de que qualquer atividade científica se enquadra em um conjunto de coordenadas espaço-temporais e sócio-históricas que condicionam e justificam as opções metodológicas aqui assumidas.

Desta forma decidimos por utilizar os instrumentos oferecidos pelas duas abordagens (*quali/quant*) de pesquisa. No caso da primeira amostra, obtida em 2008, consideramos essa etapa um estudo exploratório, uma aproximação inicial ao tema em estudo e ao universo de nossas questões - os dados nos ofereceram algumas referências a respeito de como o conjunto de mulheres líderes das cinco regiões de Minas descreveram em 2008 sua vida e seu modo de pensar a partir de um grupo de questões referidas direta ou indiretamente aos temas em estudo aqui. Por se constituir na única base de dados existente até o momento sobre mulheres líderes do interior de Minas Gerais, este foi um instrumento valioso que forneceu dados interessantes para nossa pesquisa – está aí sua

---

<sup>87</sup> “Because the scientific process and its rules allow us to acquire knowledge, we can, assume no singular epistemology. Likewise, we assume that no one method to acquire knowledge is superior. That there are clear a priori assumptions and rules of procedure consistent with those assumptions becomes the standard of science. One, then, can determine whether the qualitative, the quantitative, or a continuum including both methodologies is most effective” (BENZ&NEWMAN, 1998: 14).

<sup>88</sup> Conf. BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S. 1995. *Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

característica mais importante: um estudo pioneiro que, não importando vieses possíveis existentes, constitui-se na única base de dados do país sobre o tema.

Para Benz e Newman (1998) a ciência é tanto positivista quanto naturalista em seus pressupostos. Conforme essas teóricas, duas exigências epistemológicas fundamentais são feitas ao pesquisador: (1) primeiro é preciso clareza e abertura para reconhecer os pressupostos sobre o que conta, ou o que pode ser reconhecido como conhecimento e (2) deve-se manter a consistência naqueles pressupostos e nos métodos que derivam deles. “*Para nós, isso é o que torna a pesquisa [de fato] científica*”, resumem.

Quatro dimensões - *pressupostos, objeto, abordagem e papel da pesquisa* – revelam as diferenças entre as duas abordagens de pesquisa, segundo Firestone (1987). Observando **pressupostos**, Firestone pergunta: “*a realidade pode ser percebida através de fatos ou a realidade é socialmente construída?*” Falando de objeto, ele pergunta: “*está-se olhando para as causas ou para a compreensão do processo*”? Para determinar a abordagem, ele pergunta se “*a pesquisa é experimental/correlacional ou uma forma de etnografia*”? Por fim, relacionado ao papel do pesquisador, ele pergunta se “*o pesquisador está destacado, se tem papel ativo, ou está imerso no cenário de seu estudo*” (apud Benz&Newman. 1998)<sup>89</sup>. Denzin & Lincoln (1994)<sup>90</sup> reconheceram que pesquisa qualitativa significa coisas diferentes para diferentes pessoas. Eles ofereceram o que chamam de “uma definição genérica”.

*“A pesquisa qualitativa é focada em multimétodos, envolvendo uma abordagem interpretativa naturalista deste assunto. Isto significa que pesquisadores qualitativos estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando dar sentido ou interpretar fenômenos a partir dos significados que as pessoas dão a eles. A pesquisa qualitativa envolve o uso estudado e a coleta de uma variedade de materiais empíricos - estudo de caso, a experiência pessoal, o estudo introspectivo, história de vida, entrevista, observação, pesquisa histórica, interações, e os textos descritivos de suas experiências de observação - a rotina descrita e os momentos problemáticos e seu significado para as vidas dos indivíduos”.*<sup>91</sup>

### **Integração quali-quanti** –

No que diz respeito ao nosso estudo propriamente, realizamos uma pesquisa que passou por caminhos diferentes dos métodos de observação participante, embora tenha se beneficiado deles na origem desse estudo.<sup>93</sup> No entanto, ainda que achemos interessante,

---

<sup>89</sup> BENZ, Carolyn R. & NEWMAN, Isadore. 1998. Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum. Carbondale e Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press.

<sup>90</sup> DENZIN N.; LINCOLN, Y. (Eds.) 1998. Handbook of Qualitative Research. Califórnia: Sage.

<sup>91</sup> Op.Cit. 1998:16.

<sup>93</sup> Houve em Governador Valadares, uma semana inicial de contato com várias mulheres líderes reunidas naquele curso de capacitação política (I LIDFEM, 2008). Nesse período em que ali ficamos coordenando essa experiência, consideramos que os contatos e trabalhos realizados com as mulheres líderes do Leste de

exclusivamente o método da observação participante não seria adequado para responder as perguntas de nossa pesquisa. Tendo em vista estas preocupações, nossas escolhas metodológicas recaíram sobre outros processos através dos quais buscamos levantar os dados necessários às análises que nosso estudo requeria.

O papel do pesquisador foi bastante destacado durante a pesquisa, uma vez que nós realizamos entrevistas semiestruturadas durante toda a segunda etapa. Esse foi o caminho escolhido para termos acesso à visão das mulheres líderes da Região Leste de Minas sobre suas próprias experiências, além de ouvirmos também um grupo de mulheres donas de casa que partilham do mesmo universo dessas líderes e às quais tivemos acesso através dessas lideranças. Entendemos que sendo a realidade socialmente construída (BERGER e LUCKMANN. 1966)<sup>94</sup>, esse método torna possível a interpretação de algumas das regras locais e de seus consensos a partir dos relatos colhidos entre algumas das líderes existentes nessas comunidades locais.

Pesquisas qualitativas e quantitativas têm suas raízes, cada uma, na filosofia naturalista e na positivista, respectivamente. Virtualmente todos os pesquisadores qualitativos, independentemente de suas diferenças teóricas, refletem uma gama de perspectivas fenomenológicas individuais. **“A maioria das abordagens de pesquisas quantitativas, independentemente de suas diferenças teóricas, tendem a enfatizar que há uma realidade comum com a qual (ou sobre a qual) as pessoas podem concordar”** (Benz & Newman 1998)<sup>95</sup>. Toda pesquisa comportamental é composta de uma combinação entre construtos qualitativos e quantitativos.

*“A noção de um continuum entre pesquisa qualitativa-quantitativa, oposta à dicotomia, é explorada em termos científicos. Nós acreditamos que conceituar a dicotomia (usando categorias separadas e distintas da pesquisa qualitativa e quantitativa) não é consistente com uma coerente filosofia da ciência e, além disso, a noção de um continuum é o único construto que se encaixa ao que sabemos em um sentido científico. Um tema secundário é igualmente importante, isto é, que é sabido que os métodos qualitativos estão freqüentemente levantando pontos, estratégias fundamentais, que geralmente são seguidas pelas metodologias quantitativas”.* (Benz & Newman.1998:05)

Goodwin e Horowitz (2002:34)<sup>96</sup> registram as largas vantagens que se tem ao contar com a visão ampla trazida pelo método das pesquisas qualitativas. Para eles, sociologia qualitativa não precisa ser mera descrição literária e suas conclusões podem ser rigorosas e “científicas” de fato, dizem eles. ***Sociologia qualitativa, em suma, tem algumas coisas muito importantes a dizer sobre o mundo (...). Assim, tanto cientistas sociais quantitativos e pesquisadores qualitativos reforçaram a necessidade de ter um outro olhar para um lugar que somente a sociologia qualitativa pode alcançar”.***

---

Minas funcionaram como uma forma de observação participante e foi essa experiência inicial que posteriormente impulsionou toda a pesquisa.

<sup>94</sup> BERGER e LUCKMANN. 1966. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Editora Vozes. 2001.

<sup>95</sup> BENZ, C. & NEWMAN, I. 1998, op. cit.

<sup>96</sup> GOODWIN, J. and HOROWITZ's, R.. *Introduction: The Methodological Strengths and Dilemmas of Qualitative Sociology*. 2002. *Qualitative Sociology*.

De acordo com Benz & Newman (1998)<sup>97</sup>, a pergunta de pesquisa sempre foi o ponto fundamental, mais do que o paradigma no sentido de adesão e foco aos objetivos em estudo. Em seu livro, Benz e Newman (1998) apresentam uma conceituação de métodos de pesquisa como existindo em um *continuum interativo* mais do que como uma dicotomia e incluem a discussão da *inquiry* científica, a finalidade [o propósito] da pesquisa, os tipos de questões que tipicamente são colocadas, e defendem seu pressuposto fundamental de que cada questão dita/indica o método de pesquisa. Argumentam que ambas as estratégias, qualitativas e quantitativas, estão quase sempre envolvidas, entrelaçadas [imbricadas] ao menos em algum grau em todos os estudos e pesquisas.

A ciência incorpora um conjunto de regras de procedimento. Teóricos contemporâneos que essa pesquisa utiliza entendem a ciência mais amplamente do que ambas as lógicas tradicionais, tanto dos **empiristas** quanto dos **naturalistas**, isoladamente a definem. Ao formular sua teoria do *continuum interativo* como metodologia de pesquisa integrativa, Benz&Newman (1998) recordam que a ciência e a tradição científica têm mantido em suas normas de procedimento requisitos fundamentais para localização e verificação do conhecimento.

Historicamente falando, a base das pesquisas parte tanto do raciocínio *indutivo*<sup>98</sup>[*quali*] quanto do raciocínio *dedutivo*<sup>99</sup> [*quanti*]. Ambos subsumidos sob a investigação científica, ainda que caracterizem uma distinção entre os métodos puramente qualitativos e puramente quantitativos, conforme Patton (1990). Este de fato afirma a separação entre os dois métodos ainda mais fortemente quando ele comenta: "O princípio cardinal da análise qualitativa é que as relações causais e declarações teóricas sejam claramente emergentes dos e fundadas nos fenômenos estudados. A teoria emerge dos dados; não é imposta sobre os dados "(PATTON. 1990: 278). "*Nós, no entanto, fazemos uma exceção à última idéia. Teoria não emerge independente da pessoa que está interpretando os*

---

<sup>97</sup> BENZ, C. & NEWMAN, I. 1998, op. cit.

<sup>98</sup> Raciocínio indutivo - O raciocínio indutivo parte de premissas para inferir uma conclusão. As premissas são (1) observações da natureza e de (2) fatos do mundo. Há uma pretensão neste tipo de raciocínio: a conclusão de um particular fundamentado numa proposição geral, mas, como a *proposição geral é fruto da observação, ela não é geral*.

<sup>99</sup> Raciocínio dedutivo - O raciocínio dedutivo conclui um particular de um geral. O geral é sempre uma hipótese. Quando se diz que 'Todo homem é mortal. Sócrates é homem. Logo, Sócrates é mortal.', está se dizendo: 'Se todo homem é mortal; se Sócrates é homem, logo, Sócrates é mortal.' Conclusão: o raciocínio dedutivo partindo de uma hipótese geral não tem referência com o mundo real, mas tem referência com o que o cientista, filósofo ou pensador imagina sobre o mundo. Já o raciocínio indutivo parte de uma observação feita do mundo, de uma realidade, de um evento, de um fato. A fonte de verdade para um dedutivista é a lógica, para um indutivista é a experiência. Conclusão: Um argumento formado a partir de um raciocínio indutivo não é lógico.

*dados. Dados não desenvolvem teoria; as pessoas o fazem*” (BENZ & NEWMAN, 1998:16).

### *O Continuum Interativo*

Quando consideramos os métodos a partir de ambos os fins do *continuum* e sua base científica (que Benz& Newton definem como “*captando regularidades e repetições*”), os diferentes pressupostos ficam evidentes [qualitativo e quantitativo]. O conceito de um *continuum* é uma abordagem mais compreensiva da sociologia. Apesar do debate, estas ideias não são novas. Elas são agora mais fortemente enfatizadas. Há mais de 25 anos atrás, Mouly (1970) aludiu à múltipla perspectiva de pesquisa como: “*Numa descrição de forma simples, isso consiste em ir trabalhando indutivamente a partir da experiência de hipóteses, as quais são elaboradas dedutivamente a partir de implicações com base nas quais elas podem ser testadas*”. (apud BENZ&NEWMAN 1998. p. 19-20)

Portanto, na medida em que cada abordagem acrescenta algo ao que já se conhece (ao corpo de conhecimento) isso então começa a ficar mais claro de maneira a **construir sobre a informação, derivada de outra abordagem**. Esta é a premissa do *continuum interativo*. Um esquema que (filosoficamente) retrata esse *continuum* aparece na figura 1, conf. Benz e Newman (1998).

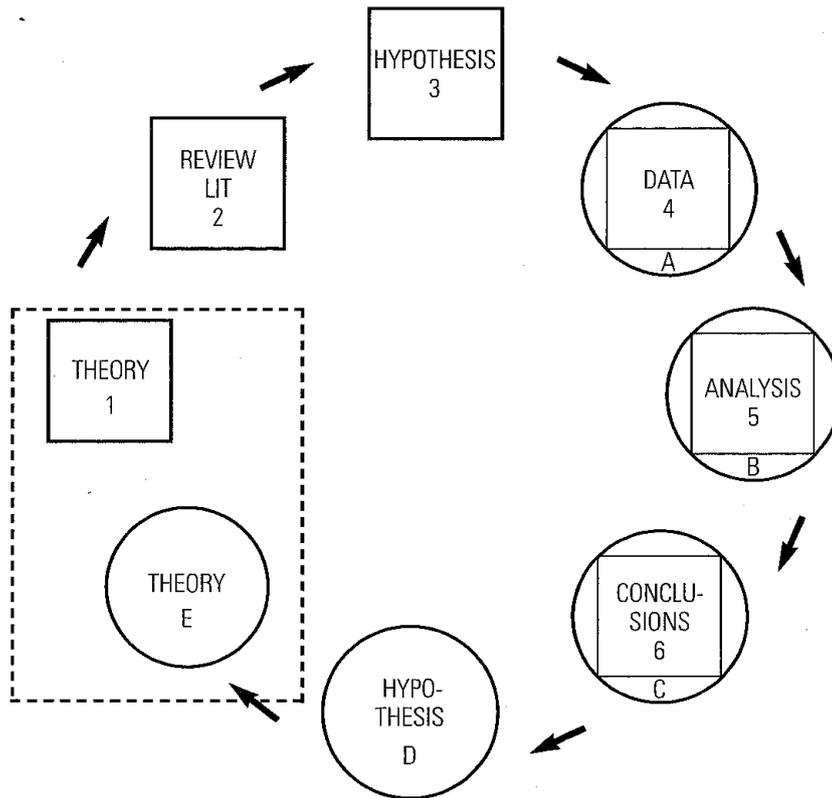


FIGURA 01

Dizem as autoras a respeito de seu modelo: *“Conceitualmente, em nosso modelo, Teoria não está nem no início e nem no final – mas tanto o quadrado como o círculo envolvem Teoria e continua o círculo fechando o gap qualitativo-quantitativo. Nem os quadrados (quantitativo) nem os círculos (qualitativo) fazem uma volta completa no ciclo”.*



qu

**1-2-3-4-5-6**

- . Testando Teoria
- . Mé.Dedutivo
- . Começa com teoria

**A-B-C-D-E**

- . Construindo Teoria
- . Método.Indutivo
- . Termina com Teoria

- .Holístico
- .Fecha gap
- .Completa ciclo

O continuum qualitativo-quantitativo se fortalece cientificamente através de seus circuitos de realimentação (*feedback*) da autocorreção. Em cada uma e em todas as

pesquisas o *continuum* opera. Quando alguém conceitua pesquisa por este caminho e usa internamente a construção do mecanismo de retroalimentação (*feedback*) “*achados de pesquisa acontecem, registros que estariam perdidos tal qual ocorre nos estudos estritamente qualitativos ou estritamente quantitativos*”. Por exemplo, dados podem ser mais parcimoniosamente coletados em um estudo quantitativo se a pergunta da pesquisa está sendo definida através preliminarmente de um estudo documental, observação participante, revisão histórica ou entrevistas. Estas bases qualitativas de um estudo aumentam sua validade. Estes materiais empíricos podem alimentar os instrumentos de coleta de dados ou para a amostra selecionada, alterando esses componentes, corrigindo-os para um estudo mais aprofundado. (BENZ & NEWMAN.1998:22).

Embora provavelmente não haja uma única representação ou diagrama esquemático que pode facilmente explicar o conceito de quali-quantitativa contínuo interativo, a figura 2 abaixo explica o modelo conceitual e resume as inter-relações entre os métodos qualitativos e quantitativos como abordagens para a pesquisa científica. É importante que o leitor entenda que esta é uma simplificação de um conceito que tem um número infinito de combinações.

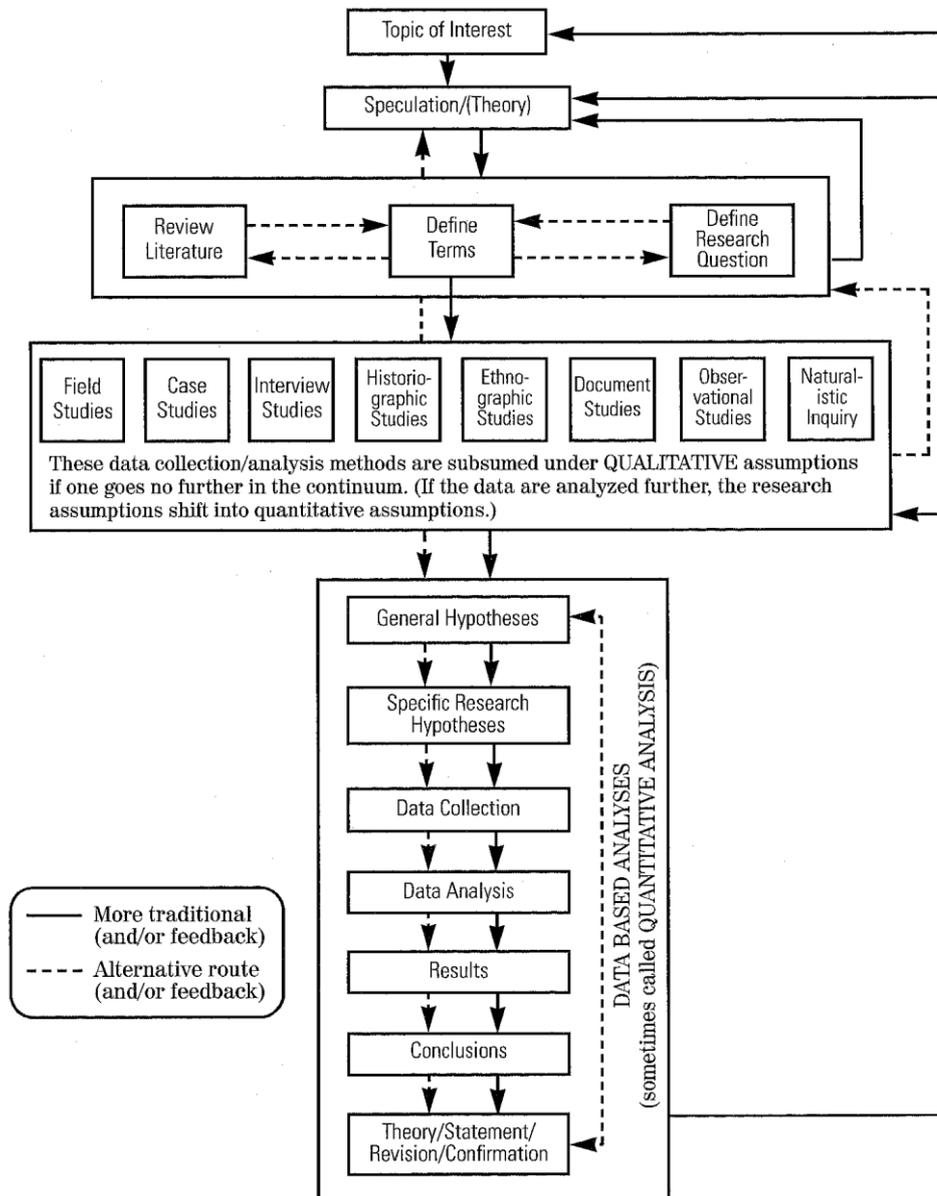


Figure 2. Qualitative-quantitative interactive continuum

### *Nossa Pesquisa -*

Nossa pesquisa adotou a metodologia de integração quali-quantitativa (conf. Benz&Newman<sup>100</sup>.1998; Goodwin e Horowitz's.2002<sup>101</sup>), fazendo as adaptações necessárias às nossas condições e interesses. Por exemplo, começamos com os dados quantitativos, diferentemente da sequência já reconhecida nas metodologias integrativas<sup>102</sup>, e depois fomos para a coleta qualitativa. Tendo em vista que havíamos participado da produção da base de dados cinco anos antes, chegamos ao tema sabendo que na retaguarda estávamos munidos de informações quantitativas para construir o instrumento que nos levaria a aprofundar o estudo pela metodologia qualitativa. Lembrando que instrumentos do método quantitativo foram aplicados, em 2008 - aqueles 107 questionários aplicados ao conjunto das mulheres indicadas como lideranças das cinco regiões de Minas pelos partidos políticos locais atuantes ali. Na fase mais recente, pelo método qualitativo, usando um roteiro semiestruturado, entrevistamos um total de vinte e quatro (24) mulheres, sendo quatorze (14) lideranças e profissionais de várias áreas, e dez (10) donas de casa moradoras da região Leste de Minas.

Nas pequenas cidades daquela região, a partir dos primeiros contatos com ex-alunas de 2008, avaliamos que o método mais eficiente de localização das mulheres líderes ainda atuantes na região seria pelo método “bola de neve” (indicação por mulheres entrevistadas de outros nomes) e consulta a órgãos públicos, tais como sites de câmaras de vereadores locais, prefeituras, e outros, que foi o que efetivamente nos atualizou quanto às entrevistadas que buscaríamos em seguida. Também a partir desse método, chegamos aos nomes das dez mulheres com uma experiência de vida cotidiana mais dedicada ao lar, que aparentemente conduziam sua rotina diária sem escolhas que implicassem mudanças na ordem sexual e política local. O objetivo do contato com as donas de casa foi buscar elementos para estabelecer comparações entre a experiência feminina de vida privada, legitimada no interior das culturas locais, e a experiência da ruptura produzida pelas outras mulheres, que levam a vivência de processos emancipatórios para o interior de Minas Gerais.

### *Continuum Interativo e o recurso das cores*

Repercutindo aqui a discussão teórica proposta por Benz & Newman (2001), para efeito de análise das entrevistas realizadas nessa pesquisa com mulheres do Leste de Minas, também adotamos um enfoque quantitativo/qualitativo para as informações

---

<sup>100</sup> NEWMAN, Isadore e BENZ, Carolyn R. 1998. **Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum**. Carbondale e Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press. Capítulos 1, 2, & 3.

<sup>101</sup> Goodwin e Horowitz's "Introduction: The Methodological Strengths and Dilemmas of Qualitative Sociology," 2002, *Qualitative Sociology*.

<sup>102</sup> Primeiro as pesquisas qualitativas fazem uma espécie de estudo exploratório do tema, para recortar questões de relevantes para o levantamento de dados posterior, na fase da pesquisa quantitativa.

colhidas naquela região, tanto com as mulheres líderes quanto com as mulheres que se dedicam mas fortemente à vida familiar. Com a expressão “enfoque quantitativo” queremos nos referir mais exatamente ao enfoque que utilizamos a partir de uma interpretação do “*continuum interativo*” criado por Benz e Newman. Entendemos que mesmo não se podendo dar um caráter de informação estatística aos dados colhidos (até porque não foi esta a intenção, na medida em que fizemos um estudo qualitativo), fizemos a escolha de também conferir às análises um olhar mais quantitativo.

Fazendo nosso próprio *continuum interativo*, construímos várias tabelas com as informações colhidas nas entrevistas semiestruturadas realizadas com estas mulheres. Essa construção nos auxiliou na análise dos dados levantados nas quase 40 horas de entrevistas gravadas com as mulheres da Região Leste de Minas Gerais. Essas tabelas serão reproduzidas mais adiante no capítulo 4, e comentadas de forma a estar assim produzindo nossa leitura de um *continuum interativo* útil para o nosso caso – esse foi o método de pesquisa escolhido por nós por entendermos que ele enriquece o olhar da pesquisa e ressalta nuances que consideramos importantes para tentar compreender como os fenômenos em foco afetam as vidas das mulheres daquela região.

Na construção dessas tabelas foi surgindo uma estratégia analítica com uso de cores variadas, no início apenas um modo prático de ressaltar certas características comuns a várias mulheres listadas ali, mais adiante aparece mesmo como estratégia de análise, visto que desta forma estávamos construindo um painel multicolorido que nos transmitia, apenas a um olhar, informações relevantes a respeito de dados inscritos ali e que tinham sua própria cor, como se verá ao longo de todo o capítulo 4. Esse recurso da cor nos permitiu também visualizar simultaneamente inúmeras variáveis de pesquisa – como educação, faixa de renda, faixa etária - e pensar em cruzamentos destas variáveis por exemplo com as opiniões sobre assuntos da agenda de mulheres propostos no roteiro de pesquisa (publicado aqui nos Anexos). Acreditamos que para a dinâmica de análises que essa pesquisa propôs, a criação dessas tabelas foi bastante útil no sentido de permitir a visualização de muitas informações simultaneamente e principalmente permitir que se percebêssemos relações importantes, conexões esclarecedoras entre algumas destas variáveis que poderiam nos ter escapado sem o uso desse recurso. Com o adicional de que seu uso é permitido também para os pesquisadores de forma descomplicada, sem necessitar ter um domínio acentuado de recursos de tecnologia da informação. Ao utilizar o recurso de variadas cores nessas tabelas (ressaltando detalhes comuns em cada coluna onde estão as variáveis) fomos descobrindo que poderíamos fazer o registro e realçar a incidência de certas categorias e a repetição de certos padrões tanto de opinião quanto de informação sobre a vida dessas mulheres.

#### **Tabelas Qualitativas – Explicação do uso de cores -**

Pode-se fazer variadas “leituras” dos dados com o uso de cores e organizar isso a partir do interesse do pesquisador. No meu caso, preferi usar o estoque de cores, que é limitado, por coluna, onde fica cada variável. O que achei vantajoso na lógica que acabei por aplicar a essas tabelas, foi que além de poder visualizar a concentração de padrões ou

tendências com o uso de algumas cores em cada variável ressaltando níveis diversos em que estas mulheres apresentavam aquele padrão, como educação ou renda, pude fazer uma leitura mais completa dos dados do perfil destas mulheres, em direta comparação entre muitas variáveis, já que ficam quase todas expostas em uma mesma tabela. Isso te permite fazer cruzamentos e enxergar certas interferências por exemplo de um certo padrão de mulheres mais velhas e com mais filhos que condenam o aborto em todas as suas formas – esse foi um achado importante que pude fazer com a ajuda desse método.

Na criação de cada uma dessas tabelas, comecei, por exemplo, preenchendo a coluna de nomes das entrevistadas e área geográfica em que vivem - se é na cidade de porte médio (Gov.Valadares), se vivem nas áreas mais rurais (pequenos municípios, assentamentos e sítios). Usei a cor verde mais forte para sinalizar o sertão mais profundo e um verde bem leve, para sinalizar Governador Valadares, local já mais poluído com seus mais de 300 mil habitantes. Na terceira coluna, de nível educacional, não mais tentei unir a entrevistada, sua área geográfica e o nível de educação pela cor que ela tem. Percebendo as limitações do uso de cores - que não poderiam sustentar diferenças cromáticas até o final das tabelas maiores, preferi trabalhar as diferenças que apareciam nas variáveis, a cada coluna - com cores variadas para ressaltar padrões em uma mesma coluna (ou variável). Ou seja, esta variável em comparações consigo mesma. Isto é, como o meu interesse inicial era justamente entender a concentração de respondentes a cada variável, como a educação, por exemplo, trabalhei com as cores, quaisquer que fossem. Para o nível de ensino fundamental, por exemplo, usei o amarelo; no nível médio usei um laranja bem suave (conforme a paleta de cores do excell). Juntei no mesmo grupo, na cor cinza as semi-analfabetas (uma vez que havia apenas uma) com as analfabetas. Usei um tom de azul mais discreto para as que têm ensino superior, com destaque de um azul mais forte para as pós-graduadas.

Tendo em vista que as escolhas das variações de cores que usei em cada coluna foram aleatórias, com a função unicamente de reunir dados semelhantes ou ressaltar semelhanças entre as entrevistadas (seja por renda, educação, partido político, local de moradia, idade, número de filhos ou de opinião sobre certos temas), creio ser desnecessário descrever a escolha de cores em cada variável, visto que estas são auto-explicativas. Mesmo assim, colocamos legendas a cada uso de tabela no capítulo 4, para deixar os leitores mais seguros em suas interpretações dos dados a partir da leitura dessas tabelas. Acreditamos que não há grande dificuldade em se compreender a lógica aplicada no uso de cores em cada coluna, contendo dados das variáveis em uso em cada pesquisa. Tanto a escolha de variáveis quanto o cruzamento delas entre si fica a critério do pesquisador e da lógica de análise de dados que este escolheu para seu estudo. Essa lógica será naturalmente resultado do recorte ou da abordagem de pesquisa do autor - isto é, o olhar do autor de cada pesquisa ou equipe de pesquisadores, é conduzido por suas perguntas de pesquisa, que neste caso estou chamando de lógica ou abordagem definida pelo autor. Registrando que o cruzamento não fica registrado nestas tabelas, e sim a possibilidade de fazê-lo mentalmente e com agilidade, colocando suas conclusões e descrições do que cruzou nas análises da pesquisa. Essa é um modalidade de organização

de dados de uso ainda preliminar. Acreditamos que haverá desdobramentos posteriores à medida em que seus usos forem mais explorados em estudos posteriores. O que vemos como possibilidade é a evolução desses padrões originalmente estabelecidos com a ajuda de cores, virem a ser registrados em tabelas posteriores com recursos imagéticos mais elaborados. Entendemos que quando trabalhamos com uma base de dados mais limitada em termos numéricos, esse recurso é bastante eficiente e nos auxilia oferecendo uma riqueza e um aproveitamento eficiente dos dados existentes para traçar perfis mais fiéis ao que os entrevistados nos relataram.

#### MODELO DE TABELA GERAL COM USO DE CORES

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	Ocupação	PARTIDO POLÍTICO	IDADE	FILHOS	ESTADO CIVIL	ETNIA	RELIGIÃO
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	Dona casa+vice ass.morad.	PSD	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobralia	Fundamental	1 SM	Diretora Sind. Trab.Rurais	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Com. Base
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Apos. + Lider Comunitária	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Com. Base
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Profa. + Liderança Política	PT+PSB+PT	34 anos	1 Filho	Casada	Parda	Past.Familia
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni.Mulher	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pentec.
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Médio e Estud. Unive	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Batista
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã
Entrevista 10	Iovanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 Filhos	Casada	Parda	Presbiteriana
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	Da. de Casa/Empreen.	Não	64 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Católica
Entrevista 12	Luana Pereira de Oliveira	Gov. Valadares	Estud. Universitária	2,5 SM	Estag. Prefeitura	PT	22 anos	Não	Solteira	Parda	Católica
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobralia	Fundamental	1 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobralia	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 Filhos	Casada	Branca	Católica
Entrevista 15	Maria Pereira Ribeiro	Gov. Valadares	Analfabeta	2 SM	Operaria aposen.	Não	81 anos	6 filhos	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	Mov.Mulheres Camponesas	PT	39 anos	1 Filho	Sep. Judicial	Branca	Com. Base
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Promet.	Médio	4 SM	Lider em Assentamento	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT ( *)	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 Filhos	Casada	Branca	Católica
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Família	Dona de Casa	Não	42 anos	2 Filhos	Casada	Negra	Católica
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 Filho	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 Filho	Casada	Parda	Católica

<b>LEGENDAS</b>	
<b>Localidade</b>	
Mulheres de Gov. Valadares	
Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares	
<b>Nível Educacional</b>	
Analfabeta / Semi-analfabeta	
Fundamental	
Médio	
Ensino Superior incompleto / Completo	
Pós-Graduada	
<b>Renda Familiar</b>	
De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)	
De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos	
De 2,5 a 4 Salários Mínimos	
10 Salários Mínimos	
20 Salários Mínimos	
<b>Ocupação</b>	
Dona de Casa	
Ocupação das mulheres líderes	
<b>Partidos Políticos</b>	
Não tem filiação partidária	
PT	
PMDB	
PSD	
PP	
DEM	

#### **Faixa Etária**

De 20 a 29 anos
De 30 a 39 anos
De 40 a 49 anos
De 50 a 59 anos
De 60 a 69 anos
De 70 a 79 anos
De 80 a 89 anos

#### **Número de filhos**

Não tem filhos
1 Filho
2 Filhos
3 Filhos
4 Filhos
5 Filhos
6 Filhos
9 Filhos

#### **Estado Civil**

Solteira
Casada
Divorciada / Separada Judicialmente
Viúva

#### **Etnia**

Branca
Parda
Negra / Morena

#### **Religião**

Católica / Presbiteriana
Comunidades de Base / Pastorais
Batista / Batista Pentecostal / Cristã

## Capítulo 3

### Uma centena de mulheres líderes

## Introdução –

Percorrendo o extenso mapa do estado de Minas Gerais<sup>103</sup> podemos ver que muitos são os quilômetros, costumes e culturas que separam os grupos de mulheres que em 2008 tiveram a oportunidade de frequentar aquele curso de capacitação política – onde se fez a coleta de informações que foram construir a base de dados em que se baseia esse capítulo. São muitos quilômetros a percorrer entre a Zona da Mata (região em que estão cidades conhecidas e referências daquela área como Juiz de Fora e Cataguases, a 250 km do Rio e a 300 km de Belo Horizonte) e a Região Norte de Minas Gerais (onde estão Montes Claros e inúmeras pequenas cidades da área, distantes 338 km de sua capital).

Também distantes em termos de hábitos, costumes, formas de organização social, cultura, como se constata indo um pouco mais para o Leste, está a área banhada pela Bacia do Rio Doce, de onde se conhece mais a destacada Governador Valadares (distante 234 km de Belo Horizonte), e onde se avizinham as pequenas cidades de Engenheiro Caldas, Tumiritinga, Sobrália e outras localidades da região. Um pouco antes de Valadares passa-se pela área conhecida como Vale do Aço, onde se localizam Ipatinga, Coronel Fabriciano (distantes 219 km da capital). Esses dados dos quais tratamos nesse capítulo, incluem informações colhidas junto às mulheres líderes também da Região Metropolitana de Belo Horizonte, reunidas naquele curso de 2008, em menor número, e originárias de Santa Luzia, Lagoa Santa e da própria capital.

Sem que tivéssemos planejado desta forma, a primeira etapa da pesquisa com as mulheres líderes no interior de Minas começou na verdade há cinco anos, quando auxiliamos o Núcleo de Pesquisas sobre a Mulher, o NEPEM-UFMG, na criação de um curso para as pré-candidatas às eleições municipais de 2008 em Minas. A partir daquela iniciativa - tendemos ainda a pensar que foi pioneira no país -, hoje temos uma pequena base de dados, constituída a partir da aplicação de 107 questionários<sup>104</sup> no conjunto de alunas (100% delas) daquele que foi denominado *I Curso Político-Feminista de Mulheres Líderes (I Lidfem)*, realizado entre junho e julho de 2008 em cinco regiões do Estado de Minas Gerais.

---

<sup>103</sup> Localizado na Região Sudeste, o estado de Minas Gerais possui extensão territorial de 586.520,368 quilômetros quadrados, sendo a maior unidade federativa do Brasil.

<sup>104</sup> O *questionário* foi montado a partir de modelos standardizados de pesquisa, tendo como base principal a pesquisa *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Público e Privado* - realizada pela Fundação Perseu Abramo desde 2001, disponibilizada no site <http://www.fpa.org.br/sites/default/files/pesquisaintegra.pdf>. Esse questionário estruturado reúne questões testadas e padronizadas em algumas áreas temáticas, que vão do levantamento de dados gerais a respeito do perfil socioeconômico e cultural das respondentes, além de questões relativas ao perfil político (envolvimento com a vida político-partidária e/ou movimentos sociais locais) e questões de opinião em torno de temas específicos de interesse da mulher tais como a percepção de ser mulher, machismo e feminismo, divisão de tarefas domésticas, espaços de decisão familiar, inserção no mercado de trabalho, entre outros.

À nossa amostra intencional foi aplicado um questionário estruturado (em anexo no final), respondido pelas 107 mulheres - o número exato de alunas originárias das cinco regiões mineiras onde essas atividades aconteceram entre junho e julho de 2008<sup>105</sup>.

### **Faixa Etária -**

A maior parte das mulheres dessa base de dados se concentra entre as idades de 30 a 59 anos. Essas faixas etárias de maior concentração reúnem 105 pessoas distribuídas por três faixas de idade adulta. Segundo parâmetros adotados pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a idade adulta se inicia aos 20 anos e vai até os 59 anos de idade<sup>106</sup>. Adotamos aqui faixas etárias de 10 em 10 anos, também usual. Portanto nossos dados revelam um grupo em que a primeira faixa etária numericamente relevante (aos 30 anos) ingressou na vida adulta há dez anos atrás e a última faixa etária relevante (de 50 a 59 anos) está prestes a entrar no grupo dos idosos. Portanto é um grupo onde se concentram mulheres em idade produtiva e, muitas delas, ainda em idade reprodutiva.

Analisando-se as duas primeiras faixas etárias referidas na pesquisa (conf. figura 01), vemos que quase 30% da amostra está na soma de duas faixas: dos 20 aos 29 anos (7,5%) e dos 30 aos 39 anos de idade (19,6%). Mas o grupo mais expressivo em termos numéricos localiza-se entre aquelas que têm de 40 a 49 anos (39,3%) e de 50 a 59 anos (29,9%) somando 69,2% de todo o grupo que respondeu ao questionário estruturado de 2008. Ao final, baixa para 3,7% o número de mulheres com idades acima de 60 anos. Lembrando que o conjunto desse grupo era constituído de mulheres pré-candidatas às eleições municipais de 2008, razão pela qual foram recomendadas por seus respectivos partidos políticos para frequentar o curso oferecido pela UFMG com recursos da SPM, visando qualificá-las para a disputa. Esses números confirmam achados da pesquisa de Matos (2007) indicando que mulheres concordam em entrar para atividades de política parlamentar em idade mais avançada e com elevado nível educacional.

---

<sup>105</sup> **Zona da Mata** (33 entrevistadas): Cataguases (11), Além Paraíba (03); Ubá (01); Carmo de Minas (01); Divinésia (02); Frutal (01); Leopoldina (09); Mercês (01); Palma (01); Rio Novo (01); São Sebastião da Vargem Alegre (02); **Região Metropolitana de Belo Horizonte** (16 entrevistadas): Belo Horizonte (13), Lagoa Santa (01), Santa Luzia (02); **Vale do Aço** (15 entrevistadas): Ipatinga (07), Cel. Fabriciano (01), Itabira (05); Joanésia (02); **Região Leste** (14 entrevistadas): Governador Valadares (10); Central de Minas (01); Sobralia (02); Padre Paraíso (01); **Região Norte de Minas** (30 entrevistadas): Montes Claros (10); Janaúba (01); Januária (01); Pirapora (02); Buritizeiro (08); Espinoza (01); Francisco Sá (03); São Francisco (01); São João das Missões (01);

<sup>106</sup> As faixas etárias da população, conforme o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), estão assim distribuídas: 0 a 4 anos; 5 a 9 anos; 10 a 14 anos; 15 anos a 19 anos; 20 a 24 anos; 25 a 29 anos; 30 a 34 anos; 35 a 39 anos; 40 a 44 anos; 45 a 49 anos; 50 a 54 anos; 55 a 59 anos; 60 a 64 anos; 65 a 69 anos; 70 a 74 anos; 75 a 79 anos; 80 anos ou mais. O instituto usa também alguma variação ou reagrupamento do tipo: faixa etária definida como criança de 0-14; adolescente de 15-19; adulto de 20 a 59 e idosos de 60 ou mais.

Faixas de Idade					
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	De 20 a 29 anos	8	7,5	7,5	7,5
	De 30 a 39 anos	21	19,6	<b>19,6</b>	27,1
	De 40 a 49 anos	42	39,3	<b>39,3</b>	66,4
	De 50 a 59 anos	32	29,9	<b>29,9</b>	96,3
	Acima de 60 anos	4	3,7	3,7	100,0
	Total	107	100,0	100,0	

- Fig. 01 – Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

### **Nível Educacional, Religião, Estado Civil -**

Após a leitura da tabela contendo a variável faixa etária, passemos agora à composição dessa amostra em termos educacionais. São mulheres de um nível mais alto de educação do que a distribuição estatística do país, comparativamente. O IBGE <sup>107</sup> informa que o nível de instrução da população brasileira tem aumentado nos últimos anos: na população de 10 anos ou mais de idade por nível de instrução, de 2000 para 2010, o percentual de pessoas sem instrução ou com o ensino fundamental incompleto caiu de 65,1% para 50,2%; já o de pessoas com pelo menos o curso superior completo aumentou de 4,4% para 7,9%. Esse grupo em questão mostra níveis bem mais elevados de educação do que o censo do IBGE.

Em 2008, quando os dados foram coletados (veja fig. 02), esse grupo de 107 respondentes reunia um número expressivo de mulheres com ensino médio completo (29,9%), com ensino superior completo (29%) e com pós-graduação (21,5%). Se somarmos os dois últimos percentuais, teremos então que 50,5% de todo o grupo de mulheres líderes tem no mínimo o ensino superior completo, o que supera inclusive o índice de brasileiros com ensino fundamental incompleto (50,2%, conf. IBGE. 2012). Somando estes dados mais expressivos chega-se ao percentual de 80,4% da mostra variando entre o diploma de nível médio até a pós-graduação.

<sup>107</sup>Site consultado em janeiro de 2013:

[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=2125&id\\_pagina1](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2125&id_pagina1)

### Escolaridade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Ensino Fundamental Incompleto</b>	10	9,3	<b>9,3</b>	9,3
	<b>Ensino Fundamental Completo</b>	2	1,9	1,9	11,2
	<b>Ensino Médio Incompleto</b>	9	8,4	8,4	19,6
	<b>Ensino Médio Completo</b>	32	29,9	<b>29,9</b>	49,5
	<b>Superior</b>	31	29,0	<b>29,0</b>	78,5
	<b>Pós-Graduação</b>	23	21,5	<b>21,5</b>	100,0
Total		107	100,0	100,0	

Fig. 02 -

No tópico *religião*, uma maioria expressiva das mulheres entrevistadas se declarou *católica* (61%), ficando as *evangélicas* em segundo lugar em termos numéricos (27,4%), enquanto o restante do grupo se dividia entre *espírita* (7,5%), *outra religião* (1,9%), e *não tem religião* (1,9%).

Quanto ao *estado civil* das respondentes (conf. fig. 03 abaixo), há uma concentração robusta de mulheres *casadas* (41,5%) ou vivendo em *união estável* (9,4%) – percentuais que somados ultrapassam um pouco da metade (1/2) do grupo. Ou seja, 50,9% das respondentes viviam com um companheiro no momento da entrevista. A outra parte do grupo se distribuía por *solteiras* (19,8%), *separadas* (6,6%) e *divorciadas* (14,2%); havendo ainda as *viúvas* (8,5%) nessa mostra intencional. Interessante registrar que pouco mais de 20% (somando 20,8% das separadas e divorciadas) viveu a experiência de vida em comum, não importando se foi a mulher ou o parceiro quem deixou a união por vontade própria. Se a isso acrescentamos as viúvas, eleva para quase 30% esse grupo – além das casadas, mais exatamente 29,3% das mulheres entrevistadas declarou ter

vivido algum tipo de união anterior. Isso naturalmente impacta as opiniões de um grupo considerável de 70,8% de mulheres com experiência de vida em comum com um parceiro.

		<b>Estado Civil</b>			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Solteira	21	19,6	19,8	19,8
	Casada	44	41,1	41,5	61,3
	Separada	7	6,5	6,6	67,9
	Divorciada	15	14,0	14,2	82,1
	Viúva	9	8,4	8,5	90,6
	União Estável	10	9,3	9,4	100,0
	Total	106	99,1	100,0	
Missing	SI	1	,9		
Total		107	100,0		

Fig. 03 Fonte: Base de dados 2008. Nepem-UFMG.

### **Renda e Ocupação -**

O fator *renda*<sup>108</sup> é uma variável significativa na análise do perfil de qualquer amostra de pesquisa, bem como é impactante o fator *nível educacional*. Combinados, podem muitas vezes revelar tendências para se conduzir uma interpretação dos dados que se tem em mãos. No caso desse grupo de 2008, os dados levantados dizem respeito à *renda familiar mensal*, fator a ser levado em conta na análise do padrão de vida destas mulheres, visto que pelo menos a metade delas se encontrava vivendo com um

<sup>108</sup> As faixas de renda e classe social, em uso pelo IBGE, tendo em vista o valor do salário mínimo atual são:

Classe	Salários Mínimos (SM)	Renda Familiar (R\$)
A	Acima 20 SM	R\$ 12.440 ou mais
B	10 a 20 SM	De R\$ 6.220 a R\$ 12.440
C	4 a 10 SM	De R\$ 2.488 a R\$ 6.220
D	2 a 4 SM	De R\$ 1.244 a R\$ 2.488
E	Até 2 SM	Até R\$ 1.244

companheiro. Há uma grande incidência de renda mensal concentrada em duas faixas especialmente – 32,1% das mulheres entrevistadas declara uma renda de **2 a 5 salários mínimos mensais**, e 32,1% declara renda **de 5 a 10 salários mínimos**. Somando-se esse percentual, podemos dizer que quase 65% das respondentes tem renda familiar mensal de **2 a 10 salários mínimos** (64,2% da amostra). O restante do grupo apresenta renda mensal assim distribuída: **zero a 1 salário mínimo** (4,7%); **1 a 2 salários mínimos** (13,2%).

Se cotejamos esses dados com a tabela de classe social utilizada pelo IBGE, estabelecida a partir da referência **renda**, concluiríamos que a maior parte desse grupo estaria nas classes C, D e E, caso vivessem nas grandes metrópoles, dentro dos padrões de renda que vigoram nestas áreas. Neste caso, estamos tratando de níveis salariais praticados no interior do estado de Minas Gerais e devemos ponderar que isso já guarda algumas diferenças dignas de nota (tabelas salariais mais baixas e classes sociais mais altas), embora aprofundar essa discussão não seja objeto de nosso estudo, entendemos que esse raciocínio mereça esse registro.

		Renda familiar mensal			Cumulative
		Frequency	Percent	Valid Percent	Percent
Valid	De 0 a 1 salário	5	4,7	4,7	4,7
	Entre 1 e 2 salários	14	13,1	<b>13,2</b>	17,9
	<b>Entre 2 e 5 salários</b>	34	31,8	<b>32,1</b>	50,0
	<b>Entre 5 e 10 salários</b>	34	31,8	<b>32,1</b>	82,1
	<b>Acima de 10 salários</b>	19	17,8	<b>17,9</b>	100,0
	Total	106	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

Fig. 04 - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

No campo das **ocupações profissionais**, o grupo se mostra bastante pulverizado, com concentrações pouco relevantes em termos numéricos. A maior concentração de mulheres está nas áreas do magistério, com **professoras (20,6%) e no setor público (18,7%)** - valendo registrar que no campo **setor público** agregamos todos os tipos de trabalhadores da esfera pública da mostra, de profissional de serviços gerais (faxina) a chefes de setor etc. Quanto às outras esferas de expressiva representação nessa tabela abaixo (conf. Fig. 05), **profissionais liberais** (11,2), onde reunimos advogadas, dentistas, psicólogas, e **área política** (10,4) apresentaram percentuais próximos. Nessa categorização **'área política'** agregamos todos os tipos de assessoria na esfera política, além de parlamentares e outras funções de gestoras na máquina pública. Já o chamado **setor privado** (8,4%) apresentava pequena expressão porém, agregados aos percentuais das profissionais que declararam atividades em **turismo**<sup>109</sup>, somam 11,2%, subindo o

<sup>109</sup> Essa categorização das atividades profissionais das mulheres foi dificultada pela inexatidão das anotações. Várias entrevistadas citaram área de turismo e, outras, turismo na área privada. Como não

*setor privado* para um empate com as *profissionais liberais* no terceiro lugar na tabela. Lembrando que ainda há o percentual de 7,5% de *donas de casa* e 6,5% de *comerciantes/empresárias*. Portanto, feito isso, temos que 77% de nosso grupo de mulheres líderes do interior se concentra especialmente nas atividades profissionais de professoras<sup>110</sup>, setor público, profissionais liberais, setor privado e área política. Os restantes, com índices menos expressivos somam 23% da mostra se dividem entre autônomas, aposentadas, desempregadas, trabalhadora rural.

		Situação Ocupacional			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Autônomo	5	4,7	4,7	4,7
	<b>Área Política</b>	11	10,3	<b>10,3</b>	15,0
	<b>Profissional Liberal</b>	12	11,2	<b>11,2</b>	26,2
	<b>Setor Público</b>	20	18,7	<b>18,7</b>	44,9
	Dona de Casa	8	7,5	7,5	52,4
	Trabalhadora Rural	1	0,9	0,9	53,3
	Desempregada	3	2,8	2,8	56,1
	<b>Professora</b>	22	20,6	<b>20,6</b>	76,7
	Aposentada	4	3,7	3,7	80,4
	<b>Setor Privado</b>	12	8,4	<b>11,2</b>	91,6
	Comerciante/Empresária	7	6,5	6,5	98,1
	Estudante	2	1,9	1,9	100,0
	Total	107	100,0	100,0	

**Fig. 05** - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

### **Importância das coisas da vida -**

Tendo analisado detalhes do perfil socioeconômico do grupo, podemos conhecer um pouco mais de suas formas de organização da vida através de algumas de suas preferências registradas na base de dados à qual temos acesso. O questionário levantou informações que nos permitem construir certa hierarquia de preferências (em 1º. lugar, em 2º e em 3º.) a partir das entrevistas concedidas pelo grupo. O que se observa ao fazer um balanço das prioridades eleitas pelas entrevistadas, é que o tópico “*família*” é o

---

mencionaram turismo em emprego público, concluímos que era tudo vinculado ao setor privado, razão pela qual somamos estas atividades ao percentual identificado na categoria de área privada. Ocupação de empresárias, por outro lado, também se vinculam ao setor privado, no entanto achamos por bem distinguir as atividades desenvolvidas por empresárias das atividades desenvolvidas por empregadas da área privada. Finalmente, a concentração maior de atividades foi por Professoras, que também não especificaram seu vínculo, se na área privada ou pública.

<sup>110</sup> Também não ficava claro na mostra se as atividades na área de educação (professoras) eram desenvolvidas em escolas públicas ou privadas. Portanto, optamos por mantê-las em separado.

escolhido como a esfera mais importante em quase 90% dos casos. Ao mesmo tempo, os campos “*trabalho*”, “*religião*” e “*família*” convivem lado a lado alternando as preferências anunciadas pelas entrevistadas no universo de prioridades descrito por elas, sendo recorrentemente referidas nas três tabelas de prioridades construídas em resposta à pergunta “*O que é mais importante e está em 1º lugar, em 2º lugar e em 3º lugar em sua vida?*”.

Como se observa na figura 06, entre *família, trabalho, estudo, atividade política, religião*, 82,9% das mulheres elegem *família* como sua esfera mais importante na vida. Surge em segundo lugar *religião* na tabela de prioridade I, mas bem distante da primeira preferência - uma escolha de 10,5% das entrevistadas, sugerindo que algo em Minas vem se modificando, talvez tentando romper com uma tradição religiosa marcante, especialmente no interior do Estado. As esferas *trabalho* (2,9%) e *estudo* (2,9%) aparecem aqui como atividades coadjuvantes. Caso sejam somados os percentuais atingem os 5,8% que, se não impressionam à primeira vista, podem ser vistos de outro modo. Ao lado da menor preferência indicada por *religião* diante de *família*, estes sinais podem ser lidos como indicativos de que mudanças são requeridas e podem estar a caminho, dividindo as preferências de mulheres que chegaram a ter notícia de mundos em que às suas antepassadas só era permitido conviver na esfera da *família* e no máximo ter a alternativa da *religião* como a porta de entrada possível para alguma atividade na esfera pública em outros momentos da história social brasileira (e de outras sociedades constituídas de modo semelhante).

**1ª. Atividade mais importante**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Família</b>	87	81,3	<b>82,9</b>	82,9
	<b>Trabalho</b>	3	2,8	<b>2,9</b>	85,7
	<b>Estudo</b>	3	2,8	<b>2,9</b>	88,6
	Atividade Política	1	,9	1,0	89,5
	<b>Religião</b>	11	10,3	<b>10,5</b>	100,0
	Total	105	98,1	100,0	
Missing	System	2	1,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 06**

Em seguida, na “*2ª. Atividade mais importante*” ou tabela de prioridade II (conf. figura 07), o *trabalho* emerge como esfera significativa, com 41,9% das preferências, mas ainda ao lado da *religião*, que cresce de importância quando não disputa preferências com a família como foi na tabela anterior – ou seja, aqui *religião* aparece como opção de 27,6% das entrevistadas. Nessa tabela é onde fica mais evidente a convivência das três esferas mais referidas pelas mulheres como mais importantes em suas vidas: *família* (15,2%), *trabalho* (42,9%) e *religião* (27,6%) seguem convivendo e disputando as

preferências como foi explicado na abertura desse tópico. Mas assim como cresceu o tópico *religião* nas preferências, também aqui, já atendida a prioridade 1 (*família*), cresce *estudo* (8,6%) e finalmente *atividade política* (3,6%) é ao menos mencionada por uma ínfima minoria, surpreendendo a pesquisa pela baixa referência num grupo indicado em sua grande maioria pelas organizações partidárias. Ou seja, aqui e mesmo como segunda esfera mais importante na vida dessas mulheres, *atividade política* perde para *trabalho*, *religião*, *família* e *estudo*.

### 2ª atividade mais importante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Família</b>	16	15,0	<b>15,2</b>	15,2
	<b>Trabalho</b>	44	41,1	<b>41,9</b>	57,1
	<b>Estudo</b>	9	8,4	<b>8,6</b>	65,7
	<b>Atividade Política</b>	4	3,7	<b>3,8</b>	69,5
	Lazer	3	2,8	2,9	72,4
	<b>Religião</b>	29	27,1	<b>27,6</b>	100,0
	Total	105	98,1	100,0	
Missing	System	2	1,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 07** - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

Como se observa na tabela da 3ª. *Atividade mais importante*, fig. 08, agora a *atividade política* surge afinal como possibilidade expressiva, ao menos na vida de 28,8% dessas mulheres. Essa figura também nos mostra que para muitas delas *política* parece não ser vista nem como opção de trabalho, já que a esfera *trabalho* ainda retorna nesse momento, mesmo como terceira alternativa, ainda obtendo aqui a maioria das preferências (31,7%). O que essa tabela parece sinalizar, iremos encontrar cinco anos depois num recorte na região Leste, nas entrevistas de 2012: uma demanda forte por mais oportunidades de trabalho e melhoria do nível de renda.

Ao lado disso, *religião* segue se mantendo como a escolha de 19,2% das mulheres, configurando uma permanência significativa nas três tabelas descritas – 10,5% quando medimos a 1ª *atividade mais importante*; 27,6% quando registramos as preferências da 2ª *atividade mais importante*; e agora com os 19,2% citados quando medimos a 3ª *atividade mais importante* do ponto de vista desse grupo de mulheres. Finalizando, a esfera *estudo* adquire aqui um pouco mais de consistência, surgindo com 13,5% das preferências, entendemos que pelas mesmas questões analisadas na tabela anterior. O que surge de novidade aqui, mesmo que discretamente, é alguma preferência pelo *lazer* (5,8%), esfera da vida que não tinha sido mencionada até então. Resumindo, *trabalho* (31,7%), *atividade política* (28,8%), *religião* (19,2%) são as esferas mais mencionadas nessa tabela de prioridade III pelas mulheres líderes de cinco regiões de Minas (Zona da

Mata, Região Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do Aço, Região Leste e Região Norte).

### 3ª atividade mais importante

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Família	1	,9	1,0	1,0
	<b>Trabalho</b>	33	30,8	<b>31,7</b>	32,7
	<b>Estudo</b>	14	13,1	<b>13,5</b>	46,2
	<b>Atividade Política</b>	30	28,0	<b>28,8</b>	75,0
	Lazer	6	5,6	<b>5,8</b>	80,8
	<b>Religião</b>	20	18,7	<b>19,2</b>	100,0
	Total	104	97,2	100,0	
Missing	System	3	2,8		
Total		107	100,0		

**Fig.08**

Voltando ao tema de como aparecem *política* e *estudo* nessa tabela, talvez seja importante um registro à guisa de reflexão: a baixa expressão com que aparecem aqui estes dois itens nos lembra que são tópicos não muito considerados em culturas mais arcaicas. Ou seja, incentivos às mulheres para que *estudem* e/ou pratiquem *política* são comportamentos típicos de sociedades menos tradicionais, com traços de modernização mais acentuados. Vale o registro de que estamos analisando opiniões de mulheres líderes, originárias de sociedades em distintas fases de transição de modelos mais tradicionais de organização para modelos modernizantes (conf. Beck, Giddens e Lash)<sup>111</sup>. Penso que nesse terceiro tópico de hierarquização de importância de certas atividades, parecem muito claras as exigências impostas pela cultura e pelos costumes nessa pequena amostra, revelando a força da tradição ou nos revelando que mulheres que não demonstram apreço pela família, trabalho e religião não conseguem legitimidade nestas sociedades locais para avançar em outras esferas até agora consideradas de domínio masculino. Daí a baixa preferência de atividades tais como a *política* e o *estudo*. Com relação ao esse último tema de atividade (o *estudo*), vale lembrar que o nível educacional da mostra não é baixo, como foi indicado no perfil das respondentes apresentado inicialmente nesse capítulo. Ao mesmo tempo, se para alguns estudiosos o envolvimento de várias destas mulheres em atividades por exemplo como práticas na assistência social ou vida comunitária, poderia mostrar o envolvimento em esferas de interesse público que acabam por levar à política, como se verá no próximo item aparecendo de forma mais expressiva, para elas pode não ser indicativo de exercício da atividade política mas da caridade cristã – embora possam

<sup>111</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, 1995. *Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Ed. Unesp, 1997.

ter chegado aos partidos políticos por esta via. O que nos demonstra que as leituras que elas podem fazer de sua própria vivência passa por interpretações e significados que ainda teremos que compreender melhor em estudos mais aprofundados. Ou poderá indicar que suas vivências estão muito próximas das velhas exigências de modos e costumes das sociedades mais tradicionais ocidentais, onde mulheres com alguma habilidade de liderança e vindas de famílias mais abastadas são legitimadas na medida em que praticam a assistência social e atendem interesses da vida comunitária.

### **Envolvimento na esfera política -**

Se formos medir a envolvimento comunitário desse grupo de mulheres mineiras do interior (então alunas do curso de capacitação e pré-candidatas às eleições municipais de 2008), talvez possamos entender características relevantes de seu perfil para os objetivos de nosso estudo. Para isso, algumas perguntas foram introduzidas no questionário estruturado de forma que quantificasse a frequência declarada por elas a certas atividades e organizações. Em foco estavam, por exemplo, sua participação em grupos de meio ambiente, sindicatos, organizações religiosas, grupos de assistência social e, por fim, em partidos políticos. Vale lembrar que os partidos políticos estiveram bastante ativos na constituição do grupo de alunas, visto que tiveram primazia em convidar suas pré-candidatas nas cinco regiões mineiras de onde se originam as turmas de alunas. Esses partidos políticos eram regularmente constituídos em suas sociedades locais, portanto esta era a vinculação mínima conhecida de início.

**Participação em grupos ligados à Igreja Católica e a outras religiões**

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid <b>Mais de uma vez por semana</b>	<b>35</b>	32,7	<b>33,3</b>	<b>33,3</b>
<b>Uma vez por semana</b>	<b>27</b>	25,2	<b>25,7</b>	<b>59,0</b>
<b>Uma vez por mês</b>	13	12,1	<b>12,4</b>	<b>71,4</b>
Mais de duas vezes ao ano	5	4,7	4,8	76,2
Uma ou duas vezes ao ano	4	3,7	3,8	80,0
Pertence ao grupo, mas nunca participa	5	4,7	4,8	84,8
<b>Não pertence a esse grupo</b>	16	15,0	<b>15,2</b>	100,0
Total	105	98,1	100,0	
Missing NR	2	1,9		
Total	107	100,0		

**Fig. 09** - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

A soma das entrevistadas que participam de atividades ligadas à Igreja Católica ou outros grupos religiosos **mais de uma vez por semana** (33,3%) com aquelas que participam **uma vez por semana** (25,7%) atinge o percentual de 59%. Se a esse índice ainda somarmos aquelas que atuam na esfera religiosa **uma vez por mês** (12,4%) chegase ao expressivo número de 71,4% de mulheres que têm participação na vida religiosa em três diferentes frequências (mais de uma vez por semana, uma vez por semana, mensalmente). No entanto, ainda cabe outro registro nessa figura (09): o índice das que “**não pertencem a esse grupo**” é de 15,2%, o que não é desprezível em um contexto em que as respondentes afirmam suas prioridades com relação à religião. Mas o que prevalece evidentemente, são os índices de quase 60% de mulheres que se dedicam às atividades ligadas a grupos religiosos “**mais de uma vez por semana**” ou “**uma vez por semana**” - o que não constitui surpresa no referido cenário.

**Frequência de participação em: Grupo ou Associação de assistência social**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Mais de uma vez por semana</b>	22	20,6	21,0	21,0
	<b>Uma vez por semana</b>	13	12,1	12,4	33,3
	<b>Uma vez por mês</b>	14	13,1	13,3	46,7
	Mais de duas vezes ao ano	4	3,7	3,8	50,5
	Uma ou duas vezes ao ano	6	5,6	5,7	56,2
	Pertence ao grupo, mas nunca participa	3	2,8	2,9	59,0
	<b>Não pertence a esse grupo</b>	43	40,2	41,0	100,0
	Total	105	98,1	100,0	
Missing	NR	2	1,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 10** - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

Na tabela de frequência a **grupo ou associação de assistência social** (fig.10), mais uma vez se repete aqui o índice expressivo das entrevistadas que “**não pertencem a esse grupo**”, ou 41% do total das 107 respondentes. Porém, o outro percentual, 46,7% se dedica a estas atividades com diferente frequência ao longo do mês – 21% atua **mais de uma vez por semana** na assistência social; enquanto que as que o fazem **uma vez por semana** cai para 12,4% ; e as que atuam nestas organizações e/ou grupos **uma vez por mês** totalizam 13,3% de todo o conjunto de entrevistadas.

Novamente na tabela de frequência à “associação de moradores ou sociedade de amigos do bairro” encontramos alto percentual de pessoas que **não pertencem a esse grupo** (41,6% ou 42 entrevistadas), mas, ao mesmo tempo, tendo em vista outros

compromissos, 22,8% surpreenderam com participação *uma vez por mês* - o que representam 23 das mulheres respondentes.

**Frequência de participação em Associação  
de moradores ou sociedade de amigos do bairro**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Mais de uma vez por semana</b>	<b>13</b>	12,1	<b>12,9</b>	12,9
	Uma vez por semana	7	6,5	6,9	19,8
	<b>Uma vez por mês</b>	<b>23</b>	<b>21,5</b>	<b>22,8</b>	42,6
	Mais de duas vezes ao ano	8	7,5	7,9	50,5
	Uma ou duas vezes ao ano	8	7,5	7,9	58,4
	<b>Não pertence a esse grupo</b>	<b>42</b>	39,3	<b>41,6</b>	100,0
	Total	<b>101</b>	94,4	100,0	
Missing	NS	1	,9		
	NR	5	4,7		
	Total	6	5,6		
Total	107	100,0			

**Fig.11** - Fonte: Base de Dados 2008. Nepem-UFMG.

Nas tabelas abaixo, cruzamos a *frequência a partidos políticos* (figura 12) com a variável *escolaridade*. Entre as 105 mulheres que responderam participar de partidos políticos em sua região, tendo em vista que a maioria tem nível educacional que se concentra entre ensino médio completo (29,9%), ensino superior completo (29%) e pós-graduação (21,5%), encontramos uma grande concentração de atuação partidária de mulheres de educação mais elevada. Somando os dados mais expressivos de instrução chega-se ao percentual de 80,4% da mostra variando entre o diploma de nível médio a pós-graduação. Dito de outro modo: das 93 mulheres (em um total de 105 respondentes) que declara frequência *semanal* ou *mensal* aos partidos, 85 delas têm diplomas de nível médio a pós-graduação.

**Partido político \* Escolaridade B Crosstabulation**

	Escolaridade B						Total
	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Superior	Pós-Graduação	
<b>Semanalmente</b>	1 10,0%	2 100,0%	4 50,0%	16 50,0%	21 67,7%	15 68,2%	59 56,2%
<b>Mensalmente</b>	5 50,0%	0 ,0%	3 37,5%	12 37,5%	9 29,0%	5 22,7%	34 32,4%
Anualmente	4 40,0%	0 ,0%	1 12,5%	2 6,3%	1 3,2%	0 ,0%	8 7,6%
Não participa	0 ,0%	0 ,0%	0 ,0%	2 6,3%	0 ,0%	2 9,1%	4 3,8%
<b>Total</b>	10 100,0%	2 100,0%	8 100,0%	32 100,0%	31 100,0%	22 100,0%	105 100,0%

**Fig. 12**

Na tabela de frequência das entrevistadas às atividades de *vida sindical* (conf. Fig. 13), novamente o que mais fica visível é a “*não participação*” de um segmento significativo de mulheres com nível de escolaridade mais alta nas atividades de seus sindicatos profissionais. As duas faixas que menos participam são as mulheres com diploma de nível médio (21%) e de nível superior (18%). Porém o percentual geral de não participantes em todos os níveis educacionais soma 58,7% o que resulta num quadro bastante relevante, somando 61 pessoas de uma amostragem de 104 respondentes. Isso nos revela um quadro claro de que não é pela porta sindical que mais da metade desse grupo de mulheres está se constituindo como liderança.

**Sindicato \* Escolaridade B Crosstabulation**

	Escolaridade B						Total
	Ensino Fundamental Incompleto	Ensino Fundamental Completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Superior	Pós-Graduação	
Semanalmente	1 10,0%	0 ,0%	1 12,5%	2 6,5%	4 12,9%	3 13,6%	11 10,6%
Mensalmente	4 40,0%	0 ,0%	0 ,0%	5 16,1%	4 12,9%	5 22,7%	18 17,3%
Anualmente	0 ,0%	0 ,0%	1 12,5%	3 9,7%	5 16,1%	5 22,7%	14 13,5%
<b>Não participa</b>	5 50,0%	2 100,0%	6 75,0%	21 67,7%	18 58,1%	9 40,9%	61 58,7%
Total	10 100,0%	2 100,0%	8 100,0%	31 100,0%	31 100,0%	22 100,0%	104 100,0%

**Fig. 13**

***Vimos que*** em torno de 22% ***participa de atividades de associações de moradores*** (ou sociedades de amigos de bairro), lembrando que do conjunto de entrevistadas 41,6% ***não participa destas organizações***. Por outro lado, se registramos as 46,6% que ***participa de organizações de assistência social*** em três níveis diferentes de frequência (semanalmente, mensalmente e anualmente) e que, por outro lado, 41% ***não participam dessas associações de assistência social***, vemos que essas duas esferas de atuação (associações de moradores e assistência social) apresentam números um pouco diferentes, não opostos. Melhor dizendo: ***menos*** de ¼ do conjunto das mulheres ***frequenta atividades na esfera das associações de moradores***; enquanto que nas atividades de assistência social, um campo sempre incentivado de participação feminina ao longo de séculos, ***o percentual mais do que dobra***, chegando a 46,6% das mulheres que ***declaram sua participação*** – quase ***a metade ou ½ do conjunto*** de mulheres entrevistada participa.

O que essas informações parecem sinalizar? Talvez um perfil em que metade do grupo mantém a tradição de iniciar-se na vida pública por atividades muito aceitas e

incentivadas para mulheres; enquanto parte do grupo se associa a entidades do movimento social como os movimentos comunitários, e outra parte vai em busca de outras formas de participação como os sindicatos até chegar aos partidos ou vai diretamente a eles.

Ao mesmo tempo, nos *partidos políticos*, surpreendendo toda lógica de qualquer comportamento anterior, 56,% declaram *participar semanalmente* de suas atividades, enquanto 32,4% *participam mensalmente*. Esses números nos levam a pensar que, à parte a atuação registrada nas organizações de assistência social, é na vida partidária diretamente que estas mulheres parecem estar construindo seu caminho na vida pública. Porém, ainda que a rigor o campo religioso não signifique imediatamente atuação na esfera política, vale lembrar a existência expressiva de grupos de reflexão e atuação social e política no interior do país envolvendo conscientização política pela via da esfera religiosa (vide atuação das correntes da Teologia da Libertação da Igreja Católica desde os anos 60 no Brasil).

Depois desse registro, podemos refletir também de outro modo sobre o número significativo de mulheres que declararam atuar na esfera religiosa, lembrando que a soma das entrevistadas que participam de atividades ligadas à Igreja Católica ou outros grupos religiosos *mais de uma vez por semana* (33,3%) com aquelas que participam *uma vez por semana* (25,7%) o percentual atinge 59%. Desta forma, temos aí elementos interessantes para pensar em que cenário estão inseridas e atuam estas mulheres líderes que estão emergindo no interior de Minas Gerais. Esse é o aspecto relevante a destacar.

### **Opiniões sobre agenda feminina e feminista -**

Muitas são as estratégias de pesquisa criadas por estudiosos de metodologia na tentativa de compreender que valores constituem a base da vida social de grupos ou sociedades locais em certos momentos de sua história - ver em Alexander (1999)<sup>112</sup>; Ragin e Zaret (1998)<sup>113</sup>; Weber (1921/1992)<sup>114</sup>. De outro lado, as comunidades que são objeto de estudo, têm também suas estratégias para preservar dos olhos de estranhos aquilo que realmente é levado em consideração por seus integrantes nos jogos desenvolvidos no cotidiano e que dariam aos pesquisadores informações relevantes da organização social do lugar. Desde a constituição da sociologia enquanto ciência as questões envolvendo os temas caros a esse campo como as formas de associação e ação dos agentes e os modos de construção da vida social seguem sendo os grandes temas em

---

<sup>112</sup> ALEXANDER, J. 1999. *A Importância dos Clássicos*. In: *Teoria Social Hoje*, org. A. Giddens e J. Turner. São Paulo, Ed. Unesp, p. 23-98.

<sup>113</sup> RAGIN, C. E ZARET, D. *Theory and method in comparative research: two strategies*. *Social forces*, Chappel Hill, v. 61, n. 3, p. 731-754, March 10983. Apud Sneider e Schmitt. 1998. *O Uso do método comparativo nas ciências sociais in Cadernos de Sociologia*, UFRGS, vol. 9, p. 49-87.

<sup>114</sup> WEBER, Max. 1921. *Conceitos sociológicos fundamentais*. In: WEBER, Max. 1992. São Paulo. Metodologia das ciências sociais. Cortez Editora/Ed. Unicamp.

análise nessa área e, suas interpretações, motivo de disputas no campo acadêmico (ver Collin, 2009)<sup>115</sup>. Na aplicação de *surveys*, modelo que inspirou o questionário da base de dados em análise trabalha-se também com a adoção de certas afirmações síntese, que contém em si grande parte dos valores que constituem a base da organização familiar e social. Essa estratégia foi adotada também aqui, para discutir e tentar entender os significados dados pelas mulheres entrevistadas a estas afirmações. As discussões passam pelos temas de protagonismo de homens e mulheres na busca de melhor renda para a família, organização dos espaços de poder e responsabilidades na família, divórcio, aborto, vida sexual, infidelidade. Ou seja, chegando ao debate de temas que constituem diferentes grupos de opinião, dividem as famílias e às vezes levam a crises ou levam uniões a serem desfeitas.

Se colocarmos as duas primeiras afirmações usadas na pesquisa uma diante da outra, que correspondem às duas primeiras tabelas desse tópico vamos observar que os dados inscritos nelas se opõem como visões no espelho. Explicando: na figura 14, diante da afirmação “*Uma mulher que trabalha fora pode dar à sua família um melhor nível de vida*”, a grande maioria do grupo (106 respondentes) se dividiu numa fronteira quase idêntica entre as que “**concordam totalmente**” (53,8%) e as que “**concordam em parte**” (41,5%). É preciso primeiro desmontar essa afirmação para analisar, diriam alguns teóricos norte-americanos contemporâneos<sup>116</sup>, o *substrato* desta frase – isto é, os significados explícitos e os significados implícitos nesta afirmação, pois é claro que os há, mesmo que não os vejamos. Portanto, vamos tentar enxerga-los aqui: em “*Uma mulher que trabalha fora*” está inscrito o símbolo maior da modernidade quando se refere ao tema **mulheres modernas**, motivo de inumeráveis disputas na vida privada, um fenômeno da fundação do capitalismo europeu no século XIX (para a vida operária) e mais tarde um acontecimento do pós-guerra europeu e norte-americano já então uma tendência para mulheres de todas as classes, depois introduzido no terceiro mundo pelo capitalismo dito selvagem e também anunciado como comportamento cosmopolita pelas vanguardas feministas que se organizaram no mundo ocidental desde os 60s. Pois bem, o restante da frase – “*pode dar à sua família um melhor nível de vida*” – encerra muitos capítulos de luta entre os significados simbólicos da figura do homem e da mulher como provedores na sociedade ocidental contemporânea. E seu estabelecimento como verdade [*uma mulher que trabalha fora pode dar à sua família um melhor nível de vida*] ainda é tema em discussão não só em certas partes do mundo ocidental como também em países orientais com seus conceitos outros do que é ser uma mulher na vida contemporânea.

---

<sup>115</sup> COLLINS, Randall. 2009. *Quatro Tradições Sociológicas*. Ed. Vozes. São Paulo.

<sup>116</sup> BENZ&NEWMAN (1998) . op. cit.

**Uma mulher que trabalha fora pode dar  
à sua família um melhor nível de vida.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Concorda totalmente</b>	<b>57</b>	53,3	<b>53,8</b>	53,8
	<b>Concorda em parte</b>	<b>44</b>	41,1	<b>41,5</b>	95,3
	Discorda em parte	5	4,7	4,7	100,0
	Total	<b>106</b>	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

**Fig.14**

**É principalmente o homem que deve sustentar a família.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concorda totalmente	<b>9</b>	8,4	8,5	8,5
	Concorda em parte	<b>8</b>	7,5	7,5	<b>16,0</b>
	<b>Discorda em parte</b>	<b>40</b>	37,4	<b>37,7</b>	53,8
	<b>Discorda totalmente</b>	<b>49</b>	45,8	<b>46,2</b>	100,0
	Total	106	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 15**

Por outro lado, diante da afirmação “*É principalmente o homem que deve sustentar a família*”, que corresponde à figura 15, as entrevistadas se dividem também quase de parte a parte entre as que “*discordam em parte*” (37,7%) e aquelas que nessa tabela, passemos então ao *substrato* já analisado na frase afirmativa anterior. “*discordam totalmente*” (46,2%). Antes de descer aos detalhes expressos pelos números Colocando frente a frente essas duas afirmações - “*Uma mulher que trabalha fora pode dar à sua família um melhor nível de vida*” e “*É principalmente o homem que deve sustentar a família*” – é natural que sejam lidas como opostos invertidos, por isso evoquei aqui a imagem do espelho. Porém um detalhe apenas da segunda afirmação impede que essa imagem dos opostos seja totalmente correta. Ao afirmar “*É principalmente o homem que deve sustentar a família*” ao invés do tantas vezes reafirmado “*É o homem que deve sustentar a família*”, coube a uma única expressão, “*principalmente*”, o papel de incluir a parcela feminina da sociedade nessa tarefa de prover as famílias do planeta. Ou seja, a afirmação atual não cumpre mais o papel de incluir apenas um dos sexos numa tarefa que tanto tem de nobre quanto de símbolo do poder patriarcal. Em outras palavras, mesmo em

uma afirmação construída como instrumento de metodologia de pesquisa, que pretende expressar sentimentos, costumes e valores sociais – o provedor, o *pater famílias*, a autoridade do clã<sup>117</sup> aqui aparece dividindo seu poder com a figura feminina numa atividade símbolo da vida familiar tradicional, o poder econômico, mesmo que ainda surja na frase como o “*principal*” provedor. Por outro lado, ainda assim funciona como um oposto invertido da primeira afirmação, quando reafirma a responsabilidade principal da figura masculina sobre essa tarefa que sustenta a estrutura das famílias ainda em transição para outros modelos de organização.

Os números expressam, portanto, o embate entre estes dois mundos, que se miram em seus quase opostos modos de ver, sentir, valorar a vida e, portanto agir dentro dela. Diante da afirmação “*Uma mulher que trabalha fora pode dar à sua família um melhor nível de vida*”, o grupo (106 respondentes) se dividiu expressivamente entre as que “*concordam totalmente*” (53,8%) e as que “*concordam em parte*” (41,5%). “*É principalmente o homem que deve sustentar a família*”, que corresponde à figura 15, as entrevistadas se dividem também entre as que “*discordam em parte*” (37,7%) e aquelas que “*discordam totalmente*” (46,2%). E retomando aqui a imagem do espelho invertido, “*concordar totalmente*” com a afirmação de que a mulher que trabalha contribui para melhorar no nível de renda familiar, de fato se constitui no extremo oposto de “*discordar totalmente*” do que faz alguém que acredita que é especialmente um homem que deve sustentar a família? Pelo contrário, colocando a pergunta nestes termos, parece que as respondentes que se colocaram desta maneira não apenas pensam o mesmo como o grupo parece estar reafirmando o pensamento do outro diante de questões, estas sim, opostas. Por outro lado, aquelas que *concordam em parte* com a primeira afirmação, a meu ver, estão muito próximas das que *discordam apenas em parte* quando se afirma o protagonismo do homem no sustento da família. É um campo polêmico de interpretação mas vale a pena discutir por este viés, em minha opinião.

Discutindo o tema *Divórcio*, na Figura 16, se somarmos aquelas que *discordam em parte* (13,2 %) às que *discordam totalmente* (14,2% ) o percentual válido chega a 27,4%. Isso quer dizer que quase 30% dessa amostra *não acredita* ou *tem dúvidas* de que o divórcio seja a melhor solução quando um casal não consegue resolver seus problemas de relacionamento. Em contrapartida, os outros 71,7 dessa mostra ou *concorda totalmente* (51,9%) ou *concorda em parte* (19,8%) com esta afirmação, apresentada às entrevistadas no momento em que a Lei do Divórcio completava pouco mais de três décadas, tendo sido sancionada pela Presidência da República (após aprovação pelo Congresso Nacional), em 26 de dezembro de 1977.

---

<sup>117</sup> Ver mais em: WEBER, Max. 1921. Conceitos sociológicos fundamentais. In: WEBER, Max. 1992. São Paulo. Metodologia das ciências sociais. Cortez Editora/Ed. Unicamp. E também: WALBY, Sylvia. Theorizing Patriarchy. Häftad. BLACKWELL PUBLISHERS. 1990. 1994. E ainda em: AGUIAR, N. F. “Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro”. In: AGUIAR, Neuma. Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

**O divórcio geralmente é a melhor solução quando um casal não consegue resolver seus problemas de relacionamento.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>Concorda totalmente</b>	<b>55</b>	51,4	51,9	51,9
	<b>Concorda em parte</b>	<b>21</b>	19,6	19,8	<b>71,7</b>
	Não concorda nem discorda	1	,9	,9	72,6
	<b>Discorda em parte</b>	14	13,1	<b>13,2</b>	85,8
	<b>Discorda totalmente</b>	15	14,0	<b>14,2</b>	100,0
	Total	<b>106</b>	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 16**

A respeito do *aborto*, a discussão se dá em torno da frase “*A mulher que faz um aborto deve ser presa, independente das circunstâncias que a levaram a tomar essa decisão*”. Numa amostra intencional como foi o caso dessa base de dados de 2008, entre 106 respondentes encontramos 56 que *discordam totalmente* (52%) da afirmação. As entrevistadas que dizem *discordar em parte* atingem 26,4% do conjunto das respondentes. A soma daquelas que *concordam totalmente* (6,6%) com aquelas que *concordam em parte* (13,2%) atinge um percentual acumulado de quase 20% da amostra (19,8%). Além disso, queremos introduzir mais uma anotação que consideramos relevante a respeito da Figura 17, tendo em vista o teor desta afirmação. Achamos interessante registrar o comportamento de respondentes diante de afirmações mais agressivas como essa que propõem uma responsabilização penal para mulheres em situações delicadas como uma gravidez indesejada. Podemos perguntar se essa mesma amostra registraria outros índices menos expressivos ou mais decisivos se a afirmação se restringisse apenas ao clássico *concorda* ou *discorda* em relação ao aborto.

**A mulher que faz um aborto deve ser presa, independente das circunstâncias que a levaram a tomar esta decisão.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concorda totalmente	7	6,5	<b>6,6</b>	6,6
	Concorda em parte	14	13,1	<b>13,2</b>	<b>19,8</b>
	Não concorda nem discorda	1	,9	,9	20,8
	<b>Discorda em parte</b>	28	26,2	<b>26,4</b>	47,2
	<b>Discorda totalmente</b>	56	52,3	<b>52,8</b>	100,0
	Total	<b>106</b>	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 17**

No entanto, parece que afirmações mais complexas (como essa que estamos discutindo) foram justamente estratégias criadas para obter mais “verdade” ou “fidelidade” dos dados que são reunidos após uma pesquisa. Em outras palavras, parece que o método não elimina a dúvida dos respondentes quando o tema é complexo. Isso nos sinaliza outra pergunta que essa análise de dados parece apontar: nesse caso, *concordar em parte* (13,2%) e *discordar em parte* (26,4%) diz respeito ao mesmo universo de questões?

Isto é, as entrevistadas estão reagindo com dúvida sobre o mesmo universo de questões – neste caso, *concordar em parte* com a prisão de uma mulher que realizou o aborto significa levar em consideração as circunstâncias que cercaram sua decisão? E esse *concordar em parte* significa o mesmo que *discordar em parte*? Eis aí a dúvida que as respondentes expressaram, repetindo a dúvida metodológica que isso produz no momento da análise desses dados. Desta forma, a pergunta que se constrói aqui, a nosso ver é: *não importando a mudança de método, as respostas dadas representarão essa dúvida que se expressará de toda forma a cada questão complexa sobre a qual as sociedades ainda não construíram um consenso razoável?*

**Quando o marido quiser -**

**A mulher casada deve fazer sexo com o marido sempre que ele quiser.**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Concorda totalmente	3	2,8	2,8	2,8
	<b>Concorda em parte</b>	15	14,0	<b>14,2</b>	<b>17,0</b>
	Não concorda nem discorda	1	0,9	0,9	17,9
	<b>Discorda em parte</b>	11	10,3	<b>10,4</b>	<b>28,3</b>
	<b>Discorda totalmente</b>	<b>76</b>	71,0	<b>71,7</b>	100,0
	Total	106	99,1	100,0	
Missing	NR	1	,9		
Total		107	100,0		

**Fig. 18**

Houve época no Brasil (até o final dos anos 50 e durante toda a década de 60) em que a afirmação “*A mulher casada deve fazer sexo com o marido sempre que ele quiser*”, ainda que pudesse produzir certo mal estar entre os setores mais avançados da sociedade, na América Latina como um todo ou naquela parte geopolítica identificada pela expressão Terceiro Mundo, essa era a realidade das mulheres casadas, não

importando a que classe social pertencessem. E retirar da vida privada o véu que recobria essa prática seria uma ousadia não aceita nem nos meios de pesquisa acadêmica.

Passadas mais de quatro décadas desse período, com toda a movimentação que feministas e ativistas dos movimentos sociais produziram, somadas aos avanços em direção à democracia e garantia de direitos, há naturalmente a expectativa de que uma forte rejeição a esse tipo de afirmação se expresse nas pesquisas - rejeição a tudo o que essa afirmação traz de submissão e ausência de direitos para segmentos como o das mulheres. Mas nesse tópico em questão, embora de fato se tenha registrado uma forte rejeição de **71,7%** expressa na opinião das mulheres que *discordam totalmente*, ainda se encontra alguma acolhida para a dúvida, expressa por aquelas que “*discordam em parte*” (**10,4%**) ou *concordam em parte* (**14,2%**), e também para aquelas que *preferiram não opinar* (**0,9%**) e daquelas que *concordam totalmente* (**2,8%**). São grupos que vistos separadamente não parecem expressivos, mas que somados mostram sua força nos 28% de percentual acumulado. Ou seja, há uma parcela que não discorda totalmente dessa afirmação, o que constitui quase que 30% dessa amostra de mulheres líderes do interior de Minas Gerais no alvorecer deste século, isto é, duzentos anos depois das primeiras manifestações do feminismo. Pode-se dizer, por todas estas análises, que se trata de uma amostra que definitivamente revela seu lado conservador, tradicional com bastante significância.

### **Melhorar a vida de Outras Mulheres -**

Tendo em vista a disposição destas mulheres em disputar um espaço na política partidária e parlamentar, houve uma questão apresentada a elas no questionário, propondo uma simulação de decisões políticas ou propostas de intervenção em certos problemas sociais ligados à temática de mulheres. A questão propunha que elas dissessem o que fariam em primeiro, em segundo e em terceiro lugares para melhorar a vida das mulheres de suas regiões. Nessa discussão, trabalhou-se com respostas abertas, o que produziu um amplo espectro de observações feitas pelas mulheres com suas próprias palavras, produzidas em seu próprio imaginário.

A partir de nossa análise do que significavam suas respostas, fomos construindo categorias de pensamento. Ao final, essa análise nos mostrou que no substrato do discurso das mulheres, estavam referências claras a diversas bandeiras históricas do feminismo. Deste modo vimos que, de uma forma ou de outra, as referências das lutas feministas desde o século XIX haviam deixado seus ecos no modo de pensar o mundo daquelas senhoras do interior, referências transpostas [ou apropriadas] por elas em suas próprias formas de se expressar. O que elas mais recomendaram como relevante para a melhoria de vida das mulheres de suas comunidades – Zona da Mata, Região Metropolitana de

Belo Horizonte; Vale do Aço, Região Leste; Região Norte de Minas Gerais – centrou-se basicamente em três aspectos que em nosso entendimento revelam a problemática e as lutas mesmo que se desenvolvem naquelas áreas do interior do país.

**O que mudaria em 1º. lugar para que a vida das mulheres melhorasse?**

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	<b>.Emancipação (mais consciência e mais autonomia)</b>	<b>23</b>	<b>21,5</b>	<b>23,7</b>	23,7
	<b>.Mais acesso à Educação</b>	<b>19</b>	<b>17,8</b>	<b>19,6</b>	43,3
	<b>.Salário igual para trabalho igual</b>	<b>30</b>	<b>28,0</b>	<b>30,9</b>	74,2
	Divisão justa do trabalho doméstico	5	4,7	5,2	79,4
	<b>.Mais igualdade e mais direitos</b>	<b>12</b>	<b>11,2</b>	<b>12,4</b>	91,8
	Mais mulheres na política e no poder	6	5,6	6,2	97,9
	Saúde da mulher	2	1,9	2,1	100,0
	<b>Total</b>	<b>97</b>	<b>90,7</b>	<b>100,0</b>	
Missing	NR	7	6,5		
	SI	3	2,8		
	Total	10	9,3		
Total		107	100,0		

**Fig. 19**

Interpretando, portanto, os percentuais mostrados na tabela acima (fig. 19), vemos que o significado das propostas das respondentes de *salário igual para trabalho igual* (30,9%); *emancipação das mulheres - mais consciência e mais autonomia para elas* (23,7); e ainda *mais acesso à educação* (19,6%), vai um pouco além do receituário desenvolvimentista. Enfim, o que estas mulheres propõem é algum avanço nas soluções para os conflitos relacionados às desigualdades que ali se desenrolam, seja propondo relações mais igualitárias na esfera do “trabalho”, por exemplo, seja no campo da maior autonomia para as mulheres. Isto é, ao fazer estas propostas e não outras, as entrevistadas de alguma forma mostram compreender que é necessário haver soluções mais justas para os conflitos que hoje têm lugar em nas sociedades em que vivem - conflitos que certamente devem expressam em alguma medida e o esforço das mulheres do interior de Minas em ultrapassar a barreira da vida doméstica e obter reconhecimento no campo do trabalho e na vida pública em geral. Ao mesmo tempo, suas propostas revelam o interesse no reconhecimento de sua capacidade de contribuição como parceiras para o provimento da família. Também significa que compreendem a estratégia emancipatória [há muito

objeto de debate feminista] com sua proposta de independência econômica, para além de entenderem a importância da autoconsciência nesse processo. Parecem perceber ainda o significado da educação nessa vereda de emancipar os sujeitos de sua submissão.

# Capítulo 4

## Viver e lutar no sertão das Geraes

Para realizar a parte mais atual dessa pesquisa, fizemos um recorte geográfico escolhendo uma daquelas regiões do estado onde mulheres líderes foram entrevistadas na amostra anterior, desta vez do Leste de Minas, com o objetivo de aprofundar os estudos sobre o tema. A escolha recaiu sobre a área de Governador Valadares e entorno, visto que ficaram fortes impressões a partir dos depoimentos dados por várias das líderes de 2008, hospedadas durante uma semana em um colégio religioso na periferia daquela cidade em função do curso realizado em 2008. Quatro anos depois localizamos algumas dessas ex-alunas da região Leste, no Médio Rio Doce, para realizar entrevistas em profundidade (semiestruturadas) e estudar mais detidamente a vida de outras líderes locais. Elas vivem em Governador Valadares (cidade de porte médio com forte tradição política)<sup>118</sup>, ou em pequeninas cidades vizinhas (Sobrália, Engenheiro Caldas, Tumiritinga), e ainda em assentamentos rurais, sítios e outras localidades. Também foram incluídas outras mulheres próximas a elas – mães, primas, cunhadas, amigas, conhecidas, vizinhas -, todas donas de casa, que ao menos teoricamente não viviam a experiência da liderança. Isso no intuito de melhor compreender o universo cultural em que estão inseridas as mulheres líderes.

Constatamos que foi um acerto recortar esta região do Leste mineiro para nossa pesquisa. Os contrastes produzidos pelo modelo de desenvolvimento construído ali - envolvendo riquezas de subsolo e terras férteis, grandes propriedades rurais que se constituíram desde os tempos do Império, enquanto (já no século XX), cresciam também as explorações minerais patrocinadas por grandes companhias tais como a Vale do Rio Doce e empresas estrangeiras – construíram um contexto rico de contradições e conflitos, onde líderes representando interesses diversos foram se constituindo ao longo dos últimos 40 ou 50 anos. Um cenário onde muitas lutas ali se foram travadas desde os tempos antigos, conforme relatam alguns autores, entre eles a pesquisadora Ma. Eliza Linhares Borges, que em 2004 publica artigo na Revista Brasileira de História (USP) discutindo o tema:

*“(...) Ao invés da luta entre pobres livres e sesmeiros, marca do período imperial, a partir da década de 1930 e sobretudo da de 40, o casamento entre latifúndio e indústria (siderurgia) garantiria aos proprietários rurais uma sobeja vantagem no conflito com os posseiros da região. Não por acaso, os antigos da região costumam dizer que os indivíduos que a febre amarela não*

---

<sup>118</sup>“Aqui tem uma forte participação política, tanto que em 1963, o início da reforma agrária no país foi aqui em Governador Valadares. Nós tínhamos uma fazenda que era do governo – chamada de “Fazenda do Ministério”. Na época o presidente era o João Goulart... ele vinha lançar o Plano Acional de Reforma Agrária aqui em Valadares, aí foi quando o secretário da agricultura veio fazer essa apresentação. Mas já estava começando a queda de Goulart, aqui inclusive foi o início do golpe militar. Havia aqui naquela fase, o sindicato chamado de “Ligas Camponesas” que eram muito fortes. Então a organização dos sindicatos dos trabalhadores rurais, muito atuante aqui até hoje, já começou um movimento naquele período de propor a reforma agrária. Como foi muito forte esse início do golpe militar, gerou muito medo também depois, e muita incerteza. Inúmeras pessoas foram assassinadas e muitas foram torturadas também, tiveram que sair daqui fugidas”. (Depoimento da prefeita de Gov. Valadares, Elisa Costa, ex-deputada estadual, uma das entrevistadas dessa pesquisa). **Ver também: BORGES, Maria Eliza Linhares. Representações do universo rural e luta pela reforma agrária no Leste de Minas Gerais. Rev. Bras. Hist.** [online]. 2004, vol.24, n.47, pp. 303-326. Disponível em: [www.scielo.br/scielo](http://www.scielo.br/scielo).

*exterminou, a terra fértil e valiosa abrigou, desde que os interesses dos coronéis locais e de seus grileiros fossem respeitados<sup>119</sup>. (...)”*

Conforme Borges (2004), até aproximadamente os anos 40 aquela região do Vale do Rio Doce produziu café, cana-de-açúcar, fumo e algodão, além do plantio de culturas de subsistência a cargo dos posseiros locais. Daí em diante, a região foi se tornando uma das principais áreas da pecuária bovina de corte, além de sediar a instalação de empresas de capital nacional e estrangeiro como as siderúrgicas Belgo-Mineira, Acesita, Companhia Vale do Rio Doce e outras destinadas à extração e à exploração da mica e do berilo. Em seu artigo, a historiadora analisa representações da cultura do latifúndio e da cultura camponesa em meio aos acontecimentos pré-golpe de 64, registrando em Valadares situações de disputa entre sindicatos rurais e sindicatos de proprietários de terra, às vésperas de uma anunciada reforma agrária do governo Goulart. Nas considerações finais de seu trabalho Borges (2004) contextualiza uma realidade atual que vem produzindo modificações importantes na estrutura de poder nacional e que também influi na composição do poder local, inclusive possibilitando a emergência das líderes que pudemos encontrar ali.

*“(...) No que se refere ao universo rural, pode-se dizer que as lutas pelas liberdades democráticas são decorrência da atuação persistente de diferentes atores sociais. Entre eles, há que lembrar a atuação da CONTAG — Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, criada em 1963. Exercendo o papel de mediadora entre as demandas dos sindicalizados e o Estado, essa entidade foi crucial para a sobrevivência dos sindicatos de trabalhadores agrícolas que, ao longo dos anos 70 e 80, foram se libertando do perfil assistencialista a eles impingido pela ditadura e, simultaneamente, funcionando como canal de denúncia sobre as violências nas áreas rurais e na luta por direitos trabalhistas. Em que pesem as adversidades enfrentadas pela entidade e por seus atores nos anos de chumbo da ditadura, sabe-se que sua atuação tendeu a usar os dispositivos legais — sindicalização e Estatuto da Terra — para vincular a luta por direitos trabalhistas à luta pela terra.*

Conforme Borges Ainda que os resultados em termos de reforma agrária não tenham sido expressivos, a entidade pode contabilizar, entre seus méritos, o papel de criar as condições legais para o surgimento, entre fins dos anos 70 e o início dos 80, dos chamados "novos personagens em luta pela terra". Referimo-nos, especificamente, aos atingidos por barragens das regiões onde se construía novas hidrelétricas; ao movimento dos pequenos produtores rurais, constituído pelos excluídos do processo de modernização da agricultura feita sem qualquer alteração na estrutura fundiária; ao movimento dos seringueiros, que resistiu ao processo de substituição dos seringais da Amazônia por terras de pastagens e, finalmente, ao movimento dos sem-terra, surgido em 1984, com o lema "terra não se ganha, se conquista".<sup>120</sup> Ora, a atual diferenciação das formas de luta nas áreas rurais coloca-nos diante de uma situação abortada pelo golpe de 1964. O caso dos sindicatos de trabalhadores rurais do Vale do Rio Doce, analisado neste

---

<sup>119</sup> BORGES, Ma. L. *Representações do universo rural e luta pela reforma agrária no Leste de Minas Gerais*. *Rev. Bras. Hist.* V. 24 n. 47. USP. São Paulo. 2004. Artigo consultado em dez. de 2012 no endereço: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882004000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100012).

<sup>120</sup> Sobre a história desses movimentos, ver MEDEIROS, L. S. *História dos movimentos sociais no campo*. Rio de Janeiro: Fase, 1989. Apud BORGES, 2004, op. cit.

artigo, mostra-nos a pluralidade do universo rural, naquele momento desconsiderada até mesmo pelas organizações de esquerda.

*“Independentemente dos elos comuns que perpassam a realidade dos chamados "novos personagens do mundo rural", há que reconhecer a retomada da democracia como fator crucial para que esses, e outros atores coletivos, possam continuar a expressar, de dentro para fora, suas identidades socioculturais. O respeito à alteridade é, por sua vez, condição para se seguir na busca de estratégias políticas que garantam aos diferentes atores da sociedade uma inserção política e social que tanto lhes permitirá manter suas tradições, quanto lhes possibilitará participar das aquisições materiais e simbólicas em curso”.* (BORGES, 2004).

Foi nesse cenário que encontramos então nossas entrevistadas, presidentes de sindicatos rurais, vereadoras de pequenas localidades do entorno de Valadares, vereadoras da própria cidade de porte médio, diretoras de sindicatos rurais, líderes de assentamentos, além de gestoras de estruturas municipais como prefeitura, coordenadorias, assessoras, estudantes e donas de casas que também se revelaram líderes de seus próprios movimentos, ou fundadoras de associações de moradores, operárias aposentadas, esposas de pastores batistas, de policiais, avós, mães, estudantes, analfabetas, semi-analfabetas, graduadas nas universidades e pós-graduadas, montando um painel bastante variado de universos, sujeitos e visões de mundo.

## Tabela geral de entrevistadas

**Fonte** – Elaboração própria

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	PARTIDO POLÍTICO	IDADE	FILHOS	ESTADO CIVIL	ETNIA	RELIGIÃO
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	Dona casa+vice ass.morad.	PSD	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobralia	Fundamental	1 SM	Diretora Sind. Trab.Rurais	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Com. Base
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Apos. + Lider Comunitária	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Com. Base
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Profa.+ Liderança Política	PT+PSB+PT	34 anos	1 Filho	Casada	Parda	Past.Familia
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni.Mulher	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pente.
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Médio e Estud. Unive	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Batista
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã
Entrevista 10	Iovanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 Filhos	Casada	Parda	Presbiteriana
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	Da. de Casa/Empreen.	Não	64 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Católica
Entrevista 12	Luana Pereira de Oliveira	Gov. Valadares	Estud. Universitária	2,5 SM	Estag. Prefeitura	PT	22 anos	Não	Solteira	Parda	Católica
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobralia	Fundamental	1 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobralia	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 Filhos	Casada	Branca	Católica
Entrevista 15	Maria Pereira Ribeiro	Gov. Valadares	Analfabeta	2 SM	Operaria aposen.	Não	81 anos	6 filhos	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	Mov.Mulheres Camponesas	PT	39 anos	1 Filho	Sep. Judicial	Branca	Com. Base
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Promet.	Médio	4 SM	Lider em Assentamento	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT ( *)	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 Filhos	Casada	Branca	Católica
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Familia	Dona de Casa	Não	42 anos	2 Filhos	Casada	Negra	Católica
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 Filho	Viúva	Branca	Católica
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 Filho	Casada	Parda	Católica

<b>LEGENDAS</b>	
<b>Localidade</b>	
Mulheres de Gov. Valadares	
Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares	
<b>Nível Educacional</b>	
Analfabeta / Semi-analfabeta	
Fundamental	
Médio	
Ensino Superior incompleto / Completo	
Pós-Graduada	
<b>Renda Familiar</b>	
De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)	
De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos	
De 2,5 a 4 Salários Mínimos	
10 Salários Mínimos	
20 Salários Mínimos	
<b>Ocupação</b>	
Dona de Casa	
Ocupação das mulheres líderes	
<b>Partidos Políticos</b>	
Não tem filiação partidária	
PT	
PMDB	
PSD	
PP	
DEM	
<b>Faixa Etária</b>	
De 20 a 29 anos	
De 30 a 39 anos	
De 40 a 49 anos	
De 50 a 59 anos	
De 60 a 69 anos	
De 70 a 79 anos	
De 80 a 89 anos	

<b>Número de filhos</b>	
Não tem filhos	
1 Filho	
2 Filhos	
3 Filhos	
4 Filhos	
5 Filhos	
6 Filhos	
9 Filhos	
<b>Estado Civil</b>	
Solteira	
Casada	
Divorciada / Separada Judicialmente	
Viúva	
<b>Etnia</b>	
Branca	
Parda	
Negra / Morena	
<b>Religião</b>	
Católica / Presbiteriana	
Comunidades de Base / Pasotorais	
Batista / Batista Pentecostal / Cristã	

## Mulheres do Sertão

Partindo de uma lista original de ex-alunas do curso de 2008, das quais conseguimos imediatamente contatar quatro lideranças, fomos recebendo indicações de outros nomes de mulheres líderes e donas de casa até montarmos um grupo de 24 entrevistadas (14 mulheres líderes e 10 donas de casa), tanto em Governador Valadares como nas comunidades do entorno, seja em pequenas cidades próximas como Engenheiro Caldas, Sobrália, Tumiritinga, como nos assentamentos da região e pequenos sítios vizinhos. Desse total, encontramos sete (07) mulheres com diploma de nível superior (uma com Licenciatura) – três (03) destas sete entrevistadas são pós-graduadas (latu-sensu). Também desse total das 24 entrevistadas pela pesquisa, cinco (05) mulheres têm diploma de nível médio, sete (07) estudaram até terminar o nível fundamental. Tendo em vista todas as localidades onde essas mulheres vivem, encontramos três (03) analfabetas – uma delas é dona de casa em um sítio localizado próximo de Sobrália; a outra também dona de casa de um assentamento de ex-sem terra que há alguns anos conquistaram o título de proprietários em uma fazenda invadida; a terceira mulher analfabeta é uma operária aposentada que vivia na maior cidade da região Leste de Minas, uma senhora idosa de 81 anos, moradora de Governador Valadares.

Dez (10) dessas 24 mulheres entrevistadas na pesquisa vivem e trabalham nas pequenas cidades, assentamentos rurais ou sítios nos arredores de Governador Valadares. Dessas, três (03) definem-se como essencialmente donas de casa, embora este conceito em se tratando do interior rural tenha suas fronteiras borradas tendo em vista que o cotidiano das donas de casa de centros urbanos guarda diferenças consistentes com o dia a dia das mulheres do meio rural. Todas são meio que trabalhadoras da agricultura familiar – trabalhar em casa na definição do meio rural significa também (além dos afazeres domésticos convencionais) cuidar da horta, das criações como galinhas, cabritos, cães, etc. Guardadas as devidas diferenças de meio urbano e rural, são três as donas de casa entrevistadas<sup>121</sup> em localidades nos arredores de Valadares, o que somam 10 (dez) donas de casa no total das 24 mulheres entrevistadas na pesquisa.

---

<sup>121</sup> Trecho de entrevista com dona de casa, 42 anos, analfabeta, casada, avó, tem 2 filhas jovens, moram em um assentamento rural:

**P -Se você fosse explicar pra alguém que tipo de vida você tem, o que vocêalaria?**

R - Que a gente é assentada, que trabalha.

**P - E quando teve a ocupação vocês sofreram alguma pressão? Como foi isso?**

R - Foi muito pesado. Às vezes estava no almoço da gente ... você estava comendo e tinha que soltar o prato de comida porque estava chegando polícia pra tirar.

**P - E aí, vocês saíam correndo e se escondiam?**

R - Não, não saía não, ia pra frente enfrentar.

**P - Ia lutar?**

R - Enfrentava.

**P - Então a senhora é corajosa?**

R - Todo mundo enfrentava e ninguém corria.

**P - E quanto tempo durou isso?**

R - Muito tempo.

**P - A senhora até esqueceu, tanta coisa boa que está acontecendo agora que a senhora até esqueceu.**

R - Esqueceu o que estava pra trás e vem pensando no que está pra frente.

Além das três donas de casa que vivem nas pequenas localidades na vizinhança de Valadares, as sete outras mulheres encontradas nessas pequenas comunidades são todas lideranças de movimentos sociais no sertão do Leste mineiro – três (03) presidentes de sindicatos de trabalhadores rurais de pequenas cidades rodeadas de propriedades rurais onde estes trabalhadores exercem suas atividades profissionais; uma (01) mulher líder é diretora de um destes sindicatos; uma outra (01) é vereadora; outra ainda (01) é servidora municipal aposentada e expressiva liderança comunitária em sua região. Dessas dez (10) mulheres sertanejas entrevistadas nas pequenas localidades, uma delas (01) tem diploma de curso superior (Licenciatura); cinco delas (05) têm diploma de ensino fundamental; duas (02) têm diploma de nível médio e duas (02) são analfabetas. Sintomaticamente, as duas analfabetas vivem no campo – uma delas com a família em um pequeno sítio, a outra vive com sua família em um assentamento de reforma agrária.

Monossilábica, a dona de casa do assentamento rural já referido aqui, analfabeta, mãe de duas filhas, acaba relatando alguma coisa do que viveram no período mais sombrio, onde não sabiam o dia de amanhã. Da. Maria é uma senhora bem escura com feições de índia, desconfiada e quieta. Sentada na sala nova da casa que a família construiu no assentamento, com a luz da tarde batendo nos cabelos escuros e presos para trás, ela descansa na sala de visitas em um sofá coberto por uma manta de cor encarnada. Conta que tem bolsa família e bolsa escola para seus dois netos que brincam em frente à casa. Muitas perguntas tiveram que ser feitas para que Da. Maria afinal fizesse o seu relato. Eliminamos as perguntas e juntamos pequenos trechos da conversa para que se possa ter noção do acontecido – seu relato representa situações que muitas famílias de sem-terra vivenciaram pelo país afora. Ela diz:

*“Foi uns dois, uns três anos de enfrentamento mesmo. Não tinha líder. A gente conversava, sentava todo mundo. E falavam: ‘Essa luta nós vamos lutar’. Todo mundo cantava, até hoje ainda canta. Tem vez que tem as reuniões, tem assembleia, tem tudo. Porque a gente agora faz uma reunião, às vezes tem que passar uma coisa que está acontecendo, aí a gente vai para as reuniões e eles vão explicando. De primeiro a reunião era mais pesada, as coisas que a gente tem agora é diferente de quando era lá. ‘Vem, vem todo mundo correndo, porque está chegando, está vindo polícia, está vindo cavalos, cachorros’. Os pistoleiros não vinham junto não, mas o meu marido foi pego, o Zé França ali, eles foram pegos (...)”*

Das cinco (05) mulheres que declararam viver com a renda familiar mais baixa de todo o estudo, quatro delas (04) moram nestas pequenas localidades vizinhas de Valadares. Elas estão assim distribuídas: uma (01) dona de casa de 42 anos, mãe de duas (02) filhas, casada, analfabeta (só assina o nome), vivendo em assentamento de reforma agrária com marido, filhas e netos, declara renda familiar de cerca de ½ salário mínimo (mais Bolsa Família e Bolsa Escola); uma (01) mulher de 33 anos, casada, mãe de três (03) crianças, com diploma de ensino fundamental, expressiva liderança sindical na região, trabalhadora rural, vive com renda familiar de um (01) salário mínimo; uma (01) mulher casada de 34 anos, dona de casa, moradora de pequena cidade, mãe de duas (02) crianças, com diploma de ensino fundamental, declara renda familiar de um (01) salário mínimo (com Bolsa Família e Bolsa Escola); uma (01) mulher casada de 48 anos, diploma de ensino fundamental, trabalhadora rural, mãe de quatro (04) filhos já criados, avó,

expressiva liderança sindical na região, vive com renda familiar de um (01) salário mínimo.

## TABELA: MULHERES DE SOBRÁLIA E ARREDORES

**Fonte** – Elaboração própria

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	Partido Político	IDADE	FILHOS	Estado Civil	ETNIA	RELIGIÃO	ABORTO	DIVORCIO	HOMOSS.	LIB.SEXUAL
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobralia	Fundamental	1 SM	Trabalhadora Rural	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Polêmico	Polêmico	Respeita	Prudência
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Aposentada	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobralia	Fundamental	1 SM	Trabalhadora Rural	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base	Contra	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobralia	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 Filhos	Casada	Branca	Católica	Contra	Contra	Contra	Contra
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	lh.Campo/Prefeitu	PT	39 anos	1 filha	Sep. Judicial	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Prom	Médio	4 SM	Trabalhadora Rural	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Trabalhadora Rural	PT	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 Filhos	Casada	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Família	Dona de Casa	Não	42 anos	2 filhas	Casada	Negra	Católica	Contra	A favor	Respeita	Prudência

**Fonte:** Elaboração própria

## **Legenda**

<b>Opinião sobre temas polêmicos</b>
<b>A favor</b>
<b>Contra</b>
<b>Polêmico</b>
<b>Prudência</b>
<b>Respeita</b>

**Fonte** – Elaboração própria

## Lideranças sertanejas -

O processo de se tornar líder nas pequenas localidades rurais onde vivem estas mulheres entrevistadas pela pesquisa parece indicar que não se trata de um acontecimento deslocado da vivência cotidiana que elas têm. Na grande maioria dos casos, elas se originam de famílias fortemente integradas à vida da comunidade (isso é um traço importante na história de vida de muitas delas). Ou seja, não há propriamente uma ruptura com a ordem estabelecida – até porque elas demonstram saber que enquanto trabalhadoras (rurais ou urbanas) estão conectadas de forma restrita a esta ordem estabelecida.

*“Não. Meu pai era empregado, era como se fosse um gerente antigo muito respeitado, muito político. Ele morava lá por morar, ele vivia mais andando também e plantando. Trabalhava só para ele. Eles nem cobrava o terço dele não, porque ele contribuía muito com os fazendeiros por causa do meio político que estava tentando trazer para cá, as urnas ... então ele era muito político. Gostava mesmo de política, sabe? Então ele mexia nisso... (Depoimento de Da. Maria Viene, 62 anos, casada, liderança de comunidades de base, auxiliar de serviços gerais em escola de Sobralia, aposentada. Ela conta que aos 15 anos, nestas fazendas onde viveu com o pai, já alfabetizava pessoas adultas e pedido dele.)*

O que elas demonstram conhecer de fato é uma profunda exclusão da ordem estabelecida, ou melhor, exclusão dos benefícios [destinados a algumas classes] de pertencimento a esta ordem e a grande carga que é pertencer a esta categoria - a de trabalhadoras rurais e/ou parte dos pequenos produtores rurais da agricultura familiar, que é ser parte da última escala na hierarquia social do meio rural.

*“Eu levo uma vida muito comum, vamos dizer assim. Então, se eu tivesse que contar, eu iria focar que eu sou uma camponesa. Escolhi ser uma trabalhadora rural, portanto eu quis ser assentada. Meu pai é um pequeno produtor de uma comunidade rural daqui de Valadares, 10 filhos, uma família enorme. Todos sobrevivem da roça e o máximo que eu podia ser é professora no campo. Resumindo seria isso. [diferente de suas irmãs] (...) eu sou muito independente, sempre trabalhei fora, sempre me sustentei, desde muito nova, desde os meus 19 anos. Trabalhava na roça com o meu pai, sem estudar. Depois dos 19 eu vim para estudar, meu pai não deixava sair para estudar. Meu sonho era esse... aí fui para um convento de freira e fiquei lá três meses. Isso foi em 1992, estava no auge da militância. Aí eu vim embora, eu já estava na direção do sindicato, não como presidente, mas já compunha a diretoria. Aí me chamaram para contribuir no atendimento interno do sindicato [Sindicato de Trabalhadores Rurais de Governador Valadares] e no ano seguinte eu assumi a direção”. (Depoimento de Martinha, presidente do Movimento das Mulheres Camponesas da região, ex-presidente de sindicato, 38 anos, 1 filha, separada judicialmente, tem Licenciatura, vive em assentamento rural).*

No caso daquelas que tiveram e têm formação nas Cebes (Comunidades Eclesiais de Base da Igreja Católica), o fenômeno de construção da liderança se inicia ainda na mais tenra juventude - aos 13, 14 anos - como relatado por muitas das entrevistadas.

*“Eu e meu esposo, a gente se conheceu ainda novinho, nos grupos de igreja... desde cedo a gente já estava lá, aprendendo a participar. (...) Lá na comunidade, por exemplo, eu ajudava na catequese, até hoje eu e meu esposo somos coordenador de comunidade. Coordena o trabalho da comunidade. A gente participa da Sociedade São Vicente de Paula, desde muitos*

*anos. Faz parte do conselho aqui da sede. Então assim a gente nunca deixou isso, mesmo com os filhos pequenos. (...) A gente luta, quer ver o resultado das coisas e às vezes até decepciona com certas realidades. Que as vezes a gente vai em frente, luta, quer ver o resultado daquilo e às vezes não dá do jeito que a gente queria.”* (Entrevista de Glorinha, uma das diretoras de Sindicato de Trabalhadores Rurais de Sobrália, diploma de ensino fundamental, mãe de 4 filhos adultos, 48 anos, casada).

Antes de chegarem a esse momento, do reconhecimento privado e público de sua liderança, quase que a absoluta maioria delas aprende os trabalhos rurais em família. Em geral começam aos oito anos de idade e só mais tarde, nas reuniões de jovens nas igrejas das pequenas comunidades onde vivem, irão reconhecer sua própria capacidade de liderança. Uma delas, líder sindical, viúva, 51 anos, presidente de sindicato de trabalhadores rurais em uma daquelas pequenas localidades, relata seu aprendizado na roça:

*“A formação que eu tive da roça foi os meus pais que me ensinaram. Desde a minha idade de oito anos - a gente não tinha televisão, não tinha luz porque é um serviço bem dispendioso que eles falam... A gente dormia o sono, a gente acordava e quando amanhecia o dia, meu pai já tinha ido com o meu irmão pro pasto. E eu ia pôr fogo na tacha de melado pra fazer rapadura. Aí meu pai parava com o engenho porque eu não tinha força nem de tirar aquele melado ali de dentro... Inclusive, pra eu poder bater o melado, colocava até a escumadeira aqui na cintura.”*(Depoimento de Mariinha, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Engenheiro Caldas).

Muitas irão amadurecer, trabalhar essa capacidade de liderança, nesses encontros de reflexão para jovens e, aquelas que persistirem, mais tarde terão a liderança reconhecida seja em trabalhos comunitários de caráter geral ou em sindicatos de trabalhadores rurais, ou assentamentos de reforma agrária (muitas delas têm trajetória semelhante). Essa trajetória relatada por tantas delas nos mostra que a construção do espaço de liderança começou já na infância e na adolescência, a partir das dificuldades mesmo da vida de sua comunidade, em que vieram a preencher espaços nos momentos em que isso foi demandado ou a própria pessoa se colocou como o agente de mudança em situações como a de trabalhadores rurais sem esclarecimento e em busca desse conhecimento nas agremiações de trabalhadores que a luta social foi fortalecendo em vários rincões do país a partir (novamente aqui interessa comentar) da redemocratização. Também é interessante registrar que de alguma forma elas também refletem em seu comportamento e em suas intervenções o experienciado por gerações anteriores, seja ali do interior de Minas ou de outras áreas de onde a família descende - algumas vêm de lutas camponesas vividas no Nordeste dos anos 60 e 70.

*“Eu tenho uma prima chamada Cícera, ela é sindicalista, foi presidente do sindicato lá, dos trabalhadores rurais de Serra Talhada (PE) e hoje ela é presidente da FETAP que é a Federação dos Trabalhadores de Pernambuco. E a minha família toda é sindicalista - por parte do meu pai. Meu tio foi um dos fundadores do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de lá. Isso é uma coisa que tá no sangue. Eu achei que aqui eu não ia me envolver muito com esse pessoal, mas...”* (Entrevista de Damiana, 33 anos, diploma de ensino fundamental, casada, 3 filhos, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Sobrália).

Ao mesmo tempo em que ousam na esfera política, se atirando a experiências de liderança ainda recentes no país, por outro lado, na esfera dos costumes, especialmente no meio rural, a pesquisa encontrou também muito claro que todas parecem seguir as tradições locais: encontram um companheiro, casam-se dentro dos padrões de sua comunidade, têm famílias das quais cuidam dentro do que se espera das mulheres e que os costumes locais recomendam. Os registros que encontramos nos mostram que na esfera da política sindical é onde o enfrentamento à ordem estabelecida se dá de forma mais pronunciada, conforme a experiência relatada pelas sete líderes sindicais que vivem nas pequenas localidades vizinhas de Governador Valadares. Trabalhadora rural criada em sítios da região, Mariinha perdeu o marido em acidente de carro do qual ela também guarda sequelas físicas. Ela hoje preside o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Engenheiro Caldas. Reproduzimos abaixo um pequeno trecho da entrevista com ela:

*P – Mariinha, como você explicaria isso, se tivesse que falar num auditório, numa igreja, num grupo de jovens ou num grupo de sindicato? Como você falaria da sua vida?*

*R - Eu acho que hoje, a minha vida, eu estou dedicando ela mais para os trabalhadores rurais.*

*P - Certo. Você está desde quando no sindicato?*

*R - Eu comecei aqui tem oito anos. Eu comecei no primeiro mandato. Eu fui diretora daquela gestão da presidência, nisso o presidente faleceu. Aí eu só vim um dia pra fazer entrevista com as pessoas e no outro dia pra acompanhar o INSS. Depois, quando o Sr. Sebastião morreu eu tive uma secretária que teve que segurar a barra. Eu estava com um ano e pouco com ele, não sabia quase nada, eu estava aprendendo... E estou aprendendo até hoje, cada dia. E aí seguiu, a primeira suplente abraçou o cargo. Terminou aquele mandato, eu me candidatei, venci meus quatro anos e comecei outro agora, dia sete [em junho de 2012]. Terminei o mandato e logo comecei outro pra mais quatro anos. Eu acho assim, porque às vezes eu deixo de visitar minha família [os pais e irmãos se mudaram para São Paulo], eu deixo de ir num passeio, porque às vezes eu vou chegar atrasada. Porque se eu chegar aqui na segunda-feira eu vou chegar atrasada e tem alguém pra eu poder levar, acompanhar ao INSS. Então eu acho que eu estou dedicando mais a minha vida aos trabalhadores rurais.*

Ou seja, na esfera da busca dos direitos dos trabalhadores rurais, especialmente, na prática dessas mulheres há sim uma luta por reconhecimento de direitos já garantidos nas leis de uma sociedade brasileira mais redemocratizada nos grandes centros urbanos do que no interior e de cujos avanços essas mulheres se beneficiaram para estar agora exercendo seu papel em suas comunidades.

Também se beneficiam das lutas feministas e de movimentos de mulheres havidos por décadas nos grandes centros urbanos, o que neste momento chega às pequenas comunidades do interior por seu intermédio<sup>122</sup>. Nos relatos de suas experiências há

---

<sup>122</sup> Conf. Leone e Teixeira (2010), a situação de discriminação das mulheres na vida sindical só começa a ser revertida a partir de 1993, em plenária da CUT – Central Única dos Trabalhadores. Diziam elas em seu

registros do empenho destas mulheres líderes em fazer avançar as agendas feministas na relação pessoal com os companheiros, com aqueles que privam de sua intimidade. Mostraram assim repercutir em sua história várias das bandeiras da agenda feminista com consciência de seu papel na luta por garantia de direitos de mulheres brasileiras criadas em uma sociedade que só lentamente foi se democratizando na vida real, algumas décadas depois do registro legal.

### ***Recorte Regional, Educação e Renda -***

Tendo em vista o recorte regional, vivem em Governador Valadares as seis (06) mulheres que declararam os maiores níveis de renda familiar da pesquisa – isto é, ¼ do grupo de entrevistadas tem renda familiar entre 9 e 20 salários mínimos. Uma delas, pós-graduada, divorciada sem filhos, cuida de 2 sobrinhos, expressiva liderança político-partidária de Minas, foi a única que declarou viver com renda familiar de 20 salários mínimos. As outras cinco (05) mulheres desse grupo declararam uma renda familiar na faixa de nove (09) a doze (12) salários mínimos e estão assim distribuídas: uma dona de casa, pós-graduada, mãe de quatro filhos já criados, avó, tem renda familiar de 12 salários mínimos; uma mulher casada, com diploma de curso superior, mãe de três (03) filhos já criados, avó, expressiva liderança política e detentora de cargo eletivo, vive com renda familiar de 12 salários mínimos; uma (01) mulher casada, mãe de quatro filhos, militante feminista, com diploma de nível médio, exerce uma assessoria em área pública, tem renda familiar de 10 salários mínimos; uma mulher recém-casada, mãe de 1 filha, com diploma de curso superior, dona de casa, declara renda familiar de 10 salários mínimos; uma (01) mulher com diploma de nível médio e estudante universitária, mãe de dois (02) filhos, divorciada, expressiva liderança política e detentora de cargo eletivo, tem renda familiar de nove (09) salários mínimos.

Dessas 24 mulheres entrevistadas, 14 delas vivem em Governador Valadares. Entre as 14 mulheres, nove (09) trabalham fora em suas profissões de origem ou são líderes políticas exercendo funções públicas. Cinco dessas 14 mulheres são donas de casa e exercem seu trabalho no lar. Do total de entrevistadas que vive em Valadares, seis (06) têm diploma de nível superior (das quais três são pós-graduadas); duas (02) são estudantes universitárias; três (03) têm diploma de nível médio, duas (02) têm diploma de nível fundamental e uma (01) é analfabeta.

---

estudo: *“Portanto, a criação de comissões de mulheres nas estruturas sindicais deu-se a partir da necessidade de introduzir no movimento sindical, a luta da mulher trabalhadora para enfrentar a realidade da discriminação a que são submetidas no cotidiano do trabalho, do sindicato e na realidade como um todo”*. E ainda: *“As mulheres estão na base dos sindicatos, estão na construção do sindicalismo e de suas lutas e, no entanto, estão fora de suas direções, sub-representadas nas instâncias de decisões. Em parte do movimento sindical esse quadro se reverteria com a aprovação das cotas mínimas de 30% na VI plenária da CUT em 1993”*. As mulheres no mercado de trabalho e na organização sindical. Trabalho apresentado no XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais, realizado em Caxambu- MG – Brasil, de 20 a 24 de setembro de 2010.

Ainda em Governador Valadares, das nove (09) mulheres que trabalham fora, seis (06) vivem experiências ainda inovadoras para o interior do Brasil, em função de suas lideranças – duas (02) dessas mulheres são vereadoras na Câmara Municipal de Valadares; uma outra mulher (01) é a prefeita dessa cidade de porte médio; outra (01) dirige a Coordenadoria de Mulheres do município; uma outra mulher (01) é assessora desta coordenadoria. E, finalmente a última (01), e não menos importante, como dizem os ingleses, é fundadora e presidente do Movimento das Donas de Casa de Valadares.

## TABELA MULHERES DE GOVERNADOR VALADARES

**Fonte:** Elaboração Própria

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	Partido Político	IDADE	FILHOS	Estado Civil	ETNIA	RELIGIÃO	ABORTO	DIVORCIO	HOMOSS.	LIB.SEXUA
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	a casa+vice ass.mo	PDS	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Professora	PT+PSB+PT	34 anos	1 filho	Casada	Parda	Past.Familia	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni.Mulhe	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pente	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Medio e Est. Univers	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã	A favor	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 10	Iovanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 Filhos	Casada	Parda	Presbiteriana	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	a. de Casa/Empree	Não	64 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 12	Luana Pereira de Oliveira	Gov. Valadares	Estud. Univrsitária	2,5 SM	Estag. Prefeitura	PT	22 anos	Não	Solteira	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 15	Maria Pereira Ribeiro	Gov. Valadares	Analfabeta	2 SM	Operaria aposen.	Não	81 anos	6 filhos	Viúva	Branca	Católica	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 filha(adoçã	Viúva	Branca	Católica	Contra	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 filha	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra

<b>LEGENDAS</b>	
<b>Localidade</b>	
	Mulheres de Gov. Valadares
	Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares
<b>Nível Educacional</b>	
	Analfabeta / Semi-analfabeta
	Fundamental
	Médio
	Ensino Superior incompleto / Completo
	Pós-Graduada
<b>Renda Familiar</b>	
	De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)
<b>Número de filhos</b>	De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos
Não tem filhos	De 2,5 a 4 Salários Mínimos
1 Filho	10 Salários Mínimos
2 Filhos	20 Salários Mínimos
3 Filhos	
<b>Ocupação</b>	
4 Filhos	Dona de Casa
5 Filhos	Ocupação das mulheres líderes
6 Filhos	
<b>Partidos Políticos</b>	
9 Filhos	Não tem filiação partidária
<b>Estado Civil</b>	
	PT
Solteira	PMDB
Casada	PSD
Divorciada / Separada Judicialmente	PP
Viúva	DEM
<b>Etnia</b>	
<b>Faixa Etária</b>	
Branca	De 20 a 29 anos
Parda	De 30 a 39 anos
Negra / Morena	De 40 a 49 anos
	De 50 a 59 anos
<b>Religião</b>	De 60 a 69 anos
Católica / Presbiteriana	De 70 a 79 anos
Comunidades de Base / Pasotorais	
Batista / Batista Pentecostal / Cristã	De 80 a 89 anos

### *Inovação nos Costumes -*

Na experiência da vida privada encontramos registros não propriamente de rupturas, porém de “inovações” no campo dos costumes nas relações dessas mulheres com seus companheiros, às vezes tendo em vista o fator geracional, mais do que o geográfico. É o que relatou uma vereadora de Governador Valadares, de 58 anos, mãe de quatro (04) filhos já criados, casada e diretora de escola aposentada. O exemplo dessa parlamentar, hoje influente na vida local, nos parece representativo da vivência de algumas dessas mulheres líderes. No processo de construção de sua legitimidade política na vida pública, os relatos se multiplicam mostrando que em primeiro lugar a legitimação de sua liderança teve que ser resolvida na vida privada para então se exprimir na vida pública.

A vivência dessa liderança local, já casada há algumas décadas, mostra que aquilo que aos olhos dos moradores das grandes metrópoles pareceria um pouco tímido, para as comunidades do interior do país talvez signifique algum avanço. Fato é que na vida desta senhora, ela primeiro inovou em relação aos costumes locais ao se tornar professora já sendo mãe de família e tendo um marido em condições de mantê-los economicamente, o que são critérios suficientes no interior de Minas para que uma senhora casada permaneça no lar. Esse ainda é um comportamento especialmente incentivado e aceito não apenas no interior do país, mas pela geração nascida até a década de 50. É uma herança de décadas de padrões morais aplicados às mulheres da classe média brasileira e amplamente aceitos e incentivados até os anos 70, quando historicamente no país se dão as primeiras rupturas nesse modelo a partir das ações de movimentos feministas nacionais e internacionais, com amplo conhecimento da opinião pública. Mesmo convivendo com as regras mais rígidas do interior, essa professora e posteriormente diretora de escola aposentada que se inicia na vida política de Governador Valadares, de sólida formação religiosa na Igreja Batista Pentecostal, consegue alterar os padrões de sua vida privada com persistência e foco em seus objetivos, conforme relatou na entrevista.

Houve momentos de crise de casamento provocada por sua firme decisão de se manter no mercado de trabalho e ainda se aperfeiçoar fazendo uma faculdade, coisa que provocava grande desconforto ao marido, mesmo em uma área - a educação-, incentivada para o exercício profissional das mulheres.

*Indo para a faculdade: “(...) É, mas eu fazia de tudo para não deixar ele inseguro em nada. Mas ele quis fazer valer a palavra de poder. Então cheguei a ficar 60 dias fora da faculdade. Foi quando conversei com minha mãe: ‘Minha filha, você já tem uma filha. Cuidado, não vai. Olha seu marido.’ Então eu recuei. E tudo que ele prometeu, ele não cumpriu nem 1%. Então eu cheguei para ele e falei: ‘Olha, tomei uma decisão. Estou triste, estou muito frustrada. Sonhei em fazer faculdade e gostaria de deixar um legado para meus filhos de lutas, vitórias... então se você quer condicionar, então você pode sair de casa porque eu estou indo para a faculdade. Próximo final de semana eu estou indo para faculdade.’ (...)*

Contornada com sucesso esta fase, e mais tarde alçada à condição de diretora de escola, incentivada por suas próprias amizades no campo religioso, vê-se diante de nova crise ao se interessar pela vida política. Espaço que se abriu pelo convite do pai de dois alunos da escola que então esta professora já dirigia na cidade – o pai desses alunos era um experiente vereador de alguns mandatos na câmara local. Foram muitos meses de negociação na vida privada e reuniões na esfera religiosa, que apoiava seu interesse pela vida política, até a decisão final ser tomada. Crise de casamento contornada, portanto, pela intervenção de líderes religiosos, convencidos de que uma importante aliada chegaria ao poder político local para defender agendas apoiadas por seu grupo religioso.

*Indo para a Política: “Surge a questão da política. Ele resistiu de novo: ‘Não, de forma alguma. Minha esposa virar política, de forma alguma.’ Resistiu o tempo todo. Então eu fiz um propósito com ele: ‘A primeira e a última palavra não deve ser minha, nem ser sua. Vamos ouvir Deus?’ Então eu fiz um propósito de oração, falei com as lideranças da igreja, com o pastor. Pedi várias pessoas para estar orando, que se Deus tivesse um plano que fosse uma confirmação unânime das pessoas que a gente tinha ligação. (...) E depois ele fez uma reunião com todas as lideranças da igreja, mais de 100 pessoas numa reunião fechada. E disse: ‘A Dilene está com essa predisposição. O que vocês acham?’ E um dizia: ‘Eu acho que não [que não deve desistir], vamos ‘garrar’ todo mundo. Não está sintonizado todo mundo.’ Então eu tive uma motivação dentro de uma base que eu já trabalhava lá como cristã e juntou todo mundo! Foi um exército. Aquelas 100 pessoas se multiplicaram em 500. Foi uma coisa inédita que aconteceu. Sem dinheiro, professora, 1.000 e pouco de salário. Quando trabalhava, trabalhava para ter um salário desse. Então fomos surpreendidos com o resultado”.* (Entrevista de Dilene, vereadora de Gov. Valadares já em seu quarto mandato).

Houve alguns casos relatados por estas líderes em que seus companheiros teriam apoiado sem necessidade de negociação a entrada dessas mulheres para espaços da política (em movimentos sociais, religiosos, sindicais, cargos na burocracia municipal, etc), onde pudessem buscar a legitimidade de que necessitavam para seguir com seus projetos políticos. No caso de uma jovem liderança sindical de Sobrália já foi um pouco diferente desse cenário descrito por suas colegas. Em sua experiência, com poucos anos de casada, mas já com três filhos e uma clara consciência de seu papel na política sindical, em vários momentos sua inteligência, sabedoria e esperteza tiveram que ser postos à prova, visto que não pretendia desistir da política e tampouco do amor do marido. Esse recorte de um trecho de sua entrevista ilustra a situação:

*P – E essa questão do homem ter a autoridade dentro de casa? Tem muito homem que gosta de ser o último a falar, a última palavra tem que ser dele, ele tem que decidir, concordar e tal, como é que você enxerga isso? Aqui nessa região, como é que funciona isso?*

*R- Tem muito isso.*

*P - Mesmo nessa geração mais jovem?*

**R - Tem e isso é uma coisa muito complicada. A mulher que tem que trabalhar isso dentro de casa. Na minha casa não foi fácil quando eu comecei, mesmo no movimento de igreja. Na casa do Mobon, Movimento de Boa Nova... A gente vai lá e fica três dias fazendo curso de capacitação, duas vezes por ano. E aí a gente vai, tem curso de leis da Bíblia, passa para a comunidade o estudo da Bíblia e semana santa. São dois cursos por ano que tem. A gente vai fazer preparação. E o primeiro desafio foi sair de casa para ir prá lá.**

**P - Você já tinha os 3 filhos?**

**R - Já tinha os 3 filhos.**

**P - E a menor ainda era pequenininha?**

**R - Era pequena, tinha dois anos. E foi ele que ficou com as crianças. Primeiro ele não concordou muito. No segundo encontro ele já não queria, foi contra, falava que não queria. O povo falava: 'Você vai deixar sua mulher indo prá igreja? Lá tem gente que faz coisa errada! Ah, eu se fosse você não deixava'. Teve vez que eu saí e ele ficou sem conversar comigo. Eu tive que ser firme e voltei, a mesma coisa. Eu não pedia, eu falava: Tô indo. Eu não 'tava fazendo nada de errado. Eu já deixava as crianças com a minha mãe. Mas aí o que aconteceu...**

**P - Sua mãe compreendia?**

**R - Compreendia.**

**P - E o que você estava buscando nesses lugares?**

**R - Eu estava buscando formação religiosa, conhecimento religioso. E eu passava o que eu aprendia para as outras pessoas.**

**P - Você gosta de ter contatos coletivos, né? Fazer alguma coisa pela coletividade?**

**R - Isso. Depois eu entrei no sindicato. Eu nem perguntei prá ele se ele queria. Ele falou assim: 'Tudo bem, você é suplente, tudo bem'. Antes de ser convidada para ser presidente eu conversei com ele. Aí ele falou assim: 'Você quem sabe. Vai tomar muito tempo seu...' E eu falei: 'Vai, com certeza'. Mas aí eu conversei com ele e ele acabou concordando. (...) depois ele já estava discordando. Ele falava: 'Ah, mas você tá viajando muito ...' Porque tem época que tem plenárias de mulheres em Belo Horizonte, tem em Brasília, tem congresso da Contag, tem congresso de Fetaemg, tem muita bandeira aí! Tem que viajar mesmo. Aí tinha algumas vezes que ele começou a achar ruim, mas aí eu falava: 'Mas você concordou, não concordou? Então agora você não tem que falar nada'.**

**P - Mas você também é brava. Depois ainda fala que não é líder... É líder, uai.**

*R- Aí teve uma vez que eu cheguei em casa e ele ficou dois dias sem conversar comigo. É ruim, não é bom não. Eu falava: ‘Deixa ele. Vai acostumar’. Hoje, prá candidatar para vereadora, eu ainda estava em dúvida e ele falou: ‘não, você vai entrar sim, você entrou pro sindicato e deu certo, por que você não vai entrar?’ Como que muda a coisa....! É a mulher que faz o marido. Porque se eu tivesse baixado a cabeça, tivesse pedido... Olha como é: eu conversava, mas em nenhum momento eu pedia autorização. Eu nunca pedi autorização prá ele, porque se eu pedisse, ele não ia deixar. Então o que é que eu faço? Eu não deixo a desejar meus serviços em casa, as minhas obrigações. Dever de esposa, tudo direitinho. Então como é que eu faço? Eu não peço autorização. ‘Oi, você deixa eu ir em algum lugar?’ ‘ Não. Eu vou. Ele sabe que não adianta falar, que eu ‘tô indo’.* (Entrevista de Damiana, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Sobrália, 33 anos, casada, mãe de três filhos).

As outras mulheres líderes da mesma região em que hoje vive a pernambucana Damiana, menos jovens e todas de criação mineira, relatam experiências de menos confrontos na vida privada. O que transparece dessas outras três lideranças entrevistadas também em Sobrália e arredores, Glorinha, Viene e Dorinha, é uma integração com seus companheiros e uma admiração por parte deles que parece ser um ingrediente importante na trajetória de construção de sua vivência política.

Bastante discreta, a experiência de Glorinha, trabalhadora rural, 48 anos, diretoria daquele mesmo sindicato de Sobrália, parece conter menos essas contradições da vida de casada. Ela relata uma forte integração com seu companheiro, alicerçada na entrega de ambos à vida religiosa nas Cebes (Comunidades Eclesiais de Base da região) e depois na construção e amadurecimento de pontos de vista comuns na política (ambos são fundadores do PT da região). O mesmo relato foi ouvido na casa de Da. Viene, casada, 62 anos, aposentada, mãe de quatro filhos já criados. Durante sua entrevista, o marido aparece vindo do trabalho e pudemos presenciar momentos de pura devoção do companheiro por seu relato. No caso de Dorinha, vereadora pelo PSD, ex-PMDB (“*das antigas*”), casada, com quatro de seus cinco filhos vivendo nos EUA, conforme centenas de mães da região Leste de Minas, o componente integração forte do casal se repete, com o acréscimo de seu companheiro ter sido o incentivador de seu progresso nos estudos. Começando a vida com ensino fundamental incompleto, quando se casaram há 43 anos, Maria das Dores entrou no mercado de trabalho como faxineira (auxiliar de serviços gerais) na escola do município e hoje atua na biblioteca dessa mesma escola em regime de oito horas, é vereadora nas reuniões noturnas da Câmara Municipal de Sobrália e, conforme registra na entrevista, aguarda a chegada da universidade federal [de Juiz de Fora] cuja instalação se comenta na região para tentar seu primeiro curso superior.

## TABELA DE MULHERES LÍDERES

**Fonte** – Elaboração própria

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	PARTIDO POLÍTICO	IDADE	FILHOS	ESTADO CIVIL	ETNIA	RELIGIÃO	ABORTO	DIVORCIO	HOMOSS.	LIB.SEXUAL
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	Dona casa+vice ass.morad.	PSD	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobralia	Fundamental	1 SM	Diretora Sind. Trab.Rurais	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Católica	Polêmico	Polêmico	Respeita	Prudência
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Apos. + Lider Comunitária	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Católica	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Profa. + Liderança Política	PT+PSB+PT	34 anos	1 filho	Casada	Parda	Past.Familia	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni. Mulher	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pente	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Médio e Estud. Unive	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã	A favor	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobralia	Fundamental	1 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base	Contra	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	Mov.Mulheres Camponesas	PT	39 anos	1 filha	Sep. Judicial	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Promet.	Médio	4 SM	Lider em Assentamento	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT ( *)	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 filha(adoçã	Viúva	Branca	Católica	Contra	A favor	Respeita	Contra

Opinião temas polêmicos	
A favor	
Contra	
Polêmico	
Prudência	
Respeita	

### “Mudar aquilo que vivi”-

Os registros que encontramos de histórias de vida nos levam a crer que algumas delas se constituíram como líderes a partir de tragédias pessoais e contingências típicas da classe popular em sua luta para sobreviver em situação de seca no sertão, ou depois em bairros periféricos das grandes cidades. O que sobressai de seus relatos parece confirmar a teoria sobre liderança que discutimos na introdução dessa pesquisa. Um resumo de estudos que tentam definir os traços pessoais de uma liderança conclui que ela é “uma relação que existe entre pessoas numa situação social, e que pessoas que são líderes numa situação podem não o ser, forçosamente, em outras situações” (conf. *Dicionário de Ciências Sociais*, 1987)<sup>123</sup>. O que encontramos nas histórias de vida relatadas por estas mulheres leva a crer que poderiam não ter se tornado líderes estando longe de suas raízes, de seus saberes e capacidades de atuar coletivamente com reconhecimento de suas identidades rurais.

Assim foi com Damiana, conforme relata, registrando que deixou Serra Talhada (Pernambuco) e foi ainda jovem, 15 anos, trabalhar como babá em São Paulo. Lá conheceu o futuro marido, um conterrâneo que acabou por trazê-la de volta à vida rural, desta vez na região Leste de Minas, onde se estabeleceram. Conforme seu relato, ali ela encontrou situações rurais semelhantes à terra onde nasceu e se criou, além de consistente apoio da ação das Cebes (Comunidades Eclesiais de Base), condições que a levaram a assumir o destino de seus familiares – de liderança rural. No caso de Ivani, o retorno à região rural, depois da experiência de passar duas vezes por Belo Horizonte, parece mostrar que as vicissitudes de alguma forma a “treinaram” para exercer a liderança - primeiro em 1999 na organização do acampamento de sem terra [onde hoje é o *Assentamento Terra Prometida*], e finalmente como presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tumiritinga, já com os três filhos e separada do marido, quase chegando aos 50 anos de idade e agora com diploma de ensino médio obtido no EJA.

O exemplo de Ivani remete, de forma exemplar, à clássica história de mulheres deixadas por seus maridos à própria sorte, que crescem à dimensão dos mitos literários na medida em que vencem as dificuldades e conseguem sozinhas criar os filhos e ainda encontram um rumo a seguir. Filha de pequenos agricultores da região (Mendes Pimentel), ela relata que recebeu junto com outros nove irmãos e irmãs muito afeto de seus pais (“*eram pobres, mas pais bacanas*”), tendo sido criada para ser dona de casa e mãe, conforme o costume, tendo se casado totalmente inocente da vida. Foi apresentada por um marido nada gentil a uma realidade não muito feliz - “*ele caía na gandaia e o dinheiro dele não era para nós, só o que sobrava*”. Como sobrava pouco do trabalho de pedreiro e outros serviços braçais, cedo Ivani começa a costurar na casa da vizinha para ter alguma renda – isso já vivendo em Belo Horizonte, após serem tangidos pela seca em sua região. Levando vida boêmia e pouco afeito às responsabilidades de um casamento, as crianças foram chegando e nada de o marido dar jeito no sustento da jovem Ivani e

---

<sup>123</sup> STOGDILL, R.M. *Personal factors associated with leadership: survey of the literature*. In: The Journal of Psychology. 1948. V. XXV, p. 65; **apud** *Dicionário de Ciências Sociais*. 1987. Editora Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.

seus pequeninos, relata. Método anticoncepcional? Uma sogra experiente a esclarece sobre a necessidade de não ter muitos filhos. Um político da terra, em visita a BH oferece a ligadura de trompa desejada e a situação se resolve. Largada sempre sozinha com as crianças, ora em seu pedaço de terra em Mendes Pimentel, ora na vida de periferia em Belo Horizonte, Ivani foi encontrando seu caminho<sup>124</sup>. “*Eu nunca arredei do meu objetivo*”, diz repetidas vezes durante a entrevista.

O objetivo naquela época era criar os filhos com dignidade e ter seu pedaço de chão, plantar, colher, exercer sua profissão de costureira, aprendida em casa com a mãe e aperfeiçoada nas duas incursões com o marido e filhos a Belo Horizonte – “*ganhei a máquina de costura porque ele não queria ir ao casamento de minha irmã caçula e ofereceu a máquina no lugar de ir nessa viagem até Mendes Pimentel*”. A chegada ao acampamento de sem-terra em 1999, para conseguir de volta um pedaço de terra, em seu retorno definitivo à região Leste, mostra que a busca de Ivani por um espaço para criar a família longe das favelas da periferia urbana talvez tenha sido a decisão que a fez encontrar seu destino. Dois anos e meio de experiência nas barracas de lona naquele local que se tornaria depois o *Assentamento Terra Prometida* (só em 2007 oficialmente isso aconteceu) esculpiu nesta mulher a liderança que não suspeitava ter. Almoços comunitários, um despejo temporário de todo o grupo que acaba tendo que passar cinco meses acampado ao lado da via férrea da região, e os aconselhamentos também nos momentos mais corriqueiros projetam a figura de Ivani a uma vivência de condução de um processo que não havia experimentado até então.

*“(...) Por exemplo, eu vim [para o acampamento]. A minha família [de origem] ficou em Valadares. Então eu tinha condição de... pedir ajuda. Mas só que eu sempre ficava tão ligada!... O acampamento, assim, as barracas eram tão próximas, que ficava difícil você comer... Fazer alguma coisa sozinha sem os outros participarem, né? Por exemplo, meu primeiro dia das mães no acampamento... Aí, as minhas irmãs veio e trouxe para mim umas cestas, trouxe um frango, umas coisas assim. Só que logo os meus primeiros vizinhos não tinham nem arroz para comer. E aí eu sentia um pouco incomodada com aquilo. Aí eu resolvi convidar mais uns três vizinhos. E a gente, toda vida, celebramos embaixo de uma lona, debaixo de um pé de árvore. Mas a gente chegava na nossa comunidade e dava continuidade.*

---

<sup>124</sup> *Começa a ter uma renda: “Aí comecei a costurar dentro de casa. Primeiramente, não, primeiramente eu comecei a costurar na casa da vizinha. Eu arrumava a casa, prendia os três meninos ali, e eles, o meu menino, ali, estava com uns nove anos, ele já ficava dentro de casa com as outras duas meninas e eu ia para a casa da vizinha costurar”. Tenta manter o casamento e volta ao meio rural: De Belo Horizonte nós mudamos para uma roça lá em Limeira de Mantena (...) já na divisa com Espírito Santo. Assim, piores lugares que eu passei na minha vida. É um dos piores lugares que eu, assim, que eu pude sofrer tudo o que uma mãe de família pode sofrer, um ser humano pode sofrer, eu sofri. Entendeu? Porque os meninos estavam muito pequenos, eu vivi fora de pai e mãe. Lá não tinha ninguém. Então, assim, foi tudo muito difícil. Mas eu nunca... Mas eu nunca arredei ...”. E ela disse não: “Não, daí eu não quis voltar para a cidade. Aí, foi... eu não quis vender a terra. Que era um pedacinho pequeno, mas era meu chão. Era onde eu tinha para me hospedar com meus filhos. Aí ele foi lá, pra ficar trinta dias e arrumar emprego. Ficou lá cinco anos. E eu fiquei sozinha com minhas três crianças. Nessa terra, trabalhando, lutando e... Essa aqui já estava com cinco. A outra com sete. E o mais velho com nove. Entendeu? Ele [o garoto mais velho], assim, ele foi muito... Ele me ajudou muito na criação das meninas, assim. Porque as meninas eram ‘menor. E eu sempre conversava, “olha, se eu tiver que pagar alguém vai diminuir aquilo que eu tenho para dar para vocês”. Então ele ajudava e eu sempre trabalhei. Toquei minha vida. Toquei minha vida! Trabalhava, vendia, também ajudava, auxiliava com a costura, sabe? Consegui ‘se virar com meus três filhos. Foi muito difícil. Não quis casar de novo, de forma nenhuma. Estava muito jovem, mas para mim esse homem era um bicho... sabe?”*

*Convidei mais umas três vizinhas e dissemos: ‘Vamos sair na cidade aqui e vamos pedir e fazer um almoço comunitário’. Aí, né? Saímos, mas, assim, as doações que nós pedimos na cidade foi para fazer um almoço comunitário. Aí ficou como tradição. Daí para cá eu assumi, ficou todos os dias das mães, dias dos pais, natal e dia das crianças. Eu fazia, a gente fazia tudo comunitário. Pedia na rua, eu vestida de Papai Noel, comprava umas bolas, umas coisa assim. E era para todo mundo. (...) E aí fazia uma arrecadação e comprava para todo mundo igual. Entendeu? (...) E aí, por isso ficava mais fácil para conseguir apoio para fazer essa... É, na verdade, assim, é uma coisa tão boa no início. Que você vê aonde que a necessidade te faz unir muito. A dificuldade te torna mais forte, te torna mais humana. E também você vê que ser pobre não é ser bandido”.*

Da condição de liderança de assentamento rural, outra experiência surgiu na vida de Ivani há cerca de cinco anos: a presidência do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tumiritinga. Ela foi a primeira mulher a ocupar esse posto naquela organização sindical – já está em sua segunda gestão. Ivani tinha então encontrado seu destino, conforme relata:

*“(...) Então eles [seus irmãos] ficam meio surpresos com a minha atitude. Entendeu? (...) Quando eu fui assumir a liderança do sindicato: ‘Gente, mas nem nós homens tivemos coragem de fazer isso, ela está fazendo. Você tem certeza que você vai saber conduzir? São mais de quinhentas famílias rurais aqui. Imagina, tudo na sua responsabilidade. Você já pensou se alguma coisa dá errado? Você acha que você dá conta?’(...) Então, assim, eu sou muito determinada: ‘Olha, se eu não tentar eu não vou saber’. Não, [não entro naquilo] que eu não tenha condição de pelo menos competir. Não vou dizer vencer, mas pelo menos eu vou apanhar e bater. Apanhar por igual e bater por igual. Entendeu? Eu não entro, assim, primeiramente eu me... eu tenho condição de trabalhar as minhas habilidades. Então, quando eu fui... entrei no sindicato, primeiramente eu testei as minhas habilidades como liderança em acampamento, como liderança mesmo até aqui na zona rural e tudo. Eu tinha conhecimento. Eu fui nascida e criada na roça. Então, assim, eu sei de fato o que é que um trabalhador rural precisa e o que ele vive. Entendeu? O que ele sofre, de fato, na pele. Falar o que os outros vão sentir, porque é falar do que você já sentiu. Entendeu? (...) Portanto eu fui parar nesse sindicato, o ex- presidente que saiu, da minha época, ele tinha [ficado] quinze anos. E na região aqui, na maioria dos lugares, a maioria das mães não sabia o que era salário-maternidade. Nem sabiam que a mulher trabalhadora rural também tem direito”.*

Enfim, nos dias atuais, banindo para uma gaveta do passado algumas histórias tristes, a presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Tumiritinga, proprietária de seu pedacinho de chão no Assentamento Rural Terra Prometida, agora reencontra o amor, casa-se novamente e relata o seu objetivo atual: *“Olha, eu pretendo ser, sabe, não vou dizer nem profissionalmente, mas eu pretendo um pouco é mudar a história do que eu vivi. Hoje, as minhas filhas, eu tento que elas ‘vivem diferente. Por exemplo, essa daí tem vinte e três anos: ela já tem sua carteira de motorista. Ela já entendeu, já forma professora ano que vem.”*

Crítica da sociedade onde vive, uma jovem liderança (antes foi do PSB e PDT) agora no PT, Luciana Borges, 34 anos, casada, um filho ainda bebê, professora e pesquisadora de sociologia, filha de policial aposentado, ela começa sua experiência de liderança ainda na adolescência em associações comunitárias em Governador Valadares. Ao discutir temas da agenda de gênero, desenvolve interessante raciocínio sobre as mudanças e permanências a respeito da mulher na sociedade local. Recortes de sua entrevista mostram alguns pontos dignos de nota:

Mudanças e permanências: *Eu penso que estão percebendo a mulher como aquela que ocupa de fato um espaço representativo dentro do mercado de trabalho, mas ainda a figura de esposa, mãe, filha, é predominante. (...) Principalmente nas cidades do interior, como aqui em Valadares. A mulher pode ter o seu destaque político, onde ela estiver, mas se ela não for aquela mulher de casa, que tem filho, que tem marido, parece que ela ainda está incompleta. (...) Perde um pouco da legitimidade dela nessa sociedade aqui.* Mulheres ocupando cargos: *(...) O homem enxerga uma mulher na liderança por exemplo com certo menosprezo. (...) É testando, achando que ela não tem capacidade para estar ali. O homem testa muito, avalia muito, julga... Olha a mulher como objeto sexual, mais ou menos assim na vida profissional. Para ver se ela não usou um outro recurso que não foi o profissional. (...) É, isso mesmo. Principalmente aqui, você está como gerente de uma grande empresa? Pode saber que todo mundo vai falar. Dizer que teve uma ajudinha... essas coisas... Minhas alunas da faculdade mesmo estavam propagando um comportamento machista: um colega dizia que aquelas outras meninas conseguiram trabalho no cartório porque o dono do cartório adora uma menina nova. Eu perguntei se era mesmo por isso, se elas não tinham capacidades. Porque existe uma prova que é aplicada, o cartório aplica uma prova para estudantes de Direito!”*

Iniciação na vida política – *“Eu era adolescente. Ficava tendo eleições de associação de bairro... Como eu sempre conversava isso dentro de casa, meu pai falou para eu ajudar o líder comunitário aqui, e eu comecei a me envolver e depois peguei a liderança da associação. (...) Eu tinha 14 anos. [E o que você acha que permitiu que você se tornasse uma líder tão jovem?]. Eu acho que era o bom convívio com eles. Depois que fui para a faculdade eu me afastei, depois eu voltei de novo. (...) Meu pai mesmo falava que eu podia ajudar. Depois participei da pastoral da criança também.*

Decepções na política – [E depois, como você se aproximou de partido? Foi através de sindicato? Como foi?] *Um aluno na faculdade, nas minhas aulas de sociologia (...) eles falaram porque eu não me candidatava e tudo. Mas depois eu me senti muito usada no último processo político, sabe? Parece que era só para cumprir uma cota de mulheres, disseram que eu teria uma ajuda! Não tive nada! Tive que fazer tudo sozinha, colocar meu carro, gasolina e tudo. [Mas você acha que essa experiência te ensinou alguma coisa?] Ensinou muito. [O que, por exemplo?] Ser menos tolerante e mais audaciosa, de certa forma. Colocar um pouco mais da opinião também. Quando a gente está chegando, a gente ouve muito, mas agora a gente já pode colocar um pouco da experiência. (...) Já caminhei, andei e não tive ajuda nenhuma. Não que a gente tenha que se candidatar para depois ter cargo... mas foi, assim, um balde de água fria”.*

### Mudando a vida doméstica -

O que parece ficar cada vez mais claro é que há transformações vividas por todas elas e que são desencadeadas na mesma medida em que essas mulheres líderes assumem outros interesses e vínculos fora da esfera doméstica e mais ligada à experiência coletiva. A partir de seus relatos, podemos ver que há diferentes experiências nessa mesma esfera de mudanças produzidas como resultado de suas atividades como líderes. Partem de objetivos aparentemente muito semelhantes, mas se examinadas mais minuciosamente, essas experiências revelam nítidas diferenças. Há, por exemplo, na dinâmica da vida cotidiana, problemas colocados pela mudança na divisão de tarefas domésticas, à medida que essas mulheres assumem novos compromissos. Em famílias de baixa renda essas tarefas são assumidas diretamente pelas mulheres adultas das famílias, como é o costume. E isso está então na base da discussão dos casais, quando as mulheres começam a se ausentar para cumprir jornadas diárias e viagens envolvidas na experiência da liderança sindical ou da política partidária.

No primeiro caso, como alguns registros que obtivemos nas entrevistas, a reação negativa dos companheiros é maior de início e, equacionada e acomodada a vida familiar a esta etapa, quando o casamento se mantém, em alguns casos os maridos vislumbram não só novos problemas na vida cotidiana, mas alguns benefícios (mulheres ajudam no orçamento doméstico com diárias destas viagens sindicais em momentos de seca em sua região, quando a terra não produz as colheitas necessárias para manter a família). E também muitas dessas mulheres relataram que convencem seus parceiros de que o compromisso do matrimônio se mantém intocado a despeito da liberdade adquirida. Já para algumas que vivem a experiência de tentar uma candidatura nos legislativos municipais, após se legitimarem na liderança sindical, pelos registros que temos, a aceitação do companheiro dessa nova etapa é maior. Ou porque a experiência anterior amadureceu o casal nessa nova dinâmica de divisão de tarefas domésticas (cuidados com a casa, com os filhos, com a própria terra que em geral dividem nos sítios e chácaras onde vivem), e novas bases do compromisso são construídas a partir daí, ou porque os parceiros compartilham as mesmas perspectivas na vida política (caso da Glorinha, Dorinha, Viene, em Sobralia ou Plautino Soares ali ao lado).

Já na experiência da classe média urbana, os registros que temos mostram que há várias vivências diferenciadas, a partir de questões geracionais e religiosas (como o caso de Dilene), de postura política da família de origem (como o relatado por Luciana) ou de vivência política da própria mulher desde sua juventude (como a experiência de Elisa Costa nos mostra). No caso de famílias mais conservadoras e de faixa etária que beira os 60 anos, a discussão parece estar mais ligada a uma moral familiar e costumes calcados em um ideário de vida de casal em que à mulher cabe apenas manter a tradição de dona de casa e mãe de família e ao marido o sustento do lar. Isso nos relatou Dilene, em seus impasses no casamento, primeiro para assumir seu espaço na vida profissional, depois para assumir um lugar na vida política de Governador Valadares. Vinda de uma cultura de costumes e valores das famílias operárias, a experiência de Cida também mostra que em seu casamento as escolhas que ela fez de deixar a vida de comerciária e construir uma carreira de vereança bem sucedida em Valadares, com grande dedicação à vida política, terminaram por levar a uma dissolução de seu casamento, mostrando que os códigos de conduta da classe operária talvez se mostrem menos permeáveis a profundas mudanças em seus hábitos e valores.

Com experiência na vida política construída ainda na adolescência, a vivência de Elisa Costa não esclarece melhor esse aspecto que estamos discutindo aqui. Não havia em seu casamento a expectativa de que ela deixasse seu interesse pela política para se dedicar ao lar, como muitas uniões propõem às mulheres de forma explícita ou implícita. Também pertencente a uma geração que agora chega aos 60 e poucos anos, ela fez parte, no entanto, de um ideário progressista (ou de esquerda) dos anos 70 que no movimento secundarista e depois no movimento estudantil das universidades brasileiras e latino-americanas esculpiu novos formatos na vivência das classes médias urbanas, em direção a um ideal de vida pública (e particular) que incluísse novos sujeitos, atores, processos inovadores de viver e organizar a sociedade. Portanto, o que dizíamos no início dessa

análise é que no meio rural, entre as entrevistadas ligadas ao movimento dos trabalhadores rurais, as experiências guardam muita semelhança entre si. Já na vida urbana daquela região, as experiências das líderes se diversificam, não constituindo propriamente um padrão que se repete nas mesmas bases.

A esse respeito, vale registrar que entre as vinte e quatro (24) mulheres entrevistadas, dezessete (17) são casadas, e 3 separadas (duas divorciadas e uma separada judicialmente, mas já vivendo maritalmente com outro companheiro), três (03) viúvas e uma (01) solteira. Na pesquisa, relacionados a estes números sobre o estado civil das mulheres entrevistadas está o fator idade que por um lado justifica a grande concentração de mulheres casadas no grupo. Ou seja, na medida em que a maior parte do grupo, vinte e duas mulheres (22), tem de 33 a 62 anos de idade (é nesse período que a maioria das brasileiras se acha casada ou vivendo maritalmente com um companheiro) é natural termos encontrado quase que a totalidade das mulheres nessa situação.

## *TABELA DE DONAS DE CASA*

**Fonte:** Elaboração própria

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIA	OCUPAÇÃO	Partido Político	IDADE	FILHOS	Estado Civil	ETNIA	RELIGIÃO	ABORTO	DIVORCIO	HOMOSS.	LIB.SEXUAL
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	a casa+vice ass.mo	PDS	44 anos	4 filhos	Divorciada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 10	Iovanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 filhos	Casada	Parda	Presbiteriana	Contra	Prudência	Restaurar	Contra
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	a. de Casa/Empree	Não	64 anos	4 filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobralia	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 filhos	Casada	Branca	Católica	Contra	Contra	Contra	Contra
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 filhos	Casada	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Família	Dona de Casa	Não	42 anos	2 filhas	Casada	Negra	Católica	Contra	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 filha(adoçã	Viuva	Branca	Católica	Contra	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 filha	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra

<b>LEGENDAS</b>	
<b>Localidade</b>	
Mulheres de Gov. Valadares	
Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares	
<b>Nível Educacional</b>	
Analfabeta / Semi-analfabeta	
Fundamental	
Médio	
Ensino Superior incompleto / Completo	
Pós-Graduada	
<b>Renda Familiar</b>	
De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)	
De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos	<b>Número de filhos</b>
De 2,5 a 4 Salários Mínimos	Não tem filhos
10 Salários Mínimos	1 Filho
20 Salários Mínimos	2 Filhos
	3 Filhos
<b>Ocupação</b>	
Dona de Casa	4 Filhos
Ocupação das mulheres líderes	5 Filhos
<b>Partidos Políticos</b>	6 Filhos
Não tem filiação partidária	9 Filhos
PT	<b>Estado Civil</b>
PMDB	Solteira
PSD	Casada
PP	Divorciada / Separada Judicialmente
DEM	Viúva
<b>Faixa Etária</b>	<b>Etnia</b>
De 20 a 29 anos	Branca
De 30 a 39 anos	Parda
De 40 a 49 anos	Negra / Morena
De 50 a 59 anos	<b>Religião</b>
De 60 a 69 anos	Católica / Presbiteriana
De 70 a 79 anos	Comunidades de Base / Pasotorais
De 80 a 89 anos	Batista / Batista Pentecostal / Cristã

Fonte – Elaboração própria

## *Histórias de Vida* –

Das 24 mulheres entrevistadas, nove (09) se definem exclusivamente como donas de casa. As outras 16 mulheres, tanto de pequenas localidades próximas quanto as que vivem em Governador Valadares, todas elas exercem alguma ocupação fora do lar. Somente duas delas já estão aposentadas, e é interessante registrar, porém, que evitamos tratá-las na mesma esfera das donas de casa tendo em vista terem dedicado toda uma vida às atividades profissionais. Uma delas, de 62 anos, casada, mãe de três filhos já criados, avó, a meio caminho de conseguir o diploma do ensino fundamental, passou a vida trabalhando em uma pequena escola estadual depois municipalizada. Ora exercendo a função de professora substituta (foi como chegou a essa escola) e depois sendo efetivada como auxiliar de serviços gerais, o que significa dizer que a função de faxina da escola onde entrou como professora enterrava seu sonho de tornar-se mestra daquelas crianças - sua verdadeira vocação, descoberta ainda na infância, quando alfabetizava adultos a pedido de seu pai no sítio onde se criou nos arredores de Sobrália. Embora não tenha nem mesmo o diploma de ensino fundamental mostrou-se mulher educada em letras e na capacidade de reflexão, constituindo-se em importante referência na vida comunitária da localidade de Plautino Soares/Paraíso via trabalhos sociais e está há décadas ligada às Comunidades Eclesiais de Base, as conhecidas CEBES.

A outra aposentada, outra Maria, é uma senhora de seus avançados 81 anos bem vividos, proprietária da casinha onde mora, em um bairro operário próximo ao centro de Valadares. Já com problemas de audição mas bastante lúcida, esta velha senhora recebe sua entrevistadora com sorrisos e raras críticas ao processo de trabalho das fábricas da região, onde fez parte dos primeiros grupos de mulheres operárias do Leste de Minas onde vive. Nos idos de 1953, recém-casada em segundas núpcias Da. Maria Pereira obtém seu primeiro emprego de carteira assinada em uma antiga fábrica de mica que funcionava naquela região (Ipatinga, segundo ela). Mica, aquele mineral utilizado por décadas como importante componente na fabricação de ferros elétricos de passar roupa, em modelos mais antigos de fabricação.

A tarefa da jovem Maria Pereira, (já mãe de três filhos do primeiro casamento e que iria se tornar mãe de mais três ao longo de suas segundas núpcia-s), era justamente fazer com que as chamadas “folhas de mica” se tornassem mais finas. Seu trabalho então, ao lado de suas colegas em longos galpões cobertos de alumínio, tendo os “encarregados” em seus calcanhares, era passar o dia inteiro passando as folhas de mica em um antigo aparelho destinado a afinar aquele material. Aparelho que estranha, mas simbolicamente, Da. Maria (e talvez todas as operárias daquela época) denominavam de “relógio”. Quando perguntada sobre qual era seu trabalho na fábrica de mica, ela responde com ar divertido: “Uai, era passar a folha de mica naquele negócio, o relógio”.

Disse ela à sua entrevistadora que trabalhar com carteira assinada, dinheiro certinho no final do mês e poder ainda sempre almoçar em casa todos os dias (o irmão a levava em casa e a trazia de volta na garupa de sua bicicleta) era uma grande alegria.

“Bom demais!”, reforça com seu jeito maroto de quem sabe o que é não ter o dinheiro no final do mês. Sobre aqueles “encarregados” do serviço, provavelmente encarregados de fiscalizar a produção das operárias, que se ocupavam em colocar ordem no ambiente de trabalho (“gerenciar recursos humanos”, diríamos hoje), ela demonstra compreender seu papel sem as esperadas críticas tantas décadas depois: “Se eles não estivessem lá, ia ser aquele converseiro... imagine uma porção de mulheres num galpão!...” Mas elas podiam ir ao banheiro?, pergunta a entrevistadora. “Mas claro, minha filha”, responde rápido entre espantada e divertida: “Quem aguentaria passar o dia todo trabalhando sem ir ao banheiro? É lógico que a gente podia!”. E como se respondesse a uma pergunta imaginária de alguém mais crítico, ela emenda logo um raciocínio muito pessoal: “E naquele tempo acho que era melhor de criar os filho. Eu vejo aqui na minha rua os menino à toa, sem tê nada pra fazê. Naquelas fábricas era mulher, era homem, era criança, todo mundo trabalhando. Eu criei meus filho assim, graças a Deus. É todo mundo trabalhador”, conclui.

Da. Maria Pereira, operária aposentada e uma das três (03) analfabetas do grupo de 24 mulheres entrevistadas nessa pesquisa. A única coisa que ela admite lamentar: o excesso de trabalho nas fábricas e em casa para criar seis filhos (mais duas filhas que o marido trouxe da viuvez precoce) não permitiu que ela estudasse. Ao final da entrevista também admite muito discretamente que criar os filhos sem poder oferecer a eles mais de seu tempo, isto é, amá-los, alimentá-los com seu trabalho sem poder conviver muito com eles, foi a limitação mais difícil que teve que enfrentar na vida.

## *OPINIÃO SOBRE TEMAS POLÊMICOS*

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	PARTIDO POLÍTICO	IDADE	FILHOS	ESTADO CIVIL	ETNIA	RELIGIÃO	ABORTO	DIVORCIO	HOMOSS.	LIB.SEXUAL
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	Dona casa+vice ass.morad.	PSD	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobrália	Fundamental	1 SM	Diretora Sind. Trab.Rurais	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Polêmico	Polêmico	Respeita	Prudência
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Apos. + Lider Comunitária	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Profa.+ Liderança Política	PT+PSB+PT	34 anos	1 Filho	Casada	Parda	Past.Familia	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni.Mulher	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pente	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Médio e Estud. Unive	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Batista	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã	A favor	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 10	Ivanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 Filhos	Casada	Parda	Presbiteriana	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	Da. de Casa/Empreen.	Não	64 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 12	Luana Pereira de Oliveira	Gov. Valadares	Estud. Universitária	2,5 SM	Estag. Prefeitura	PT	22 anos	Não	Solteira	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobrália	Fundamental	1 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base	Contra	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobrália	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 Filhos	Casada	Branca	Católica	Contra	Contra	Contra	Contra
Entrevista 15	Maria Pereira Ribeiro	Gov. Valadares	Analfabeta	2 SM	Operaria aposen.	Não	81 anos	6 filhos	Viúva	Branca	Católica	Contra	Prudência	Respeita	Contra
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	Mov.Mulheres Camponesas	PT	39 anos	1 Filho	Sep. Judicial	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Promet.	Médio	4 SM	Lider em Assentamento	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT ( *)	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	A favor
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 Filhos	Casada	Branca	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Familia	Dona de Casa	Não	42 anos	2 Filhos	Casada	Negra	Católica	Contra	A favor	Respeita	Prudência
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 Filho	Viúva	Branca	Católica	Contra	A favor	Respeita	Contra
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 Filho	Casada	Parda	Católica	Polêmico	A favor	Respeita	Contra

Fonte – Elaboração própria

<b>LEGENDAS</b>	
<b>Localidade</b>	
Mulheres de Gov. Valadares	
Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares	
<b>Nível Educacional</b>	
Analfabeta / Semi-analfabeta	
Fundamental	
Médio	
Ensino Superior incompleto / Completo	
Pós-Graduada	
<b>Renda Familiar</b>	
De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)	
De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos	
De 2,5 a 4 Salários Mínimos	
10 Salários Mínimos	
20 Salários Mínimos	
<b>Ocupação</b>	
Dona de Casa	
Ocupação das mulheres líderes	
<b>Partidos Políticos</b>	
Não tem filiação partidária	
PT	
PMDB	
PSD	
PP	
DEM	
<b>Faixa Etária</b>	
De 20 a 29 anos	
De 30 a 39 anos	
De 40 a 49 anos	<b>Opinião temas polêmicos</b>
De 50 a 59 anos	<b>A favor</b>
De 60 a 69 anos	<b>Contra</b>
De 70 a 79 anos	<b>Polêmico</b>
De 80 a 89 anos	<b>Prudência</b>
	<b>Respeita</b>

## Temas Polêmicos – a posição das mulheres

Certos temas dividem opiniões e traçam fronteiras entre pessoas, grupos, sociedades e culturas. Partindo dessa premissa, a pesquisa sociológica, com mais ênfase a pesquisa de opinião, tanto a de modelo quantitativo quanto a qualitativa, elege temas considerados polêmicos a partir de índices de rejeição daquela determinada sociedade para traçar certos parâmetros de análise a respeito daquele (s) grupo (s) ou mesmo de uma sociedade inteira da qual se recorta uma amostragem estatística ou grupos representativos de determinadas categorias de análise para este fim.

Compartilhando essa mesma perspectiva, trouxemos alguns temas da agenda feminista considerados polêmicos para debater com estas mulheres – primeiro do grupo de alunas selecionadas por seus partidos naquele curso de 2008, e finalmente ao grupo de entrevistadas de 2012.

Conforme registramos, a pesquisa sociológica tem a tradição de eleger certos temas que já foram ou ainda são considerados tabus em certas culturas para estabelecer com seus entrevistados algumas discussões onde as opiniões possam funcionar como um indicador do nível de abertura daquele grupo social ou sociedade local em relação a questões como respeito às diferentes orientações sexuais, autonomia e liberdade das mulheres, o modo como aquele grupo ou sociedade enxerga o tema da procriação e permite ou limita as decisões das mulheres nesse campo. Neste caso, escolhemos como temas símbolo dessas discussões o *aborto*, o *divórcio*, o *homossexualismo* e a *liberdade sexual para jovens*.

Vamos iniciar a análise do que nos revelaram as 24 mulheres entrevistadas na atual pesquisa pela discussão de opiniões contrárias e o que as características destas mulheres em várias esferas da vida podem nos sugerir a respeito das posições assumidas por elas. Se analisarmos a possibilidade de impacto das variáveis “*nível de escolarização*” e “*ocupação profissional*” sobre as opiniões de mulheres com relação ao que estamos denominando “temas polêmicos”, irá chamar atenção o fato de que aumenta a incidência de certos padrões semelhantes se o grupo analisado é de mulheres donas de casa analfabetas ou com baixa escolarização.

Entre todo o conjunto das mulheres entrevistadas, não importando local onde mora, se é liderança ou dona de casa, se tem alto nível de escolaridade ou de renda ou o contrário, entre todas elas, dez mulheres (10) registraram alguma opinião totalmente contrária em relação aos temas que chamamos “polêmicos”.

As três (03) mulheres sem escolarização (analfabetas) encontradas na pesquisa estão nesse grupo das “contras” (conforme fig. 26, tabela abaixo). As sete (07) mulheres que declararam renda familiar mais baixa no conjunto de todas as entrevistadas – entre um (01) salário mínimo e três e meio (3,5) salários mínimos -, estão também nesse grupo que se manifesta contra alguns dos itens da lista dos temas polêmicos. Também estão nele *oito* (08) das dez (10) *donas de casa* entrevistadas, o que nos leva a pensar que variáveis como *nível de escolaridade* e *ocupação profissional* podem ter influência na abertura ou

limitação das visões de mundo manifestas pelas entrevistadas diante dos chamados temas polêmicos.

Ao analisarmos a tabela construída ao longo do processo de análise das entrevistas, o que chama atenção de início são as variáveis "número de filhos" e a opinião de algumas mulheres sobre o tema do "aborto". Manifestada por seis (06) mulheres desse pequeno grupo de dez (10), a rejeição total à prática do aborto (inclusive ao aborto legal, autorizado pelo STF)<sup>125</sup>, parece manter algum vínculo com três variáveis indicadas na tabela abaixo - *número de filhos* das entrevistadas, combinado ou não com *idade* (fase de procriação de certas mulheres), combinado com *religiões* mais conservadoras nesse quesito e ainda com a variável *nível de renda*.

Em outras palavras, uma análise cuidadosa dos dados reunidos na tabela publicada mais abaixo (figura 26) alguns aspectos podem ser ressaltados. Por exemplo, poderemos ver que das seis (06) mulheres que se manifestaram inteiramente contra a prática do aborto, não importando se a grávida foi vítima de estupro ou se carrega um feto com anencefalia em sua gestação, quatro (04) delas são mães respectivamente de seis filhos, três filhos, seis filhos e nove filhos. É uma das características observadas. Outras duas variáveis ainda são observadas e parecem estabelecer algum vínculo com as opiniões dessas mulheres: a baixa *renda familiar* e o baixo *nível de escolaridade* são características comuns. Uma dessas mulheres, a mãe de seis filhos que encabeça a lista, tem ensino fundamental e renda familiar de dois (02) salários mínimos. A outra entrevistada, mãe de três (03) filhos, tem ensino fundamental, e embora declare renda de sete (07) salários mínimos, neste caso a variável "religião" parece ser importante, visto tratar-se de esposa de um pastor presbiteriano com forte atuação social em sua igreja e comunidade, seguindo preceitos religiosos - sua experiência pode atuar de forma consistente na formação da opinião dessa mulher. Uma terceira entrevistada, mãe de nove (09) filhos, é analfabeta e tem renda de dois salários mínimos. Em tempo, vale registrar que as três analfabetas encontradas entre as 24 mulheres entrevistadas estão no grupo das que se manifestaram contra o aborto ou contra a liberdade sexual praticada por jovens (notadamente as moças jovens, conforme várias se manifestaram).

Um outro enfoque que nos parece relevante é a regularidade em que pode ser observada outra variável comum a muitas das mulheres que se posicionaram contra alguns dos itens polêmicos: a *questão geracional*. Por exemplo, das dez (10) mulheres que se posicionaram contra algum desses temas mencionados na pesquisa, mais da metade tem acima de 60 anos de idade, ao lado do fato de que são elas mesmas que têm maior *número de filhos*, mais *baixa renda familiar* e mais *baixo nível educacional*. São variáveis que devem ser levadas em consideração quando se discute o tema em foco. Desta forma, é relevante registrar que as seis (06) mulheres de idade mais avançada entre todas as vinte e quatro mulheres entrevistadas nessa pesquisa estão no grupo das que se manifestam contrárias a um ou dois ou a todos os temas polêmicos abordados nas

---

<sup>125</sup> De acordo com as leis vigentes no Brasil, estão autorizados para serem realizados pela rede pública de saúde abortos de gravidez resultante de estupros ou de mulheres grávidas de fetos com anencefalia .

entrevistas – ou seja, 2/3 do grupo das dez mulheres em discussão aqui é composto pelas mais idosas de todo o conjunto. Parece de fato fazer sentido supor que a variável geracional tenha repercussões sobre a opinião das mulheres em face de temas complexos como *aborto*, *homossexualismo*, *liberdade sexual de jovens* e *divórcio*, questões tabu no Brasil e em muitas regiões do mundo em fins dos anos 40 e meados dos anos 50, quando nascia esta geração que hoje tem entre 55 a 68 anos de idade como é o caso desse grupo.

### ***Mulheres Líderes X Mulheres Donas de Casa***

Há uma diferença marcante que aparece na discussão dos temas considerados polêmicos que distingue as opiniões de donas de casa das opiniões de mulheres líderes. Não importa aonde residam, se na maior cidade da região ou se nas localidades menores - sejam pequenos aglomerados urbanos, sítios ou assentamentos rurais -, o certo é que as mulheres líderes quase que em sua maioria absoluta declaram opiniões menos conservadoras em relação a temas como divórcio, homossexualismo, liberdade sexual de jovens e aborto, conf. figura 28 publicada no capítulo anterior.

Por outro lado, é justamente nesse quesito que as donas de casa se distinguem especialmente, tendo em vista que conforme publicamos na tabela de “contras” (fig. 25), das nove (09) mulheres listada ali, seis (06) delas são donas de casa. É onde elas aparecem com uma divergência digna de nota em todo o estudo na realidade. Lembrando que das nove donas de casa entrevistadas na região pela pesquisa, duas estão a meio caminho de um perfil e outro – isto é, tanto são donas de casa como líderes, tendo em vista que uma delas, além de também já ter trabalhado em prefeitura em São Paulo, de onde se origina, é a fundadora do Movimento das Donas de Casa de Valadares, além de presidir o conselho das associações de moradores da cidade. A outra, dona de casa e também líder, ajudou a organizar e é a vice-presidente da associação de moradores do Centro de Gov. Valadares, além de atuar no PSD. Ou seja, as fronteiras que separam donas de casa de mulheres e de mulheres líderes, se apresentam de forma menos definida, borrada mesmo, tendo em vista que várias integrantes do grupo de donas de casa transita/transitou por outras esferas, seja no mundo do trabalho seja no mundo político.

No entanto, uma observação que consideramos importante e mesmo imprescindível para compreender uma diferença que julgamos marcante no comportamento delas durante as entrevistas é que as mulheres líderes demonstraram uma capacidade visivelmente maior para discutir temas que exigiam raciocínio abstrato, diferente da timidez ou até mesmo impossibilidade de quase todas as donas de casa em formular uma discussão mais elaborada seja intelectual ou politicamente falando ou simplesmente comparativa. Isto é, a percepção que fica é que as mulheres que romperam o cerco dos costumes e da cultura de nossa sociedade para que permanecessem no mundo doméstico dão mostras de uma liberdade tanto de atitudes quanto de capacidade de pensar o mundo. Esse o traço que diferencia estas daquelas. Um traço que separou grupos civilizatórios historicamente falando. Ao compararmos essa liberdade de pensamento e opinião demonstrada por elas, com a grande demanda por mais igualdade, reconhecimento, autonomia e liberdade evidenciada ao criarmos a tabela de propostas

para melhorar a vida das mulheres da região, julgamos que estas líderes reconhecem não apenas a luta que empreenderam e empreendem ali no sertão mineiro para manter suas posições de autonomia de reflexão e ação, como têm de fato consciência do longo caminho que aguarda as outras mulheres em busca do mesmo espaço de liberdade.

## TABELA DE PROPOSTAS DAS MULHERES

Nº ENTREVISTA	ENTREVISTADO	CIDADE	EDUCAÇÃO	RENDA FAMILIAR	OCUPAÇÃO	PARTIDO POLÍTICO	IDADE	FILHOS	ESTADO CIVIL	ETNIA	RELIGIÃO	PROPOSTA. 1	PROPOSTA. 2	PROPOSTA. 3
Entrevista 1	Maria Cristina Oliveira Guesso	Gov. Valadares	Medio	1 SM+ ajuda mãe	Dona casa+vice ass.morad.	PSD	44 anos	4 Filhos	Divorciada	Branca	Batista	Não Opinou	Não Opinou	Não Opinou
Entrevista 2	Dilene Dileu	Gov. Valadares	Superior	12 SM	Vereadora	DEM	58 anos	3 Filhos	Casada	Branca	Batista	Cooperativas Mulh.	Mais Capacitação	Mais Renda
Entrevista 3	Maria da Glória Alves Oliveira - GLORINHA	Sobralia	Fundamental	1 SM	Diretora Sind. Trab.Rurais	PT	48 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Assoc.de Mulheres	Prev.Prost.Adolesc.	Mais Capacitação
Entrevista 4	Maria Viene Rodrigues de Souza	Sobr/Paraíso	Fundamental	2 SM	Apos. + Lider Comunitária	PT	62 anos	6 Filhos	Casada	Branca	Com. Base	Mais Escolas	Mais Trabalho	Mais Cultura
Entrevista 5	Luciana Borges de Almeida	Gov. Valadares	Superior	3,5 SM	Profa.+ Liderança Política	PT+PSB+PT	34 anos	1 Filho	Casada	Parda	Past.Familia	Mais Igualdade	Mais Liberdade	Mais União Mulh.
Entrevista 6	Damaris Siqueira Silva Papi	Gov. Valadares	Pós-Graduada	4 SM	Coord. Muni.Mulher	PT	52 anos	Não	Viúva	Parda	Batista Pente	Reconh.Igualdade	Combate à Violência	Mais amor Hom.Mulh.
Entrevista 7	Cida Pereira	Gov. Valadares	Médio e Estud. Unive	9 SM	Vereadora	PT	40 anos	2 Filhos	Divorciada	Preta	Com. Base	Mais Renda+Autono.	Consc. De Direitos/Dev	Capacitação
Entrevista 8	Marli Lopes	Gov. Valadares	Pós-Graduada	12 SM	Dona de Casa	DEM	59 anos	4 Filhos	Casada	Branca	Batista	Traba.Igual.Sal.Igual	Mais Oportunidade	Reconhecimento
Entrevista 9	Nilda Aparecida Batista	Gov. Valadares	Medio	10 SM	Assess.Município	PT	55 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Cristã	Respeito Diferenças	Educar +Familia	Sair Anonimato
Entrevista 10	Ivanete Almeida de Paula (Niete)	Gov. Valadares	Fundamental	7 SM	Dona de Casa	Não	44 anos	3 Filhos	Casada	Parda	Presbiteriana	Conhecer S/Espaço	Mais Educação	Fazer S/Melhor
Entrevista 11	Maria Cândida Borges de Almeida	Gov. Valadares	Fundamental	8 SM	Da. de Casa/Empreen.	Não	64 anos	4 Filhos	Casada	Parda	Católica	Autonomia Casam.	Autonomia Trabalho	Auto.Vida Fami.
Entrevista 12	Luana Pereira de Oliveira	Gov. Valadares	Estud. Universitária	2,5 SM	Estag. Prefeitura	PT	22 anos	Não	Solteira	Parda	Católica	Auto-consciência	Desenv.habilidades	Direitos Iguais
Entrevista 13	Damiana Maria de Lima	Sobralia	Fundamental	1 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT	33 anos	3 Filhos	Casada	Preta	Com. Base	Moradia Digna	Docs. P/Previd.	Mulher de Vaqueiro
Entrevista 14	Ilda Rodrigues	Sítio-Sobralia	Analfabeta	2 SM	Dona de Casa	Não	68 anos	9 Filhos	Casada	Branca	Católica	Não opinou	Não Opinou	Não Opinou
Entrevista 15	Maria Pereira Ribeiro	Gov. Valadares	Analfabeta	2 SM	Operaria aposen.	Não	81 anos	6 filhos	Viúva	Branca	Católica	Não Opinou	Não Opinou	Não Opinou
Entrevista 16	Martinha Borges Moreira - MARTINHA	Assenta. Oziel	Licenciatura	2 SM	Mov.Mulheres Camponesas	PT	39 anos	1 Filho	Sep. Judicial	Branca	Com. Base	Mais Financ.+Saber	Ter Família	Mais Cultura+Lazer
Entrevista 17	Ivani Miranda de Faria- TUMIRITINGA	Assent.Terra Promet.	Médio	4 SM	Lider em Assentamento	PMDB	46 anos	3 Filhos	Casada 2a. V.	Morena	Past.Criança	Consc.de Direitos	Verba Mulher Rural	Consc.sua Força Política
Entrevista 18	Maria Martins Soares Correia - MARIINHA -	Engenh.Caldas	Fundamental	2 SM	Pres. Sindicato Tr.Rurais	PT ( *)	51 anos	Não	Viúva	Branca	Católica	Ter Direitos Iguais	Saúde da Mulher	Capacitação
Entrevista 19	Elisa Maria Costa	Gov. Valadares	Pós-Graduada	20 SM	Prefeita	PT	54 anos	Não	Divorciada	Branca	Com. Base	Mudar a Mulher	Dar Visibilidade	Mulheres no Poder
Entrevista 20	Solange Francisca de Assis	Sobr/Paraíso	Fundamental	1 SM+ Bolsa Família	Dona de Casa	Não	34 anos	2 Filhos	Casada	Branca	Católica	Trabalho	Educação	Saúde
Entrevista 21	Maria das Dores Cancela/DORINHA	Sobr/Paraíso	Médio	3,5 SM	Vereadora	PSD	60/61 anos	5 Filhos	Casada	Parda	Católica	Casas Populares	Estradas Melhores	Guarda-Mirim
Entrevista 22	Maria da Paixão Dias Camil	Assenta. Oziel	Semi-analfabeta	1/2 SM+Bol.Familia	Dona de Casa	Não	42 anos	2 Filhos	Casada	Negra	Católica	Prev. Viol.Sex.Cri.	Prev. à Violência	Mais Saúde
Entrevista 23	Dirce de Oliveira Almeida	Gov. Valadares	Médio	3 SM	Mov.Donas Casa	PP	65 anos	1 Filho	Viúva	Branca	Católica	Mais creches	Mais Saúde	Meio Ambiente
Entrevista 24	Maristane Alves de Oliveira Borges	Gov. Valadares	Superior	10 SM	Dona de Casa	Não	35 anos	1 Filho	Casada	Parda	Católica	Melhoria Educação	Não Opinou	Não Opinou

<b>LEGENDAS</b>
<b>Localidade</b>
Mulheres de Gov. Valadares
Mulheres de áreas próximas a Gov. Valadares
<b>Nível Educacional</b>
Analfabeta / Semi-analfabeta
Fundamental
Médio
Ensino Superior incompleto / Completo
Pós-Graduada
<b>Renda Familiar</b>
De 1/2 a 1,5 Salários Mínimos (SM)
De 1,5 a 2,5 Salários Mínimos
De 2,5 a 4 Salários Mínimos
10 Salários Mínimos
20 Salários Mínimos
<b>Ocupação</b>
Dona de Casa
Ocupação das mulheres líderes
<b>Partidos Políticos</b>
Não tem filiação partidária
PT
PMDB
PSD
PP
DEM
<b>Faixa Etária</b>
De 20 a 29 anos
De 30 a 39 anos
De 40 a 49 anos
De 50 a 59 anos
De 60 a 69 anos
De 70 a 79 anos
De 80 a 89 anos

**Fonte** – Elaboração própria

### **Melhorar a Vida das Mulheres -**

Na tentativa de reunir outros elementos que auxiliassem na compreensão das realidades locais, foi sugerido às entrevistadas de 2012 que em três propostas de intervenção estabelecessem uma hierarquia de abordagens que poderiam melhorar a vida das mulheres de sua região. Na tabela que montamos com suas ideias, publicada mais adiante (fig. 29), identificamos campos de abordagem distintos, tais como **igualdade de direitos, autonomia e liberdade, reconhecimento**, além de **prevenção e/ou combate às diversas formas de violência** (contra mulheres, crianças e adolescentes) - temas caros à agenda feminista. Além disso, surgiram aqueles temas que expressam demandas das sociedades locais como um todo, tais como **trabalho e renda, educação e saúde**, também pautadas nos últimos três séculos não apenas pelas lutas de trabalhadores, mas pelos movimentos feminista e de mulheres como importantes estratégias para romper com a desigualdade de tratamento que as sociedades historicamente dispensaram às mulheres. Há ainda o registro de outros temas tais como **moradia, meio ambiente, cultura**, entre outros, referidos uma ou outra vez ao longo das entrevistas.

Uma dessas mulheres líderes, autora de propostas com conhecimento de causa é a chefe da Coordenadoria da Mulher, Damaris Siqueira Silva Papi, da Prefeitura Municipal de Governador Valadares. Psicóloga com fortes vínculos em obras e conselhos da área social da cidade, 52 anos, sem filhos, divorciada do primeiro marido, viúva do segundo, há três anos à frente dessa esfera estatal (criada há oito anos no município), Damaris faz um balanço dos problemas relatados pelas mulheres da região nesse trecho de sua entrevista:

*P - Em comparação com uns 20 ou 30 anos atrás, você diria que a situação das mulheres está melhor, está pior, não teve mudança? Como você enxerga isso?*

*R - Eu enxergo [que está] melhor porque hoje nós temos a Lei Maria da Penha. Porque as mulheres a cada dia estão se firmando. Tem muito problema, muita coisa está arraigada, escondida.*

*P - Tipo o que?*

*R - Violência contra a mulher é uma das principais questões. A mulher ainda tem que se firmar na questão de gênero. A discrepância salarial com o homem: em algumas empresas ainda impera o machismo. Com a Lei Maria da Penha, com os órgãos como a Coordenadoria da Mulher, Casa Abrigo, o CREAs, o centro de referência da mulher, hoje a mulher tem voz e vez, ela pode ir e denunciar. Antes ela tinha que se calar, apanhar, como você disse há 20, 30 anos atrás, ficar caladinha e ouvir às vezes a mãe, a avó, a tia, dizer: “Minha filha, ruim com ele, pior sem ele. Agüenta calada! Carrega sua cruz até onde você puder.” Era assim que*

*funcionava há 20, 30 anos atrás. (...) muitas mulheres agüentavam muito caladas, e com isso as leis vieram mudando, a partir do momento que a mulher teve direito a voto, porque nem isso, pensando em Brasil, a mulher não tinha direito. As coisas vêm modernizando e melhorando, a mulher vem ganhando espaço, há muito o que melhorar.*

*P - A abertura dessa Coordenadoria: o que você acha que ela significou aqui na região?*

*R - Significou a condição das mulheres se reunirem mais. Não só no Conselho da Mulher, como elas se reúnem, vão, falam, se colocam, pedem, solicitam, requisitam, mas também num espaço público onde elas podem vir, a partir do momento que a porta está aberta, e se colocar e caminhar e solicitar algo, pedir até uma reunião.*

*P - O que você aprendeu com essa convivência de lá para cá? O que te mostrou do universo da mulher?*

*R - Aprendi que cada mulher é uma enciclopédia. Cada mulher tem um conhecimento fantástico, que às vezes a gente não acredita. Quando você ouve uma mulher as vezes simples, e o conhecimento que ela tem, a competência, a potencialidade, e as vezes ela está com a auto estima baixa de tanto sofrer violência, por exemplo, que é uma das coisas mais procuradas aqui. Procura-se educação, saúde, moradia, até bolsa família procura-se aqui e a gente faz os encaminhamentos devidos. Mas muita mulher vem por conta de violência. E a gente percebe as vezes uma mulher murchinha, caladinha. Então, o potencial que essas pessoas têm, a capacidade que elas têm, o tanto que a gente aprende com elas. (...). Isso já tem uns 8 anos, mais ou menos. A gente aprende com elas o quanto o ser humano é capaz de promover mudança, de olhar para sua história e fazer mudança. Eu aprendo muito com elas, elas me surpreendem a cada dia.*

*P - Se você pudesse mudar qualquer coisa para que a vida das mulheres melhorasse, qual seria a primeira, a segunda e a terceira coisas que você faria?*

*R - Em primeiro lugar a igualdade, entre homens e mulheres, que fosse real. Em salários, atividades, em responsabilidades, em direitos e em deveres. Que ela não fosse o que temos hoje ainda, que é uma nuance, uma nuance da igualdade. A segunda é a violência. Porque se os direitos e deveres fossem iguais, a tendência era de não haver violência. A terceira coisa seria um amor maior, entre homens e mulheres. Um respeito maior. Porque ainda há uma visão daquela mulher que não é minha esposa, nem minha mãe, nem minha filha, alguns homens que foram criados por nós mulheres, diga-se de passagem, ainda vê aquela gostosa ali, ainda pode fazer tudo com ela. Não sendo minha irmã, minha mãe, minha filha, minha esposa, é uma coisa, um pedaço de carne. Pode ser exposta, pode ser abusada, pode ser estuprada. Então esse amor, esse respeito, entre homem e mulher.*

Achamos relevante registrar também que mais da metade desse grupo de mulheres, entrevistadas em 2012 em Governador Valadares, Engenheiro Caldas,

Sobralia, Tumiritinga, assentamentos e sítios, sugere intervenções no campo de *trabalho e renda* (19 propostas identificadas pela cor laranja) ou dentro da *agenda feminista* (19 propostas identificadas pela cor violeta). Isso em um universo de 72 propostas possíveis – ou seja, cada uma das 24 mulheres consultadas nessa pesquisa atual teve a chance de fazer três propostas que somadas alcançaram o número de 72 propostas no total. Entramos aqui no campo de discussão da formação de agendas que emergem com estas mulheres líderes do interior de Minas.

Guzmán (2001:11)<sup>126</sup> observa que a construção de problemas públicos e a elaboração das agendas públicas são o resultado de processos sócio-políticos complexos cuja compreensão remete a outros temas: a constituição de sujeitos sociais, a elaboração de novos marcos de interpretação da realidade social, as relações de poder entre distintos sujeitos e atores sociais e o estabelecimento de alianças e estratégias políticas. Do ponto de vista local, observamos que nas menores localidades foi mais expressiva a referência feita pelas entrevistadas ao *combate à violência contra mulheres, crianças e adolescentes* (inclusive aí a questão da exploração sexual). O que faz sentido do ponto de vista da demanda ainda não atendida pelas estruturas estatais.

Na maior cidade da região, Governador Valadares, em contrapartida, houve referências mais veladas ao problema da violência, seu agravamento tratado como resultado de ausência de trabalho, capacitação e autonomia de mulheres de baixa renda, por exemplo, por uma parlamentar de Valadares que sugere intervenções nesse campo. No entanto, embora a demanda esteja expressa claramente ou apareça no bojo das propostas como causalidade, o fato é que muitas foram as referências feitas a essa questão da violência em qualquer das localidades onde vivem as mulheres encontradas por essa pesquisa. Mas, diferentemente das pequenas localidades, existem em Governador Valadares políticas públicas e estrutura orientadas para tratar entre outras coisas das diversas formas de violência - a Coordenadoria de Mulheres do Município, dirigida por uma das entrevistadas em nosso estudo. Isso de certa forma é a confirmação da discussão teórica desenvolvida por Guzmán sobre o tema.

Guzmán (2001) registra que a elaboração de agendas públicas está condicionada pela abertura da vida política e cultural de uma sociedade e a transparência e funcionamento democrático de suas instituições. Nesse sentido, a elaboração de agendas são um indicador do grau, extensão e profundidade da democracia e de abertura e troca em uma sociedade (AGUILAR, 1993, apud GUZMÁN, 2001).

*“De acordo com Aguilar, Cobb e Elder, Cobb e Ross, Muller e Surel , as agendas públicas estão integradas por todos os assuntos que os membros de uma comunidade política percebem como assuntos de legítima preocupação, e merecedores da atenção pública. A agenda institucional, por sua parte, está constituída pelo conjunto de problemas, demandas e assuntos, explicitamente aceitos, ordenados e selecionados por*

---

<sup>126</sup> GUZMÁN, V. La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis, in *SERIE Mujer y desarrollo* N° 32. Publicación de las Naciones Unidas, marzo de 2001:06. Impreso en Naciones Unidas, Santiago de Chile, CEPAL.

*parte dos encarregados de tomar decisões, como objetos de sua ação”, registra Guzmán (2001).*

## *Capítulo 5*

# *CONCLUSÕES*

## **Introdução -**

Não há qualquer dúvida, quando se chega a essa etapa dos estudos exigidos na pesquisa, de que acertamos ao escolher a área Leste do estado de Minas Gerais para tentar compreender um pouco mais o fenômeno do surgimento de mulheres líderes no interior do país. Região de tradição política e palco de lutas históricas, quando se vai a campo e se ilustra as viagens com consultas bibliográficas sobre a área, pode-se compreender que houve fortes mudanças na ocupação do espaço naquelas áreas, tanto no espaço rural quanto no urbano, acompanhadas por mudanças outras no território do social e do próprio país como um todo, que vem construindo saídas mais democráticas para seus conflitos. Grandes empresas configuraram outros modos e costumes na esfera do trabalho e novos desafios nessas relações estarão se constituindo para estudiosos dessa temática. Com tantas mudanças, no entanto, ficou visível que a hierarquia de classes no campo não se alterou de forma substancial nas quase quatro décadas que separam o país de sua história mais recente, mas os meios de tocar as propriedades se alteraram, não tanto em essência, mas em logística e em políticas públicas oferecidas pelas estruturas de Estado.

Também tradições foram rompidas junto à histórica submissão dos trabalhadores rurais e urbanos a formas de mando exercidas nesses espaços, com a ação dos movimentos sociais interferindo no cenário nas últimas três décadas. Poderíamos recortar de muitas formas essas discussões: pelo ponto de vista dos proprietários de terra, pelo ponto de vista dos atores da administração pública municipal, pelo ponto de vista dos homens que vêm liderando este processo de modernização da vida nas propriedades rurais, organizados em suas representações locais. Mas nessa pesquisa escolhemos ouvir as mulheres que emergem da esfera doméstica no campo, as mulheres que contam sua experiência de avançar da vida privada para a vida pública e assumir postos no legislativo municipal das pequenas cidades. As mulheres que se encontram em cargos expressivos na maior cidade da região, ou que exercem seu aprendizado em lidar com as estruturas partidárias da cidade de porte médio para atuar no cenário público; as mulheres que estiveram nas fábricas da região e hoje relatam suas memórias, as mulheres que exercem liderança na vida sindical rural nas pequenas localidades e vêm de esferas privadas que guardam a memória dos tempos mais duros dos governos militares ou rememoram alguma tradição da vida camponesa e aprendem a exercer seu papel neste novo século. Esse foi o recorte escolhido para nossa pesquisa.

Certamente ele tem suas limitações, mas essa é a limitação que assumimos como contingência, já que pretendíamos compreender a experiência que se desenvolve ora nesses espaços do interior do país na vida feminina, cuja essência também vem se alterando significativamente nas últimas décadas. E depois de escutá-las podemos dizer que nossa compreensão desses fenômenos se ampliou de um modo mais profundo.

Podemos agora afirmar que as mulheres que ouvimos nas pequenas cidades, nos assentamentos rurais, sítios, na maior cidade da região, Governador Valadares, têm se organizado internamente com suas próprias memórias de família, seus aprendizados da vida privada, e externamente, em seu aprendizado de estar na vida pública nesse momento

no chamado espaço do sertão mineiro para superar a ordem patriarcal. Esse nos parece ser o esforço maior que fazem ao tomar as iniciativas que relatamos aqui e tomar as rédeas de suas próprias vidas. Algumas com maior amparo de familiares próximos, como relataram Glorinha, Viene, Elisa, Dorinha, Damaris, Mariinha e outras com enfrentamentos objetivos na ordem familiar como nos relataram Martinha, Dilene, Damiana, Ivani, Cida e outras, tendo que reverter toda uma tradição de submissão e baixas expectativas de futuro de seus antepassados para si próprias e para seus filhos. Isso registramos em alguns detalhes na história de Ivani, uma expressiva liderança do assentamento Terra Prometida e também presidente de sindicato de trabalhadores rurais.

Porém, o que nos parece substantivo de ser registrado é sem dúvida essa compreensão de que ouvi-las nos trouxe uma substância que sempre fica ausente das análises da vida cotidiana inclusive a própria ausência mesmo de estudos sobre as modificações na vida do interior, no sertão mineiro. A nosso ver, o que os seus discursos nos apontam é que a tarefa que essas mulheres vêm desempenhando é tentar romper com a ordem patriarcal ainda presente dentro da vida contemporânea, vista sob o ângulo que descreveram Patman (1980) ou pelas estruturas descritas por Sylvia Walby ao explicar o que mantém o sistema patriarcal na vida moderna.

Por outro lado, o que as experiências relatadas por estas mulheres nos deixam perceber é que muitas conseguem manter seus matrimônios na mesma medida em que os companheiros se apercebem (e apoiam) que a luta que elas assumem está nesse território da ordem patriarcal, anterior mesmo à ordem burguesa – com seus contornos na vida privada e na esfera pública, onde estas líderes passam a atuar (conf. Walby)<sup>127</sup>. Mas isso depende da própria experiência política que os casais vão conseguindo construir juntos ou cada um por sua própria conta. Os que ficam pelo caminho nessas uniões afetivas com as mulheres líderes, pelo que se pôde perceber, fazem parte da grande maioria daqueles que estão tão enredados nessa tradição e suas con-tradições que não se dão conta do que se passa em sua própria vida privada e na cena pública contemporânea.

### **Outros achados da pesquisa -**

Voltando ao tema de como aparecem *política* e *estudo* na tabela de esferas prioritárias da vida escolhidas pelas mulheres de 2008 (capítulo 3) é importante um registro à guisa de reflexão: a baixa expressão com que aparecem aqui estes dois itens nos lembra que são tópicos não muito considerados em culturas mais arcaicas. Ou seja, incentivos às mulheres para que *estudem* e/ou pratiquem *política* são comportamentos típicos de sociedades menos tradicionais, com traços de modernização mais acentuados. Vale o registro de que estamos analisando opiniões de mulheres líderes, originárias de sociedades em distintas fases de transição de modelos mais tradicionais de organização

---

<sup>127</sup> WALBY, Sylvia. *Theorizing Patriarchy*. Häftad. BLACKWELL PUBLISHERS. 1990. 1994.

para modelos modernizantes (conf. Beck, Giddens e Lash)<sup>128</sup>. Penso que nesse terceiro tópico de hierarquização de importância de certas atividades, parecem muito claras as exigências impostas pela cultura e pelos costumes nessa pequena amostra, revelando a força da tradição ou nos revelando que mulheres que não demonstram apreço pela família, trabalho e religião não conseguem legitimidade nestas sociedades locais para avançar em outras esferas até agora consideradas de domínio masculino. Daí a baixa preferência de atividades tais como a *política* e o *estudo*.

Com relação a esse último tema de atividade (o *estudo*), vale lembrar que o nível educacional da mostra não é baixo, como foi indicado no perfil das respondentes apresentado inicialmente no capítulo 3. Ao mesmo tempo, se para alguns estudiosos o envolvimento de várias destas mulheres em atividades de assistência social ou vida comunitária, poderia mostrar o envolvimento em esferas de interesse público que acabam por levar à política, para elas pode não ser indicativo de exercício da atividade política mas da caridade cristã. Isso poderá indicar que suas vivências estão muito próximas das velhas exigências de modos e costumes das sociedades mais tradicionais ocidentais, onde mulheres com alguma habilidade de liderança e vindas de famílias mais abastadas são legitimadas na vida pública na mesma medida em que praticam a assistência social e atendem interesses da vida comunitária.

Vimos que em torno de 22% das mulheres da mostra de 2008 *participa de atividades de associações de moradores* (ou sociedades de amigos de bairro), lembrando que do conjunto de entrevistadas 41,6% *não participa destas organizações*. Por outro lado, se registramos as 46,6% que *participa de organizações de assistência social* em três níveis diferentes de frequência (semanalmente, mensalmente e anualmente) e que, por outro lado, 41% *não participam dessas associações de assistência social*, vemos que essas duas esferas de atuação (associações de moradores e assistência social) apresentam números um pouco diferentes, não opostos. Melhor dizendo: *menos* de ¼ do conjunto das mulheres *frequenta atividades na esfera das associações de moradores*; enquanto que nas atividades de assistência social, um campo sempre incentivado de participação feminina ao longo de séculos, *o percentual mais do que dobra*, chegando a 46,6% das mulheres que *declaram sua participação* – quase *a metade ou ½ do conjunto* de mulheres entrevistada participa.

O que essas informações parecem sinalizar? Talvez um perfil em que metade do grupo mantém a tradição de iniciar-se na vida pública por atividades muito aceitas e incentivadas para mulheres; enquanto que, na outra metade, parte do grupo se associa a entidades do movimento social como os movimentos comunitários, e outra parte vai em busca de formas de participação como os sindicatos até chegar aos partidos ou vai diretamente a eles.

Ao mesmo tempo, nos *partidos políticos*, surpreendendo toda lógica de qualquer comportamento anterior, 56,% declara *participar semanalmente* de suas atividades,

---

<sup>128</sup> BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, 1995. *Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.

enquanto 32,4% *participam mensalmente*. Esses números nos levam a pensar que, à parte a atuação registrada nas organizações de assistência social, é na vida partidária diretamente que estas mulheres parecem estar construindo seu caminho na vida pública. Porém, ainda que a rigor o campo religioso não signifique imediatamente atuação na esfera política, vale lembrar a existência expressiva de grupos de reflexão e atuação social e política no interior do país envolvendo conscientização política pela via da esfera religiosa (vide atuação das correntes da Teologia da Libertação da Igreja Católica desde os anos 60 no Brasil).

Interpretando os percentuais mostrados na tabela de propostas para o futuro das mulheres em sua região (fig. 19 do capítulo 3), vemos que o significado das propostas das respondentes de *salário igual para trabalho igual* (30,9%); *emancipação das mulheres - mais consciência e mais autonomia para elas* (23,7); e ainda *mais acesso à educação* (19,6%), vai um pouco além do receituário desenvolvimentista. Enfim, o que estas mulheres propõem é algum avanço nas soluções para os conflitos relacionados às desigualdades que ali se desenrolam, seja propondo relações mais igualitárias na esfera do “trabalho”, por exemplo, seja no campo da maior autonomia para as mulheres. Isto é, ao fazer estas propostas e não outras, as entrevistadas de alguma forma mostram compreender que é necessário haver soluções mais justas para os conflitos que hoje têm lugar em nas sociedades em que vivem - conflitos que certamente devem expressar em alguma medida e o esforço das mulheres do interior de Minas em ultrapassar a barreira da vida doméstica e obter reconhecimento no campo do trabalho e na vida pública em geral. Ao mesmo tempo, suas propostas revelam o interesse no reconhecimento de sua capacidade de contribuição como parceiras para o provimento da família. Também significa que compreendem a estratégia emancipatória [há muito objeto de debate feminista] com sua proposta de independência econômica, para além de entenderem a importância da autoconsciência nesse processo. Parecem perceber ainda o significado da educação nessa vereda de emancipar os sujeitos de sua submissão.

#### **Achados sobre a mostra de 2012 –**

- **A maioria se encontrava vivendo com um companheiro no período em que foi entrevistada – tanto mulheres líderes quanto donas de casa –** de 14 líderes, havia somente duas mulheres separadas do primeiro casamento, uma delas já em nova relação afetiva e a segunda namorando outra pessoa; havia também 1 viúva; o que nos leva ao número de 12 mulheres líderes vivendo em relações maritais, uma vez que uma das separadas novamente se casou.
- **Não observamos uma ruptura dessas mulheres líderes com a ordem social onde estão inseridas, com os costumes familiares e de seu grupo socioeconômico e cultural.** Elas dão seguimento à tradição no campo dos costumes em sua vida privada e é o que defendem para si, para os seus e para a vida social propriamente quando expressam suas opiniões.

- **Mulheres líderes da Região Leste de Minas constroem várias estratégias para compatibilizar casamento com a esfera das responsabilidades da vida pública.** A última atitude que tomam é partir para a separação matrimonial, conforme vários depoimentos comprovam essa prática. Negociam, propõem nova dinâmica nas responsabilidades domésticas, isto é, nova divisão do trabalho doméstico quando o companheiro se sensibiliza e aceita essa nova dinâmica; quando não, se for importante para a vida a dois, aceitam ficar na dupla ou tripla jornada para não perder espaço na vida pública e ao mesmo tempo não romper o casamento.
- **O enfrentamento da ordem estabelecida se dá para elas é na luta política – seja em partidos mais à esquerda, ou em militância em sindicatos de trabalhadores rurais,** ou ainda em aperfeiçoamentos mesmo dessa ordem social em associações de moradores, movimento de donas de casa, luta pela preservação ambiental – numa vivência em que tentam por meio de estratégias diversas um aprofundamento da vivência democrática na vida social.

#### **Outros temas registrados -**

Outros temas foram registrados em nossa discussão, ao longo desse trabalho, que acreditamos merecer mais estudos e pesquisas, mais reflexão e análise, portanto. Temas tais como a influência que os grupos de baixa escolaridade e baixa renda e de convicções conservadoras, do ponto de vista dos costumes, podem exercer sobre a formação dos padrões morais de uma comunidade, é uma discussão que trouxemos à tona na análise de dados da amostra de 2008 e que acreditamos ser relevante para novos estudos. E já na análise da amostra de 2012 encontramos nas tabelas qualitativas de opinião sobre temas polêmicos traços de uma tendência que precisa ser melhor estudada no futuro: as mulheres de faixas etárias mais avançadas (acima de 38 anos) e mães de mais de 3 filhos defendem opinião totalmente contrária ao aborto, inclusive em suas formas legais. Também entendemos que essa tendência mostrada em nossa pesquisa pode gerar novos estudos, desta feita pesquisas quantitativas de maior alcance, onde esse nosso achado possa ser tratado como hipótese e possa gerar novas análises.

Outro tema que surge de nosso estudo é a questão de termos encontrado na experiência dessas mulheres evidências de que não há por parte delas propriamente uma ruptura com os costumes locais, ruptura no sentido mais radical do termo – recusa em participar dos rituais de passagem que marca mudança de costumes conforme a faixa etária, recusa enfim em pertencer àqueles costumes e culturas. O que encontramos, conforme analisamos no início do capítulo 4, foram confrontos importantes no campo da luta sindical ou da vida profissional, e na vida privada esforços no sentido de produzir uma renovação dos costumes em direção à busca de maior autonomia, independência pessoal e financeira também, mas não exatamente rupturas profundas com os costumes nas sociedades em que estão inseridas.

Há ainda um aspecto para o qual gostaríamos de chamar a atenção e que se constitui em um paradoxo importante encontrado é que, tanto na vida rural quanto urbana,

estas mulheres líderes encontradas pela pesquisa conjugam a experiência de liderança de movimentos sociais ou políticos ou liderança burocrática com a experiência de liderança no campo religioso. Esse é um dos traços mais marcantes encontrados entre elas, as entrevistadas de 2012 - não importa que perfil socioeconômico tenham ou a qual crença religiosa se vinculem. Não há como separar uma vivência da outra. Elas se constituem em líderes também na medida em que fazem um discurso vinculado ao campo religioso e isso parece ser uma forma de legitimação dessas mulheres líderes. Ou, dito de outro modo, tudo leva a crer que os costumes da região abrem espaços para estas lideranças femininas desde que representem um padrão aceito e incentivado do que é ser mulher – tema que aparece estreitamente vinculado à moral religiosa. Pode ser que apenas sejam legitimadas (ou reconhecidas) líderes que reproduzam o ideal feminino aceito localmente – mulheres ousadas, corajosas, com intensa fé religiosa e que exerçam sua fé na vida cotidiana. Parece que muitas inclusive exercem de fato uma espécie de liderança religiosa formal – grande parte delas é catequista da Igreja Católica ou participante frequente dos rituais e formas de associação desenvolvidas em outras correntes religiosas. Sendo que muitas vezes várias delas iniciam sua experiência trabalhando para suas igrejas em comunidades que mais tarde as escolherão para cargos de liderança, seja junto aos sindicatos rurais, vereança, ou nas esferas da burocracia local. É um caminho comum na região e também, devemos lembrar, ser este um traço característico das sociedades arcaicas, mais visto nas práticas masculinas, de homens com uma certa proeminência social. O interessante aqui é que a experiência delas conjuga tradição e o próprio rompimento de várias outras tradições ao mesmo tempo ou uma forma de renovação atualizada ou modernizada da tradição religiosa e de rituais de sociedades tradicionais. Isso é de certa forma o que as Cebes (Comunidades Eclesiais de Base) tentaram por várias décadas – ser uma corrente de renovação e ousadia no território religioso.

Grande parte dessas líderes, tanto no meio rural como urbano, com vinculações mais progressistas ou mais à esquerda, sem exceção, passou pelas Cebes ou ainda está estreitamente vinculada a elas. Foi onde aprenderam muitos dos instrumentos de raciocínio que utilizam - da oratória, da negociação política e uma bagagem de recursos e princípios éticos para a vida política que aplicam em sua experiência prática, no cotidiano. Ou seja, aquele aprendizado que as sociedades antigas e tradicionais sempre destinaram aos homens, para que assumissem na vida adulta as rédeas dos acontecimentos que definiriam o futuro de suas sociedades, me parece que estas mulheres adquiriram na experiência religiosa. Foi o traço que a pesquisa encontrou de mais marcante e que unia mulheres de todas as formações – religiosas, intelectuais, sociais, culturais e políticas.

Isso nos lembra Max Weber em “Os Três Tipos Puros de Dominação Legítima”, em que ele tipifica a prática de líderes ou senhores nas três formas de dominação analisadas pelo teórico alemão para discutir esse fenômeno – a dominação carismática, a dominação tradicional e a dominação legal. Em seu estudo, Weber define dominação como a probabilidade de encontrar obediência a um determinado mando. Já os teóricos que trabalham com conceitos de liderança citam a expressão “seus seguidores” (conf. o Dicionário de Ciências Sociais, 1987, op. cit.), tendo em vista que a construção da

liderança implica na adesão de seus seguidores. Do ponto de vista da discussão da dominação é necessário haver subordinados, ou certas formas de submissão a esta forma de dominação. A dominação carismática se vincula ao campo religioso, enquanto um formato mais vinculado ao modelo patriarcal tende a produzir uma dominação tradicional. Por outro lado, um formato mais racionalizado se organiza como dominação legal, que estaria no campo das estruturas de Estado, com amparo de estatuto legal e aparato burocrático. E devemos nos lembrar daquela advertência de Weber: estas são descrições de tipos puros; não sendo possível encontra-los assim na vida real, onde naturalmente estas características estarão de forma mais complexa combinadas entre si, produzindo outros formatos possíveis.

O que estamos tentando trazer à reflexão é justamente em que medida essas dimensões de dominação discutidas por Weber estariam no processo de construção da liderança das mulheres do interior (nesse caso, da região Leste de Minas). E estamos também propondo, em futuras pesquisas, pensar essa discussão na linha dos paradoxos da modernidade reflexiva, vinculando modernidade à tradição - traços que parecem sustentar a emergência dessas mulheres como lideranças em suas comunidades locais. E aqui, finalmente, teremos que nos lembrar dos teóricos da modernidade reflexiva, aos quais nos referimos longamente na introdução dessa pesquisa (Beck, Giddens e Lash, 1995), que vêm discutindo, especialmente na esfera do que chamam de modernidade tardia, essa mistura paradoxal de modernidade e tradição, constituindo estas construções sociais, culturais do novo século desafios à análise e à compreensão, exigindo de todos nós estudos apurados e profundos.

Neste caso, o que publicamos aqui é até onde pudemos chegar. Não há conclusões finais possíveis. Inclusive porque acreditamos que o volume de dados colhidos, tanto na base de dados construída em 2008, como nessa etapa de 2012 com as vinte e quatro entrevistas feitas com mulheres da Região Leste, é de uma dimensão que não suspeitávamos e demandará novas e sucessivas análises que produzirão certamente trabalhos complementares, o que apenas iniciamos com essa pesquisa.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- **AIRES, L.** 2011. *Paradigma Qualitativo – E práticas de investigação Educacional*. Universidade Aberta. Portugal.
- **AGUIAR, N. F.** “Perspectivas feministas e o conceito de patriarcado na sociologia clássica e no pensamento sociopolítico brasileiro”. In: AGUIAR, Neuma. *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.
- **ALEXANDER, J.** 1999. *A Importância dos Clássicos*. In: *Teoria Social Hoje*, org. A. Giddens e J. Turner. São Paulo, Ed. Unesp, p. 23-98.
- **ALVAREZ, Sônia.** 1988. Politizando as relações de gênero e engendrando a democracia. In: STEPAN, A., ed. *Democratizando o Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra. Appud Soares. 1998.
- **BARNARD, C. I.** Organization and management. Cambridge, Mass. Harvard University Press, 1948. P. 83.
- **BECK, U.; GIDDENS, A.; LASH, S.** 1995. *Modernização Reflexiva – Política, Tradição e Estética na Ordem Social Moderna*. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- **BECK, U.** *Sociedade de Risco – rumo a uma outra modernidade*. Alemanha. 1986.
- **BENZ, C. R. & NEWMAN, I.** 1998. *Qualitative-Quantitative Research Methodology: Exploring the Interactive Continuum*. Carbondale e Edwardsville, IL: Southern Illinois University Press. Capítulos 1, 2, & 3.
- **BERGER e LUCKMANN.** 1966. *A Construção Social da Realidade*. Petrópolis. Editora Vozes. 2001.
- **BLAY, E. A.** *Mulheres e Participação Política no Brasil*. *Boletim de Geografia Teorética*, v. 22, p. 313-317, 1992.
- **BORGES, M. L.** *Representações do universo rural e luta pela reforma agrária no Leste de Minas Gerais*. *Rev. Bras. Hist.* V. 24 n. 47. USP. São Paulo. 2004. Artigo consultado em dez. de 2012 no endereço: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882004000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882004000100012)
- **BRABO, T. A. M.** *Movimento Feminista no Espaço Público: um exemplo de participação política*, *V Encontro Internacional Fazendo Gênero*. Florianópolis, Santa Catarina, 2002.

- \_\_\_\_\_, T. A. M.. 2006. *A Pedagogia do Movimento Feminista na Luta contra o Preconceito e pelos Direitos das Mulheres*, in **Anais do VI Encontro Regional de História**, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- COLLINS, Randall. 2009. *Quatro Tradições Sociológicas*. Ed. Vozes. São Paulo.
- DENZIN N.; LINCOLN, Y. (Eds.) 1998. *Handbook of Qualitative Research*. Califórnia: Sage.
- **Dicionário de Ciências Sociais**. 2ª. ed.1987. Ed. Fundação Getúlio Vargas. Rio de Janeiro.
- DUARTE, CARMO & LUZ in *Mulheres em Minas: Lutas e Conquistas*. Conselho Estadual da Mulher de Minas Gerais – 25 anos. Belo Horizonte: Imprensa Oficial. 2008.
- FLEURY-TEIXEIRA, E, 2007. *As Mulheres no Estado ou o estado das Mulheres*. Monografia de conclusão da Pós-Graduação em Ciência Política, com Especialização em Políticas Públicas. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, UFMG.
- GIDDENS, A. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo. Unesp, 1991.
- GIDDENS, A. Entrevista in *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1992 – pág. 291 a 305.
- GOLDBERG, A. 1988. *Tudo começou antes de 1975: idéias inspiradas pelo estudo da gestação de um feminismo bom para o Brasil. Relações sociais de sexo X Relações sociais de gênero*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP. Apud Soares, 1998.
- GOODWIN, J.; HOROWITZ, R. *Introduction: The Methodological Strengths and Dilemmas of Qualitative Sociology*. 2002. *Qualitative Sociology*.
- GOULDNER, A. W. *Studies in leadership*. New York, Harper, 1950. P.17.
- GUZMÁN, V. *La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis*, in **SERIE Mujer y desarrollo** N° 32.Publicación de las Naciones Unidas, marzo de 2001:06. Impreso en Naciones Unidas, Santiago de Chile, CEPAL.
- GUZMÁN, V. e Mauro, A. (1999) *La institucionalidad de género en el estado: Nuevas perspectivas de análisis*. Apud GUZMÁN, 2001.
- LASSWELL, H. D. e KAPLAN, A. *Power and society*. New Haven, Yale Univ. Press, 1950. p. 152.

- **MATOS, CYPRIANO e BRITO.** Cotas de Gênero para o reconhecimento das Mulheres na Política: Um estudo comparado de ações afirmativas no Brasil, Argentina e Peru, *in XIII Congresso Brasileiro de Sociologia*. 2007, UFPE, Recife (PE).
- **PATEMAN, C.** 1988; 1993. *O contrato sexual*. Rio de Janeiro, Paz e Terra.
- **RAGIN, C. E ZARET, D.** *Theory and method in comparative research: two strategies*. *Social forces*, Chappel Hill, v. 61, n. 3, p. 731-754, March 10983. Apud Shneider e Schmitt. 1998. *O Uso do método comparativo nas ciências sociais in Cadernos de Sociologia*, UFRGS, vol. 9, p. 49-87.
- **SAFFIOTI, H.** 1988. Movimentos sociais: face feminina. In: CARVALHO, N. V., org. *A condição feminina*. São Paulo, Vértice. Appud Soares, 1998.
- **SARTI, C.** 1988. Feminismo no Brasil: uma trajetória particular. *Cadernos de Pesquisa*, nº 64, São Paulo, Fundação Carlos Chagas. Appud Soares, 1998.
- **SHUMAHER, Ma. A. e VARGAS, E.** *Lugar no Governo: Álibi ou Conquista?* In: *Revista de Estudos Feministas*, vol. 1, nº 2/93. UFRJ. Ano 1, 2o. semestre de 1993, Rio de Janeiro.
- **SOARES, V..** *Muitas Faces do Feminismo no Brasil*. In: **Mulher e Política - Gênero e Feminismo no Partido dos Trabalhadores**, Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 1998.
- **STOGDILL, R.M.** *Personal factors associated with leardership: survey of the literature*. In: *The jornal of psychology*. 1948. V. XXV, p. 65.
- **WALBY, Sylvia.** *Theorizing Pathriarchy*. Häftad. BLACKWELL PUBLISHERS. 1990. 1994.
- **WEBER, Max.** 1921. Conceitos sociológicos fundamentais. In: WEBER, Max. 1992. São Paulo. *Metodologia das ciências sociais*. Cortez Editora/Ed. Unicamp.
- **WHYTE, W. F.** *Street corner society*. Chicago, Univ. of Chicago Press, 1943. P. 262.

# **ANEXO 1**

**ROTEIRO DE ENTREVISTAS**  
**- TESTADO E USADO NAS ENTREVISTAS DA PESQUISA 2012 -**

**A – CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-DEMOGRÁFICA**

1 – Até que série você estudou, em que ano?

2- Cor ou Raça: No Brasil existe uma classificação de cor ou raça. Em qual dessas você se classificaria? Branca Preta, Parda, Amarela ou Indígena?

3 – Você é : Solteira, Casada, Separada, Divorciada ou Viúva?

4 – Qual é sua idade: \_\_\_\_\_

5 - Quantas pessoas vivem em sua casa, incluindo a senhora e excluindo empregados domésticos?

a) Adultos: 18 anos ou mais \_\_\_\_\_

b) Crianças: 6 a 17 anos \_\_\_\_\_

c) Crianças até 5 anos \_\_\_\_\_

d) Total de pessoas \_\_\_\_\_

6 - Quantos filhos a senhora tem? \_\_\_\_\_

7 - Quantos deles moram com a senhora? \_\_\_\_\_

8 - Qual a idade dos filhos da senhora? \_\_\_\_\_

a) \_\_\_\_\_

b) \_\_\_\_\_

c) \_\_\_\_\_

d) \_\_\_\_\_

e) \_\_\_\_\_

f) \_\_\_\_\_

---

**B - BLOCO DE TRABALHO -**

9 - Qual é a sua ocupação principal?

9 B - Você tem algum trabalho remunerado?

9C – Já teve algum trabalho remunerado:

10 – Há quanto tempo você desenvolve esta trabalho remunerado? E os outros trabalhos remunerados, como foram, como foi sua carreira?

11 – Você já teve outros trabalhos remunerados?

12 – Você teve alguma treinamento, curso de formação?

13 – Em média, qual o número de horas que a senhora trabalha por semana nesse trabalho remunerado?

14 – Quando você começou a trabalhar fora, quem te deu apoio nas tarefas domésticas, teve apoio de alguém? Como ficou a distribuição de responsabilidade pelo trabalho doméstico (fazer comida, cuidar dos filhos, limpar a casa, lavar e passar a roupa)?



31 - Na sua vida o que é mais importante e vem em primeiro lugar? E em 2º lugar? E em 3º lugar? Trabalho Remunerado/ Trabalho Doméstico/ Família (outras atividades que desenvolve com a família, quais?)/Estudo(curso de formação)/ Atividade política/ Lazer/ Religião?

32 - Você já teve que enfrentar um momento difícil em sua vida? Que momento foi este? Por que você escolheu esse momento como o mais difícil? Como você descreveria esta situação? Que atitude você tomou? Você teve o apoio de alguém? Por que este apoio foi importante para você? Houve mudanças em sua vida por causa desta situação? Que tipo de mudanças?

33 - Como você descreveria o melhor momento que já viveu em sua vida? Que momento foi este? Por que você escolheu esse momento como o melhor? O que fez com que este fosse o melhor momento? Houve mudanças em sua vida por causa desta situação? Que tipo de mudanças? O que deveria acontecer em sua vida para que houvesse mais momentos como este?

#### D- QUESTÕES DE GÊNERO –

Introdução - Agora nós vamos conversar um pouco sobre a situação das mulheres hoje em dia.

34 - Em comparação com a vida há uns 20 ou 30 anos atrás, você diria que a situação das mulheres hoje: a. Está melhor b. Está pior ou c. Não teve mudanças.

35 – Algumas pessoas acham que as mulheres recebem menos que os homens mesmo ocupando os mesmos cargos. O que você pensa deste assunto? E sobre a divisão de tarefas domésticas também dizem que os homens não gostam de dividir de forma igual os trabalhos domésticos. O que você acha disso? E com relação à autoridade dentro de casa, o homem gosta de ter a última palavra.... Gostaria que você comentasse isso. Sobre a liberdade sexual, você acha que homens e mulheres tem diferença nessa parte? O que mais é diferente entre homens e mulheres ? Enumere as 3 principais diferenças.

36 - Se você pudesse mudar qualquer coisa para que a vida de todas as mulheres melhorasse, qual seria a primeira coisa que você faria? E a segunda? E a terceira?

37 – A partir da sua experiência se você tivesse que explicar para alguém como você definiria o que ‘e ser mulher? Fale um pouco mais porque você pensa assim? Dê um exemplo pra explicar isso melhor?

38 - No convívio de sua família, o que é dito de certo e errado na maneira como uma mulher deve se comportar:

39 - E para o homem - Por quê? (isso é a tipificação e a tipificação formal, ex; sair à noite o homem pode, a mulher não pode; ter experiência sexual fora do casamento). Regras, pede para ela citar dentro da família dela.

40 - A mesma pergunta feita em relação ao comportamento dos homens dentro da família. Por quê?

41 - Há mulheres que você admira? Como você descreveria estas mulheres, que características você destacaria nelas como mulheres?

42 - Se você tivesse que explicar o casamento para um grupo de jovens o que você diria?

43 - O que uma mulher deve fazer para assegurar o “bom funcionamento” de seu casamento (papel da mulher no casamento)?

44 - Repetir a pergunta em se tratando dos homens.

Introdução – Agora vamos conversar sobre coisas um pouco mais pessoais. Tudo bem?\

45 - Como descreveria sua relação com seu marido/companheiro;

46 Com os filhos;

47 Com o corpo;

48 Com a sexualidade;

49 Com as outras pessoas;

50 Com o patrão ou a patroa;

E - EXPERIÊNCIA POLÍTICA

51 - Vou falar algumas atividades e gostaria que você me dissesse quais você costuma fazer. Com que frequência você..... : (sempre, de vez em quando ou nunca)?

ATIVIDADES SEMPRE DVQ NUNCA

a. Lê ou assiste noticiário sobre política 1 2 3

b. Conversa com outras pessoas sobre política 1 2 3

c. Quando tem eleição, tenta convencer outras pessoas a votar nos candidatos que você acha bons 1 2 3

d. Participa de reuniões de associações ou comunidades para tentar resolver problemas do seu bairro ou cidade 1 2 3

e. Participa de reuniões de algum movimento ou causa social 1 2 3

f. Participa de reuniões de partidos políticos 1 2 3

g. Quando tem eleição, faz trabalho voluntário para algum candidato ou partido 1 2 3

h. Faz pedidos para políticos ou funcionários públicos 1 2 3

i. Assina manifestos de protesto ou de reivindicações 1 2 3

j. Participa de manifestações a favor ou contra o governo ou por alguma causa 1 2 3

k. Outra atividade política? Quais? (anote):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

1 2 3

52 - Vou falar de algumas organizações ou entidades sociais e gostaria que você me dissesse, para cada tipo de grupo abaixo, a opção que melhor indica a sua participação nas atividades destes grupos (cite cada item, começando conforme rodízio):

1. Mais de uma vez por semana
2. Uma vez por semana
3. Uma vez por mês
4. Mais de duas vezes ao ano
5. Uma ou duas vezes ao ano
6. Pertence a esse grupo, mas nunca participa

- 7. Não pertence a esse grupo
- 8. NS
- 9. NR

- A) Associação de moradores ou sociedade de amigos do bairro
- B) Associação de defesa do consumidor
- C) Partido político
- D) Grupo de defesa do meio ambiente ou ecológico
- E) Sindicato
- F) Associação profissional
- G) Centro acadêmico, grêmio ou união de estudantes
- H) Grupos Ligados à igreja e outros centros religiosos
- I) Grupo ou associação de assistência social
- Outros \_\_\_\_\_

53 - Pensando uma ordem cronológica, qual foi a 1ª organização que a Senhora participou? E a 2ª? E a 3ª ?

54. Você é simpatizante ou filiada a algum Partido? Qual?

55- Há quanto tempo é simpatizante ou filiada a este partido? (Anos)

56- A senhora já foi filiada a algum outro partido?

- 1) Sim 2) Não 8) NS 9) NR

56b- Quais?

- 1) \_\_\_\_\_ 7) NSA
- 2) \_\_\_\_\_ 8) NS
- 3) \_\_\_\_\_ 9) NR

57. Há ou houve uma participação política na família que te apresentou para esta experiência na política?

58. Existem mulheres que você citaria como exemplo, ou mulheres na vida política que te marcaram muito, por quê?

59. Você tem ou teve exemplos em sua família de mulheres envolvidas em política ou em movimentos sociais?

60. Quando e em que situação você começou a se interessar pelo que acontecia na sua comunitária?

i. Houve algumas questões, problemas da vida naquela comunidade que chamaram sua atenção? Quais?

ii. Como começou a participar de atividades comunitárias e políticas?

iii. Como você organizou estes novos interesses junto com sua vida familiar – houve pressões do marido, ou pai ou familiares, filhos, etc?

iv. Como você chegou a uma posição de liderança política?

61 – Depois que você entrou para a vida política, alguma coisa mudou no seu dia a dia doméstico? De quem é a responsabilidade dos cuidados com os filhos, em sua casa?

62 - Quem leva os filhos para a escola?

63 – Sobre as tarefas domésticas, no que mudou depois que você entrou para a política? : a) por exemplo, fazer a comida -----; b) lavar as vasilhas -----; c) limpar a casa -----; d) arrumar a cozinha -----; e) lavar e passar a roupa.

# ANEXO 2

**QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS MULHERES DE 2008 –  
(NO I CURSO DE CAPACITAÇÃO POLÍTICO-FEMINISTA DE  
MULHERES LÍDERES, ou I LIDFEM)**

1 - Município: \_\_\_\_\_

2 - Zona Residencial:

1) Urbana \_\_\_\_\_

2) Rural \_\_\_\_\_

3 - Religião:

1) Evangélica \_\_\_\_\_

2) Umbanda, Candomblé, religião de origem africana \_\_\_\_\_

3) Espírita

4) Católica

5) Outra religião \_\_\_\_\_

8) NS

9) NR

4 - Idade: \_\_\_\_\_

5 - Partido: \_\_\_\_\_

6 - Há quanto tempo é filiada a este partido? (Anos)

\_\_\_\_\_

7 - A senhora já foi filiada a algum outro partido?

1) Sim 2) Não 8) NS 9) NR

7b- Quais?

1) \_\_\_\_\_ 7) NSA

2) \_\_\_\_\_ 8) NS

3) \_\_\_\_\_ 9) NR

8 - Escolaridade:

1) 1ª a 4ª série incompleta.

2) 1ª a 4ª série completa.

3) 5ª a 8ª série incompleta.

4) 5ª a 8ª série completa.

5) Ensino Médio incompleto

6) Ensino Médio completo

7) Superior

8) Pós-graduação

88) NS

99) NR

9 - Cor ou Raça:

1) Branca

2) Preta

3) Parda

4) Amarela

5) Indígena

8) NS

9) NR

10 - Estado Civil:

1) Solteira (SALTAR QUESTÕES 13 E 16)

2) Casada

3) Separada (SALTAR QUESTÕES 13 E 16)

4) Divorciada (SALTAR QUESTÕES 13 E 16)

5) Viúva (SALTAR QUESTÕES 13 E 16)

6) União estável

8) NS

9) NR

11 - Qual é/foi o grau de escolaridade do seu pai?

1) 1ª a 4ª série incompleta.

2) 1ª a 4ª série completa.

3) 5ª a 8ª série incompleta.

4) 5ª a 8ª série completa.

5) Ensino Médio incompleto

6) Ensino Médio completo

7) Superior

8) Pós-graduação

88) NS

99) NR

12 - Qual é/foi o grau de escolaridade da sua mãe?

1) 1ª a 4ª série incompleta.

2) 1ª a 4ª série completa.

3) 5ª a 8ª série incompleta.

4) 5ª a 8ª série completa.

5) Ensino Médio incompleto

6) Ensino Médio completo

7) Superior

8) Pós-graduação

88) NS

99) NR

13 - Qual é/foi o grau de escolaridade de seu cônjuge?

1) 1ª a 4ª série incompleta.

2) 1ª a 4ª série completa.

3) 5ª a 8ª série incompleta.

4) 5ª a 8ª série completa.

5) Ensino Médio incompleto

6) Ensino Médio completo

7) Superior

8) Pós-graduação

77) NSA

88) NS

99) NR

14 - Qual é a sua ocupação principal, ou atividade profissional?

---

15 - Em média, qual o número de horas que a senhora trabalha por semana?

---

777) NSA

16 - Qual é a ocupação principal, ou atividade profissional, do seu cônjuge?

---

77) NSA

17 - Renda individual mensal: \_\_\_\_\_

77) NSA

18 - Renda familiar mensal: \_\_\_\_\_

77) NSA

19 - Quantas pessoas residem em sua casa, incluindo a senhora e excluindo empregados domésticos?

1) Adultos: 18 anos ou mais \_\_\_\_\_

2) Crianças: 6 a 17 anos \_\_\_\_\_

3) Crianças até 5 anos \_\_\_\_\_

4) Total de pessoas \_\_\_\_\_ (Não ler)

00) Nenhuma

88) NS

99) NR

20 - Quantos filhos a senhora tem? \_\_\_\_\_

21 - Quantos deles moram com a senhora? \_\_\_\_\_ 77) NSA

22 - Qual a idade dos filhos da senhora? \_\_\_\_\_

1) \_\_\_\_\_

2) \_\_\_\_\_

3) \_\_\_\_\_

4) \_\_\_\_\_

5) \_\_\_\_\_

6) \_\_\_\_\_

777) NSA

888) NS

999) NR

23 – Quanto tempo por semana, aproximadamente, a Sra. gasta com as seguintes atividades? (completar quadro com número de horas por atividade)

24 – Na sua vida o que é mais importante e vem em primeiro lugar? E em 2º lugar? E em 3º lugar? (completar quadro com ordem dos três primeiros mais importantes)

Questão/ Atividade      Questão 23    Questão 24

Família \_\_\_\_\_

Trabalho \_\_\_\_\_

Estudo \_\_\_\_\_

Atividade política \_\_\_\_\_

Lazer \_\_\_\_\_

Religião \_\_\_\_\_

25 – Antes da sua entrada na política, o tempo que a Sra. dedicava a essas atividades era diferente? (se NÃO, pular para questão 30)

0. Não      1. Sim

26 – Antes da sua entrada na política, a maneira de ordenar as atividades que você julga mais importantes era diferente? (se NÃO, pular para questão 31)

0. Não      1. Sim

27 - Em comparação com a vida há uns 20 ou 30 anos atrás, você diria que a situação das mulheres hoje:

1. Está melhor    2. Está pior    ou    3. Não teve mudanças.

4.Outras \_\_\_\_\_ respostas

(anote): \_\_\_\_\_

8. NS

9.NR

28 - Pensando no mundo de hoje, quais são para você as principais diferenças que existem entre as mulheres e os homens? O que mais é diferente? Enumere as 3 principais diferenças.

8. NS

9.NR

29 - Se você pudesse mudar qualquer coisa para que a vida de todas as mulheres melhorasse, qual seria a primeira coisa que você faria? E a segunda? E a terceira?

8. NS

9.NR

30 – (para as que responderam SIM na questão 25) Antes da sua entrada na política, aproximadamente, quanto tempo por semana a Sra. gastava com as seguintes atividades? (completar quadro com número de horas por atividade)

77 – NSA

31 - ( para as que responderam SIM na questão 26 )

Na sua vida, antes da sua entrada na política, o que era mais importante e vinha em 1º lugar? E em 2º lugar? E em 3º lugar? (completar quadro com ordem dos três primeiros mais importantes)

77 – NSA

Questão/ Atividade      Questão 23    Questão 24

Família \_\_\_\_\_

Trabalho \_\_\_\_\_

Estudo \_\_\_\_\_

Atividade política \_\_\_\_\_

Lazer \_\_\_\_\_

Religião \_\_\_\_\_

32 - Vou ler algumas questões sobre família e gostaria que você dissesse se concorda ou discorda destas frases: (PERGUNTAR CONCORDA OU DISCORDA? TOTALMENTE OU EM PARTE?)

1. Concorda totalmente
2. Concorda em parte
3. Não concorda nem discorda
4. Discorda em parte
5. Discorda totalmente
8. NS
9. NR

1. Uma mãe que trabalha fora pode dar à sua família um melhor nível de vida.

2. É principalmente o homem quem deve sustentar a família.

3. Homens e mulheres deveriam dividir igualmente o trabalho doméstico.

4. Quando têm filhos pequenos, é melhor que o homem trabalhe fora e a mulher fique em casa.

5. Uma pessoa sozinha pode criar os filhos tão bem quanto um casal que vive junto.

6. O divórcio geralmente é a melhor solução quando um casal não consegue resolver seus problemas de relacionamento.

7. A mulher que faz um aborto deve ser presa, independente das circunstâncias que a levaram a tomar esta decisão.

8. A mulher casada deve fazer sexo com o marido sempre que ele quiser.

9. A mulher tem o direito de punir seu cônjuge em caso de infidelidade.

33 - Atualmente no Brasil, por lei o aborto só é permitido nos casos em que a gravidez cause risco de vida para mãe e nos casos de gravidez causada por estupro. Qual destas frases descreve melhor a sua opinião, sobre isso: (leia até a frase 3, enumerando-as)

1. A lei deve ficar como está,

2. O aborto deveria ser proibido por lei em todos os casos, ou

3. O aborto deveria deixar de ser crime em todos os casos?

4. Outras respostas (NÃO LER):

8. NS (NÃO LER)

9. NR (NÃO LER)

34 – O que a sra e seu cônjuge fazem com o salário que recebem?

1. Eu administro todo o dinheiro e dou a meu esposo sua parte.

2. Meu esposo administra todo o dinheiro e me dá a minha parte.

3. Nós juntamos parte do dinheiro e mantemos o resto separado.

4. Cada um de nós mantém seu próprio dinheiro separado.

7. NSA (não tem cônjuge)

8. NS

9. NR

35 - Você, concorda ou discorda com:

Concorda    Discorda    NS    NR

A legalização da união entre pessoas do mesmo sexo.    1    2

8    9

O aborto deixar de ser crime.    1    2    8    9

A pena de morte.    1    2    8    9

Os homens são, no geral, superiores às mulheres.    1    2

8    9

36 - Agora eu vou citar algumas propostas de combate à violência contra a mulher, que os governos fazem ou poderiam fazer, e gostaria que você me dissesse qual delas você acha a mais importante para as mulheres que sofrem violência? (mostrar cartão e ler junto com a entrevistada) E em segundo lugar, qual seria a mais importante? E em terceiro lugar?

Aplicar rodízio

Ordem de importância

A Criação de abrigos para mulheres e seus filhos que sofrem violência em casa

B Atendimento psicológico para as vítimas de violência

C Delegacias especializadas no atendimento das mulheres vítimas

D Serviços de advogados para orientação jurídica

E Campanhas na tv e no rádio contra a violência sofrida pela mulher

F Serviço de telefone gratuito – 0800 - para socorro e orientação das mulheres vítimas de violência - sos mulher

88 – NS

99 – NR

37 - Por lei, todo cidadão brasileiro ou e cidadã tem vários direitos, mesmo que na prática nem todos esses direitos sejam respeitados. Como cidadã, qual é o direito que você considera mais importante? (PAUSA) E em 2o lugar? E pensando só nas mulheres, na sua opinião qual é o direito mais importante? (Usar quadro a seguir)

38 - (para cada direito citado) Você diria que, atualmente no Brasil, esse direito é: totalmente respeitado; parcialmente respeitado; ou não é respeitado? (Usar quadro abaixo)

<u>37</u>	<u>38</u>			
<u>Direitos mais importantes</u>	<u>Totalmente</u>	<u>Parcialmente</u>		
<u>respeitado</u>	<u>Não é respeitado</u>		<u>Não sabe</u>	
<u>1º lugar</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
<u>2º lugar</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>
<u>Mulher</u>	<u>1</u>	<u>2</u>	<u>3</u>	<u>4</u>

39 - Vou falar de algumas organizações ou entidades sociais e gostaria que você me dissesse, para cada tipo de grupo abaixo, a opção que melhor indica a sua participação nas atividades destes grupos (cite cada item, começando conforme rodízio):

1. Mais de uma vez por semana
2. Uma vez por semana
3. Uma vez por mês
4. Mais de duas vezes ao ano
5. Uma ou duas vezes ao ano
6. Pertence a esse grupo, mas nunca participa

7. Não pertence a esse grupo

8. NS

9. NR

A) Associação de moradores ou sociedade de amigos do bairro

B) Associação de defesa do consumidor

C) Partido político

D) Grupo de defesa do meio ambiente ou ecológico

E) Sindicato

F) Associação profissional

G) Centro acadêmico, grêmio ou união de estudantes

H) Grupos ligados à igreja e outros centros religiosos

I) Grupo ou associação de assistência social

J) Outros \_\_\_\_\_

—

40 - Pensando uma ordem cronológica, qual foi a 1ª organização que a Senhora participou? E a 2ª? E a 3ª ?

41 - Vou falar algumas atividades e gostaria que você me dissesse quais você costuma fazer. Com que frequência você...(leia uma frase de cada vez, aplicando o rodízio)... : sempre, de vez em quando ou nunca?

ATIVIDADES    SEMPRE    DVQ    NUNCA

a. Lê ou assiste noticiário sobre política    1    2    3

b. Conversa com outras pessoas sobre política    1    2    3

c. Quando tem eleição, tenta convencer outras pessoas a votar nos candidatos que você acha bons    1    2    3

d. Participa de reuniões de associações ou comunidades para tentar resolver problemas do seu bairro ou cidade    1    2    3

e. Participa de reuniões de algum movimento ou causa social    1    2    3

f. Participa de reuniões de partidos políticos    1    2    3

g. Quando tem eleição, faz trabalho voluntário para algum candidato ou partido    1    2    3

h. Faz pedidos para políticos ou funcionários públicos    1    2    3

i. Assina manifestos de protesto ou de reivindicações 1 2  
3

j. Participa de manifestações a favor ou contra o governo ou por alguma causa 1 2 3

k. Outra atividade política? Quais? (anote):

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_ 1 2 3

42 - Na opinião da Sra., em seu Partido, há a presença de discussões do tema “mulheres na política” na agenda partidária?

0. Não 1. Sim

43 - Na hora de apresentar candidaturas as mulheres são:

1. Mais valorizadas que os homens.

2. Tão valorizadas quanto os homens.

3. Menos valorizadas que os homens.

44 - Na opinião da Sra. a exigência que os partidos apresentem no mínimo 30% de candidaturas de cada sexo têm contribuído para ampliar a participação feminina no legislativo? Utilize a seguinte escala onde 1. indica que não contribui em nada, e 10. contribui muito.

Não contribuiu

nada Contribuiu

muito NS NR

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 88

99

45 - Qual dessas frases representa melhor a sua opinião sobre mulheres governarem: (mostre CARTÃO e leia as alternativas abaixo, enumerando-as, junto com a entrevistada)

1. As mulheres estão preparadas para ser Prefeitas, mas não o Governadoras de estado nem Presidentes do país.

2. As mulheres estão preparadas para ser Prefeitas, Governadoras de estado mas não Presidentes do país.

3. As mulheres estão preparadas para ser Prefeitas, Governadoras de estado e Presidentes do país.

4. As mulheres não estão preparadas para governar

8. NS

9. NR

46 - Gostaria que a Sra. me indicasse qual(uais) o(s) motivo(s) e interesses que a levaram à política? ( pode escolher mais de um motivo – não ler)

1. Querer mudar a situação político-social.

2. Foi convidada pelo Partido Político.

3. Porque tem parentes ligados à política.

4. Por ativismo político anterior.

5. Só entrou para o partido para cumprir cotas.

6. Outros

---

8. NS

9. NR

47 - Como o seu cônjuge ou, se não é casada, sua família vê a sua participação na política?

1. Estimula e apóia.

2. É indiferente.

3. Desestimula e não apóia.

4. Não participa / não têm cônjuge nem família

8. NS

9. NR

48 - Quais foram as barreiras que a Sra. já precisou transpor para chegar a sua candidatura?

1. Falta de apoio familiar.

2. Preconceito pela presença das mulheres na política.

3. Assédio Moral e/ou sexual.

4. Financeiro/Econômico

5. Desinteresse do Partido.

6. Não tive barreiras.

- 7. Outras
- 8. NS
- 9. NR

49 - Quais forma os tipos de apoio que a Sra. recebeu para se candidatar?

- 1. Da família, amigos e parentes.
- 2. Dos movimentos de atuação política anterior.
- 3. De recursos financeiros e econômicos.
- 4. Do Partido Político.
- 5. Não teve apoio.
- 6. Outros.
- 8. NS
- 9. NR

50 – Qual é, em sua opinião, o principal problema enfrentado pelas mulheres:

\_\_\_\_\_ no seu país  
(e em segundo lugar, e em terceiro?) \_\_\_\_\_ no seu estado (e em  
segundo lugar, e em terceiro?) \_\_\_\_\_ na sua cidade / região  
(e em segundo lugar, e em terceiro?)

1º Lugar \_\_\_\_\_

2º Lugar \_\_\_\_\_

3º Lugar \_\_\_\_\_

51 – A Senhora sabe o que é uma plataforma política?

\_\_\_\_\_ 0. Não (Vá para 53) \_\_\_\_\_ 1. Sim

52 - Quais são os principais temas da sua plataforma política? (PULAR  
QUESTÃO 53)

Primeiro tema mais importante: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Por que esse tema? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Segundo tema mais importante: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Por que esse tema? \_\_\_\_\_

---

Terceiro tema mais importante: \_\_\_\_\_

---

Por que esse tema? \_\_\_\_\_

---

77 – NSA

53 - A sua campanha possui alguma temática central a ser discutida?

Qual (is)?

Primeiro tema mais importante: \_\_\_\_\_

---

Por que esse tema? \_\_\_\_\_

---

Segundo tema mais importante: \_\_\_\_\_

---

Por que esse tema? \_\_\_\_\_

---

Terceiro tema mais importante: \_\_\_\_\_

---

Por que esse tema? \_\_\_\_\_

---

77 – NSA

54 - Quem definiu esses temas? \_\_\_\_\_

---

---

55 - Como foram definidos estes temas principais? \_\_\_\_\_

---

---

56 – A) Na definição destes temas, houve/há alguma referência às questões da mulher?

0. Não. 1. Sim.

B) Se a entrevistada responder SIM:

Quais?

---

---

---

---

77 – NSA

Avaliação Geral

O que a senhora espera conseguir com o Curso de Capacitação? Qual seria a sua expectativa em relação a este Curso?

---

---

---

---

---

---

---